Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 24 DE MARÇO DE 1974 N.º 18407 — ANO 53.º — PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

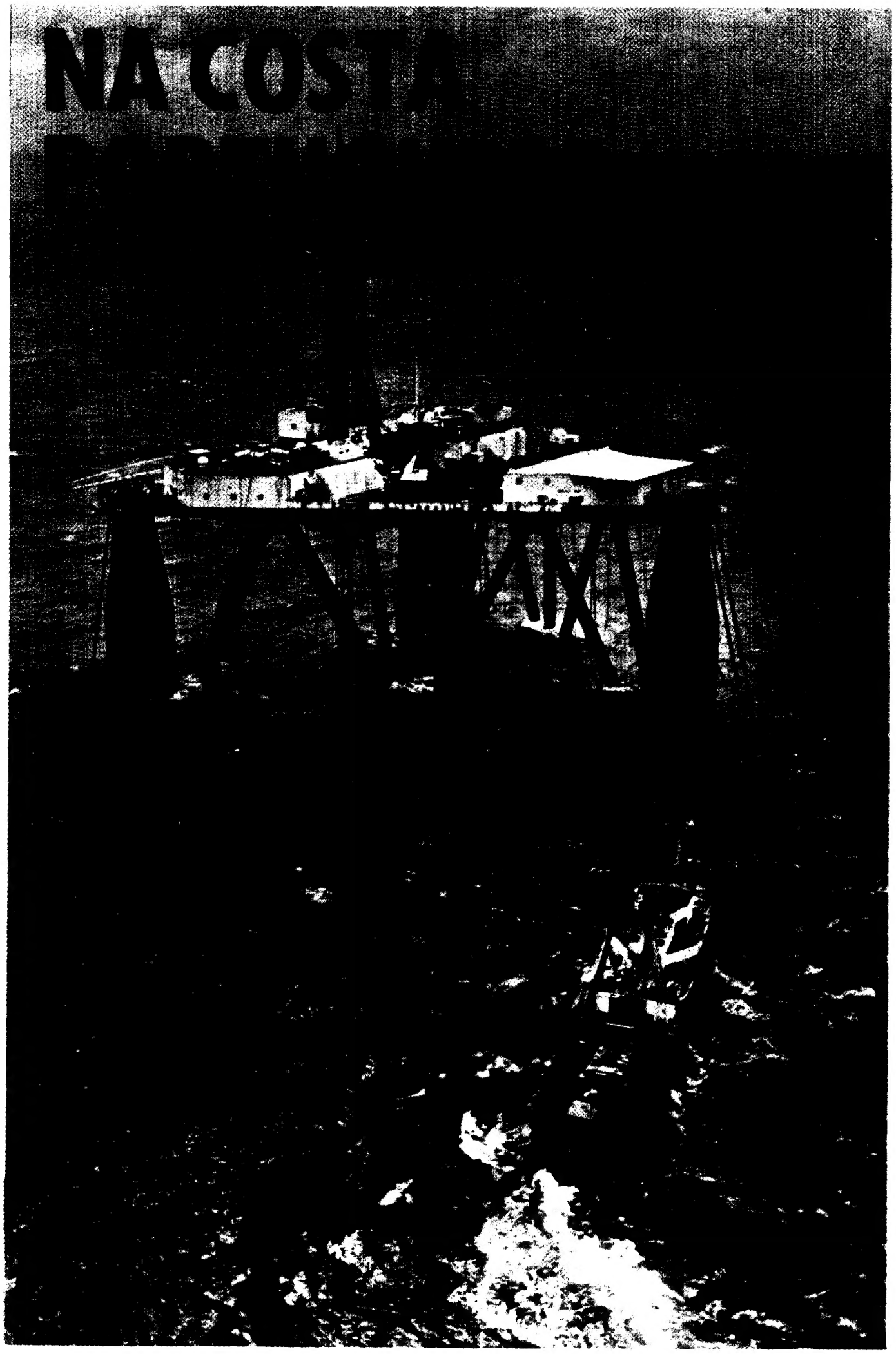
PROSPECÇÃO DE PETRÓLEO

A CHEGADA DA PRIMEIRA PLATAFORMA

A hipótese de que o «ouro negro» corre há séculos nas profundidades da faixa marítima que envolve o território nacional, avolumou-se ultimamente, quando um grupo numeroso de firmas especializadas acorreu ao concurso de prospecção de petróleo aberto pelo Governo.

O «Diário de Lisboa» apresenta nesta edição uma desenvolvida reportagem sobre o início dos trabalhos de pesquisa ao mesmo tempo que reproduz (como se vê ao lado) a primeira foto a cores de uma plataforma que vem a caminho de Lisboa.

Páginas VIII e IX



O estilo paranóico duma discussão transatlântica

Jobert:

Somos acusados de seguir uma política de cada um por si. Não é exactamente o que os Estados Unidos estão a fazer? Estão simplesmente a defender os seus interesses. O Governo de Nixon não tem nada para nos oferecer

Kissinger:

Se enfrentarmos os europeus (quanto ao petróleo) venceremos. Os europeus não podem competir nem num milhão de anos. Os franceses têm uma elevada capacidade para semear a discórdia, mas não têm capacidade para fazer seja o que for de construtivo

A MAIS PERIGOSA VIAGEM DE BARCO DO MUNDO

Pág: IV

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

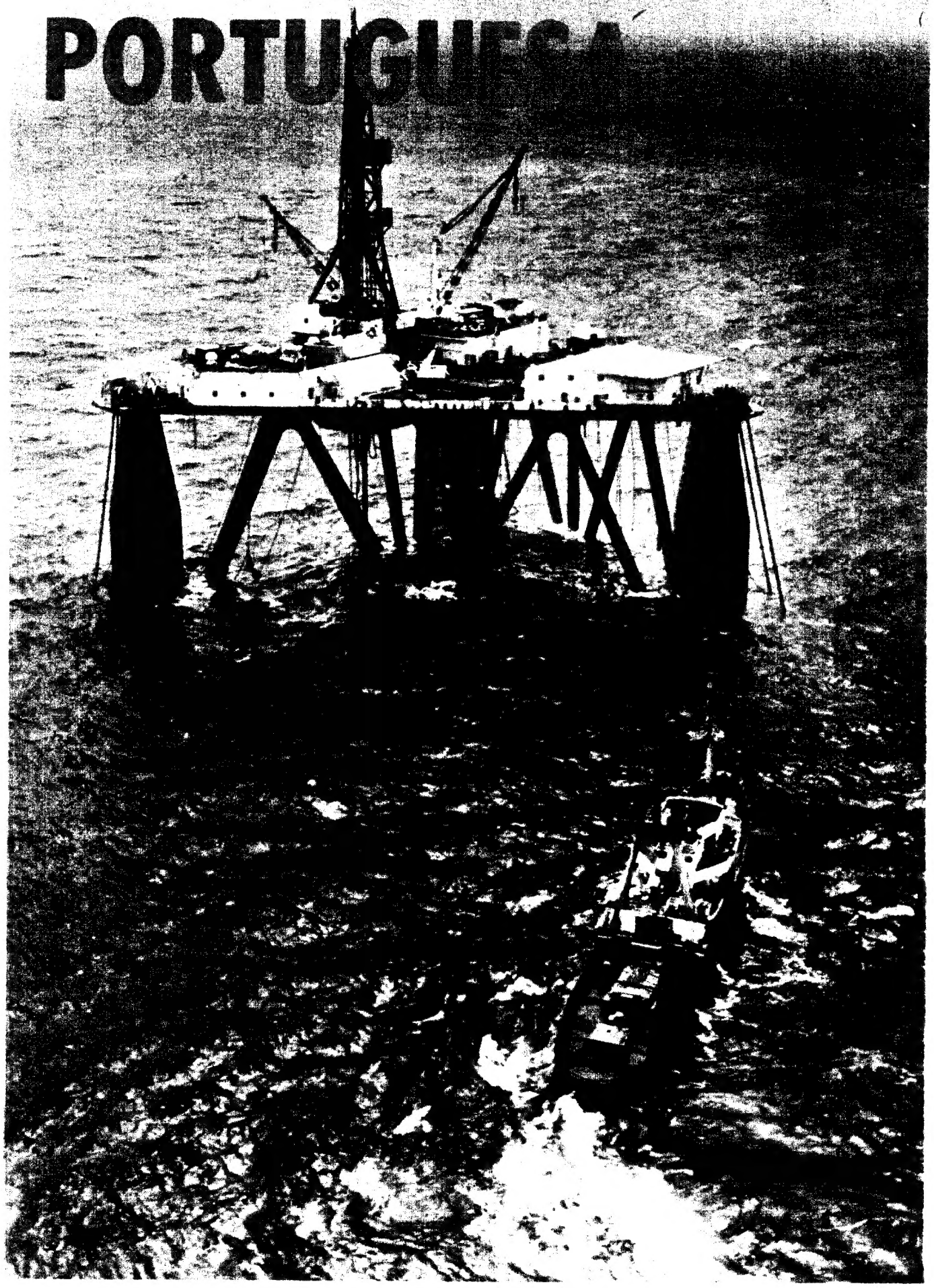
DOMINGO, 24 DE MARÇO DE 1974 N.º 18407 — ANO 53.º — PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

PROSPECÇÃO DE PETRÓLEO

A CHEGADA DA PRIMEIRA PLATAFORMA

NA COSTA PORTUGUESA



A hipótese de que o «ouro negro» corre há séculos nas profundidades da faixa marítima que envolve o território nacional, avolumou-se ultimamente, quando um grupo numeroso de firmas especializadas acorreu ao concurso de prospecção de petróleo aberto pelo Governo

O «Diário de Lisboa» apresenta nesta edição uma desenvolvida reportagem sobre o início dos trabalhos de pesquisa ao mesmo tempo que reproduz (como se vê ao lado) a primeira foto a cores de uma plataforma que vem a caminho de Lisboa

Páginas VIII e IX

Jobert:

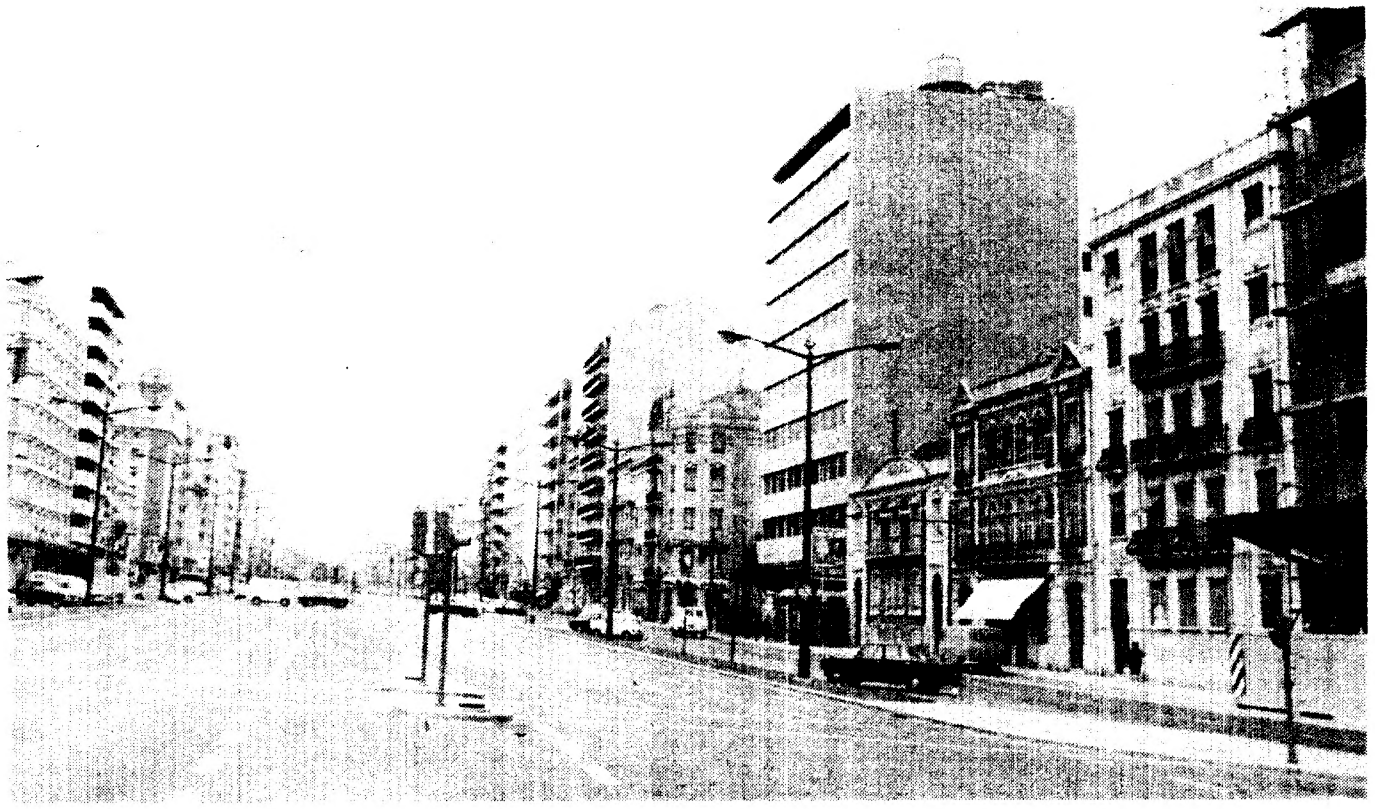
Somos acusados de seguir uma política de cada um por si. Não é exactamente o que os Estados Unidos estão a fazer? Estão simplesmente a defender os seus interesses. O Governo de Nixon não tem nada para nos oferecer

Kissinger:

Se enfrentarmos os europeus (quanto ao petróleo) venceremos. Os europeus não podem competir nem num milhão de anos. Os franceses têm uma elevada capacidade para semear a discórdia, mas não têm capacidade para fazer seja o que for de construtivo

A MAIS PERIGOSA VIAGEM DE BARCO DO MUNDO

Pág. IV



A cidade planeada

CIDADE É UM VERBO MUITO MAIS QUE UM SUBSTANTIVO

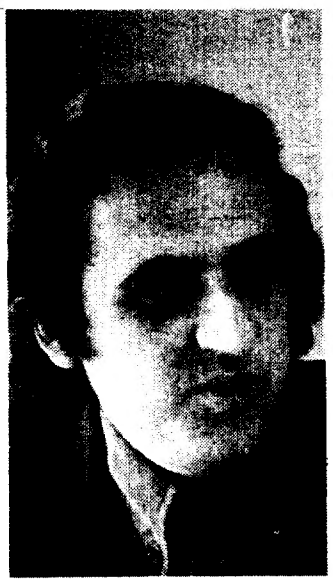
O arquitecto Nuno Portas, que é colaborador regular do «Diário de Lisboa» e o nosso especialista em assuntos de arquitectura e urbanismo, acedeu amavelmente ao nosso convite para encerrar a série de reportagens intituladas Como os nossos arquitectos vêem a nossa cidade» a qual despertou o mais vivo interesse não só junto de arquitectos e urbanistas como entre o público em geral.

Neste primeiro artigo da sua análise, Nuno Portas teoriza com o brilho que lhe é conhecido, o problema das relações do arquitecto com o meio em que tem de intervir.

Por NUNO PORTAS

Durante uma boa dúzia de semanas o «Diário de Lisboa» ouviu outros tantos arquitectos mais ou menos conhecidos, mais ou menos jovens, mais ou menos responsáveis pelas arquitecturas que se fazem ou pintam, se aprovam ou se negam. E, tendo de concluir a série, solicitou-me uma espécie de conclusão, não por me ser conferida qualquer especial competência mas, simplesmente, porque há muito escrevo — embora não muito — para este jornal.

Os problemas abordados têm suficiente importância para justificar um trabalho sobre as opiniões publicadas detectando algumas tendências e contrastes que, como leitor, mais me interessaram e que julguei útil voltar a discutir.



1. Os arquitectos

E curioso notar que a iniciativa do jornal partia da hipótese de que os entrevistados, por serem arquitectos, teriam especial competência para dissertarem sobre a organização da cidade. E desde logo ressaltam dois problemas: por um lado, uma visão arquitectónica da realidade urbana que podia ser esclarecedora pelo que sintetiza de contribuições técnicas com facilidade tende a identificar em arrumar da cidade (falando de equilíbrio, harmonia, ordenamento, etc.), com um arrumar da própria sociedade, ou pelo menos como algo de independente da desordem desta; por outro lado, para os arquitectos que hoje reconhecem o que há de abusivo e de «ideológico» nessas atitudes, tem-se vindo a impor uma radicalização crítica que tende a dar a César o que é de Cesar ou seja, neste caso, à própria organização da cidade. Daí que, para desespero dos cidadãos-leitores, em vez de soluções para os problemas imediatos, do tráfego, da habitação ou do recreio, os entrevistados tenham sobretudo abordado desde pontos de vista políticos muito diferentes as relações de dependência ente a administração urbanística camarária ou central as forças económicas privadas sobretudo do sector imobiliário, eles próprios, arquitectos, e as populações afectadas.

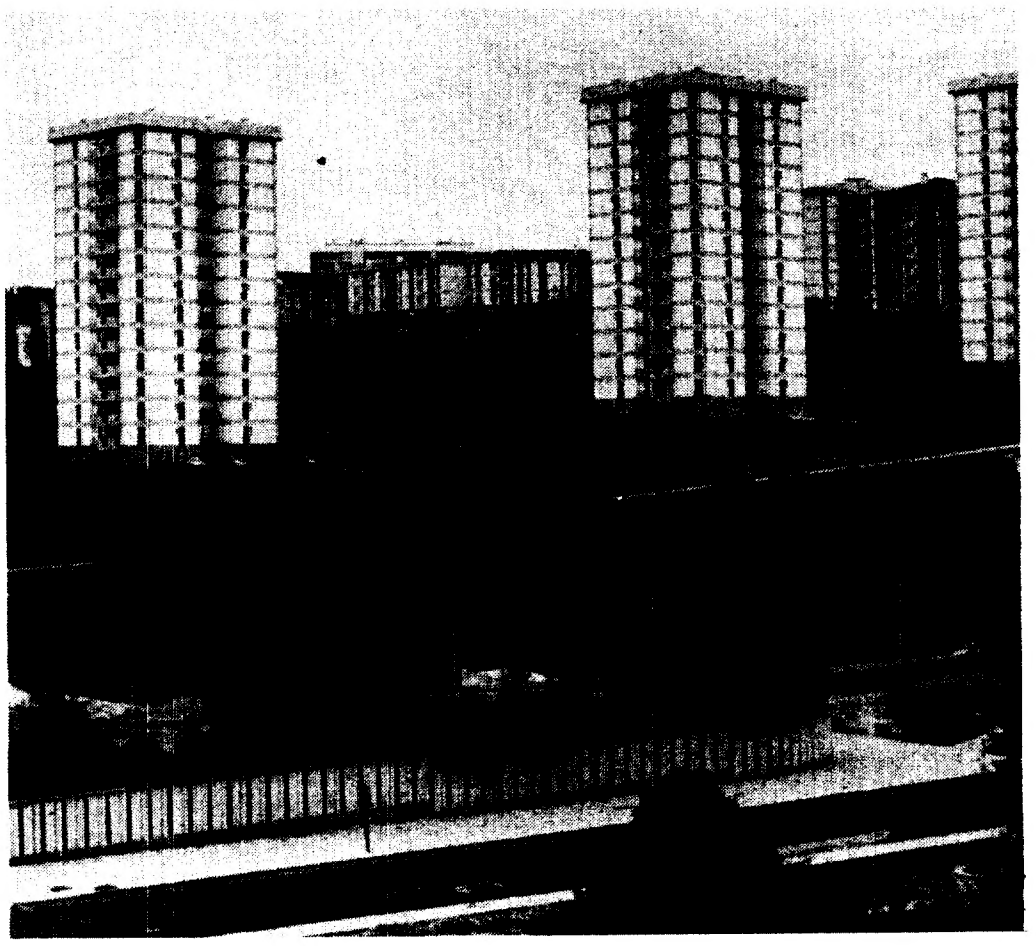
De facto, poder-se-á perguntar se os «nossos arquitectos» têm, por sêlo, óculos mais potentes para «ver a nossa cidade». Mais potentes, por exemplo, do que os do público em geral que pelo senso comum a vive e aguenta na vida de todos os dias impotente para nela intervir a nível colectivo. Ou do que outros especialistas como, por exemplo, os médicos que auscultam as nossas «doenças urbanas», os que fazem análise política, social e económica e poderiam explicar por números como esta «fábrica» joga na estratégia dos grupos económicos e as leis e instituições se lhes adaptam; os especialistas de transportes que observam os constantes entupimentos na complexa canalização que assegura as relações entre as pessoas, as actividades ou os bens. E poder-se-ia ir por aí adiante.

Acontece que os arquitectos vivem de projectar muitas das inúmeras pequenas e grandes alterações na tal «fábrica urbana» e assumem a responsabilidade, ao fim e ao cabo, pelo menos por essa fachada mutante do espaço da cidade.

Assim, quando o público, os cidadãos aplaude que «a cidade é um caos» e uma desastrada acumulação de erros e banalidades, vieram-se instintivamenteparaaprofissão dos que desenham edifícios em bairros num misto de acusação pelo que vêm fazendo e de esperança de que possam salvar o doente.

Ora os arquitectos se teriam especial obrigação de ver, para além do senso comum, para onde as coisas vão, de entender os processos económicos e sociais onde o seu trabalho se encaixa — e de o explicar, bem explicado, aos seus concidadãos, parecem sentir-se demasiado metidos naqueles processos para poderem definir com clareza a sua «margem de manobra» e portanto de responsabilização ou, como se diz agora, a sua hipotética autocura disciplinar.

Daí que, para alguns, a lógica do sistema económico dominante seja



A cidade desorganizada

uma entidade quase mítica, inelutável e sem contradições internas que se denuncia por grandes palavras (de preferência adjectivos) e autoriza o desinteresse por qualquer intervenção reactiva através do trabalho profissional.

Daí que, para outros, essa lógica seja pura e simplesmente desconhecida ou escamoteada para permitir discursos optimistas, panaceias ou palavras de moda, transpostas de revistas ou de consultores estrangeiros sem confronto com o contexto que apenas lhes pode dar sentido. Como quem diz: «ah! se fosse eu, competente ou mesmo génio, a projectar este centro, aquele bairro, esta cidade, o futuro dessa região!»; ou ainda: «se porventura fosse a administração pública capaz de planear, coordenar, controlar, programar, vigiar, capacidade e competência não faltam à minha equipa (até é interdisciplinar!) para pôr na ordem e imprimir uma imagem a este caos urbano!»

Caricaturando as duas posições extremas, no entanto abundantes, apenas quereria aclarar o que de ambas me afasta: na primeira, a perda de alguma luta que esteja na nossa mão fazer; na segunda e mais grave, a tentativa de escamotear o que não está nem pode estar na nossa mão, de arquitecto, fazer.

A verdade é que boa parte dos arquitectos entrevistados parece ter ultrapassado este fácil dualismo; o arquitecto aparece como personagem reconhecidamente ambígua, actuando num processo que se conjuga, como diz Mário Martins, em todas as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles. De facto «cidade» é um **verbo** — um campo de acções de multiplos sujeitos, tempos e modos — muito mais que um **substantivo** — uma coisa, um objecto que se resumiria na configuração que eu, «criador», lhe dou e na pressão que eu, «técnico» lhe atribuo. E, se nos dispuséssemos a dizer toda a verdade, deveríamos esclarecer em que medida «damos a forma» ou «atribuímos a função» a um ambiente que projectamos — questões que devem ser postas aos convencidos, ou aos que nos querem convencer, de que o projectista genial ou o gabinete eficiente podem autolegitimar-se como inventores de boas e isentas soluções para os problemas «que só não cumprem tão humanitária missão para a vida de todos os dias dos cidadãos porque a administração pública é incapaz de assumir as suas responsabilidades».

Volto portanto a pôr as questões aos que chamei de arquitectos 1convencidos». A primeir: onde estão os critérios objectivos que os levam a presumir da isenção das suas propostas técnicas e/ou poéticas? Não estarão os critérios de **avaliação** social de uma dada proposta — a densidade e o ambiente de um bairro, a localização e concepção de um «centro», a decisão de uma expansão do subúrbio ou da usbsituição de um velho lote por um novo bloco, — fora dos limites convencionais da competência profissional? Não será antes que, ao assinar as tais propostas, fazemos apêlo a juízos de valor pelos quais nos substituimos aos próprios utentes ou, e, os substituímos por critérios de rentabilidade da promoção?

Não será que, para propormos «soluções» mais ou menos ambiciosas, haverá que examinar as condições e contradições reais — e aqui chamo a atenção para dois depoimentos que se ocuparam da explicação do crescimento e formação das desigualdades na grande Lisboa — haverá que simuarl os efeitos múltiplos de tais «soluções» e não apenas a redução da sua imagem arquitetónica (a arquitectura não é propriamente redentora...).

Para tomar um exemplo comum, neste momento em que cada terreno mais ou menos bem situado na cidade rica tem logo «vocação» de grande centro, pode o técnico propor a promoção intempestiva de uma dada concentração de actividades que chamaria «de luxe» (empresas, hotéis, armazém ou «drugshore», espectáculos e «parking», etc.), sessegando os violentos

(Continua na pág. XV)

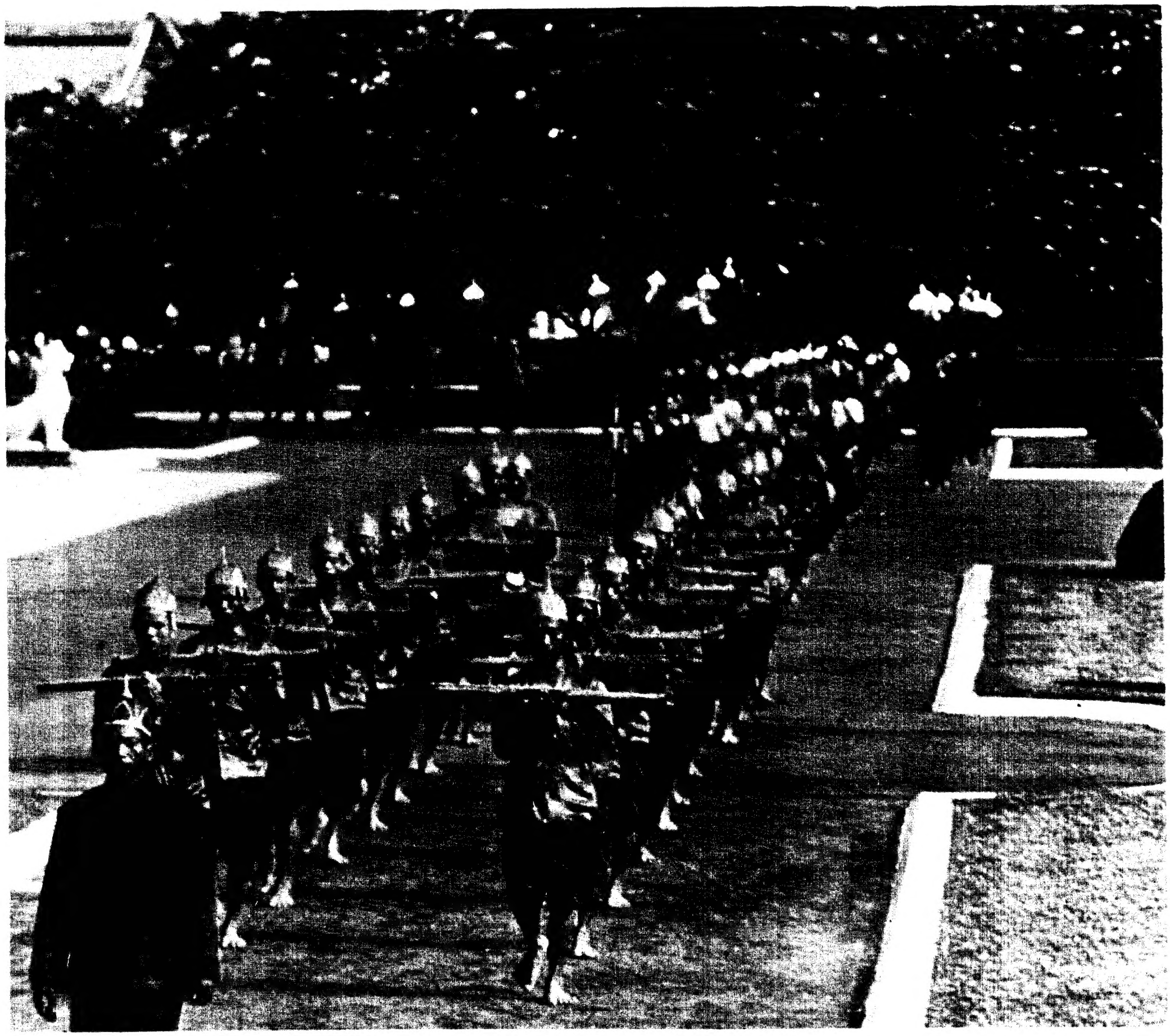
Festeje cada dia que passa com a fragrância fresca e estimulante de alliage, a primeira fragrância desportiva criada por Estée Lauder

alliage é a verdadeira essência do mundo natural. Tão fresca, verde e estimulante, que uma mulher pode usá-la durante todo o dia e toda a noite, dentro e fora de casa, sem nunca se cansar do seu perfume divinamente fresco.

Foi por isso que Estée Lauder criou alliage. Para que a mulher pudesse ter um perfume com o qual vivesse. Uma fragrância que se harmonizasse com um estilo de vida moderna, casual, prático – fazendo de cada dia um dia diferente, novo, fresco, preenchido por uma nova alegria de viver!

Viva neste glorioso novo mundo de perfume, com alliage Sport Perfume alliage Sport Spray Eau d'alliage

À venda em todos os depositários Estée Lauder



«COMBOIO» PARA O CAMBOJA

A MAIS PERIGOSA VIAGEM DE BARCO DO MUNDO

Jon Swain e a sua perigosa rota

Levar abastecimentos a Phnom Penh, a sitiada capital do Camboja, é uma ocupação perigosa. O transporte por terra foi eliminado pelos khmers vermelhos, os rebeldes comunistas do Camboja, e Phnom Penh depende agora, quase totalmente, dos comboios que sobem o rio Mecongue, a partir de Saigão, passando pelo meio de um nutrido fogo comunista, vindo das margens. Durante os últimos seis meses, vários barcos foram afundados e cerca de uma dúzia de marinheiros morreram. Jon Swain relata a seguir a mais perigosa viagem de barco do Mundo.

Por JON SWAIN
Exclusivo «The Sunday Times»/«Diário de Lisboa»

Juntei-me ao comboio TTT73 em Saigão, e escolhi um cargueiro chamado **Bonanza Three** para fazer a viagem até Phnom Penh. Tinha duas razões para escolher o **Bonanza Three:** a sua casa da roda do leme — nosso refúgio durante os ataques — estava protegida por uma parede de sacos de areia mais espessa do que o normal; e o seu comandante, o capitão Herri Pentoh, era um «verdadeiro conhecedor», segundo a opinião de um oficial de ligação americano, do caminho para Phnom Penh.

Chegámos na noite seguinte a Tan Chau, uma rica cidade ribeirinha vietnamita perto da fronteira do Camboja, depois de uma encantadora viagem isenta de complicações através de uma zona campestre de um verde luxuriante, durante a qual cruzámos com sampanas que baloiçavam nas águas e vimos plácidas aldeias de pescadores, que nos mostraram o Vietname a uma luz rara e atractiva.

Agora, em Tan Chau, na escuridão que antece-

(Continua na pág. XVI)

Camboja

No «Bonanza Three» a caminho de Phnom Penh

(Continuação da pág. III)

de a alvorada, os navios eram contornos indecisos. Eram cinco horas da manhã e a bordo do **Bonanza Three** a tripulação, acordada do seu torpor por uma sineta estridente, sorvia das canecas o café, enquanto esperava pelo sinal da partida.

O capitão Pentoh, um indonésio hirsuto de 27 anos de idade, de cabelo comprido e gorduroso, encontrava-se de pé na casa da roda do leme, olhando através dos binóculos para a margem do rio. Fazia-o com uma certa dificuldade, em parte porque a sólida parede de sacos de areia lhe restringia a visão, mas, principalmente, porque,, como Nelson, só tinha um olho em boas condições. O outro era de vidro e emprestava ao seu rosto um aspecto feroz, pasmado.

Sem prévio aviso, três foguetões brancos de sinalização descreveram graciosamente uma curva no céu escuro. Em todos os navios se sentiu uma grande actividade. As âncoras foram levantadas, os motores começaram a trabalhar e, navio após navio, o pequeno comboio manobrou por forma a apanhar o meio do rio: um conglomerado de sombras enevoadas, cortando as escuras águas do Mecongue, o rítmico ruído dos motores, único verdadeiro sinal da sua existência.

Quando vi pela primeira vez o **Bonanza Three**, ancorado nas águas oleosas do porto de Saigão, pareceu-me uma medonha banheira, velha e enferrujada, apenas aproveitável como sucata. Essa, evidentemente, foi a verdadeira razão pela qual foi escolhido para a viagem no rio Mecongue, porque o seu armador considerou que tinha chegado ao fim.

Foi construído em 1957 em Osaca, no Japão, e custou ao seu proprietário seis a dez por cento do seu valor (cerca de 175 000 libras esterlinas) o seguro para cada uma das viagens rio acima. Os prémios de seguro são os mais caros do Mundo.

Contudo, felizmente para o armador, o Governo americano está profundamente interessado pela sobrevivência de Phnom Penh e, até agora pelo menos, tem considerado que vale a pena fazer o seu seguro, pois, estão em jogo o navio e as vidas da tripulação. «Os riscos são grandes, mas geralmente também o são os lucros», informou Ohnny Khoo, gerente da companhia de navegação proprietária do **Bonanza Three**, cuja base é em Singapura. Está calculado que os lucros andam à volta das 17 000 libras esterlinas por viagem.

À medida que a viagem rio acima prosseguia, tornou-se aparente que, embora o **Bonanza Three** estivesse gradualmente a cair aos bocados, possuía qualquer qualidade mágica que o prendia à sua tripulação. O afecto desta por ele não tinha limites, e não parecia nada deslocada. Quando chegou a altura própria, mostrou ser um valente pequeno navio.

O capitão Pentoh, encantadoramente apologético devido às espartanas acomodações, à pintura carcomida e à praga de baratas que povoava o navio, disse-me não haver tempo para conservar o **Bonanza Three** limpo. Era um «navio de guerra».

A sua delicadeza era desnecessária. Os 67 buracos de balas e foguetões que pude contar no seu casco eram o mais eloquente testemunho da sua verdadeira identidade.

Nesta viagem transportava 1600 toneladas de arroz. A sua tripulação era composta por 20 homens, ainda jovens, indonésios e tailandeses, que envergavam coletes protectores e capacetes de aço e que os fazia parecer incongruentemente rechonchudos apesar do seu corpo esguio de asiáticos. Era, porém, um rijo e rude grupo de voluntários que arriscavam o pescoço por 120 dólares por mês, incluindo o prémio de perigo, comida e alojamento.

De momento, pelo menos, vivem. Em terra, entre duas viagens, entregam-se à pândega, bebendo até à embriaguez, divertindo-se nos apinhados «bars» de Saigão e Phnom Penh, regressando de rastos ao navio, sem dinheiro e alheados, quando o dia já começou. Porém, durante a viagem mostraram-se surpreendentemente calmos, de bom modo e sóbrios.

O facto do capitão Pentoh ter feito esta rota do Mecongue durante mais de dois anos e ter sobrevivido sem nada de mais grave para além de um ferimento num braço sem importância, é de um enorme conforto para a sua tripulação. De facto, ele é como que uma lenda nos círculos do rio Mecongue, pois, foi o comandante do malfadado navio **Ally**, que os vietcongues afundaram há nove meses, durante uma devastadora emboscada, logo à saída de Tan Chau.

Demonstração de dúvidas

O grande divertimento a bordo do **Bonanza Three** eram as instalações sanitárias. Para além de fazerem da intimidade uma farsa, os buracos do tamanho de punhos, feitos na porta e na parede pelos estilhaços das granadas, tornavam perfeitamente óbvio que as consequências de as usar nos momentos errados podia revelar-se desastroso para o ocupante descuidado.

Mas, felizmente, os artilheiros «khmers» vermelhos, notoriamente maus atiradores, nunca apanharam ninguém com as calças caídas.

O telegrafista de bordo, disseram-me, estava «ausente». Só mais tarde vim a descobrir que «ausente» era, de facto, um eufemismo. O desgraçado havia sido morto há dois meses, apanhado na sua cabina por um morteiro. Os membros da tripulação juntaram os pedaços do seu corpo despedaçado dentro de um saco de plástico. É um evento que desesperadamente procuram varrer da memória.

Muitas vidas dependem do comboio TTT73 e este tem de ser convenientemente protegido. Os planos foram traçados durante uma reunião especial na Base Naval de An Long, perto de Tan Chau, na noite anterior à nossa largada. O comandante do comboio, um inteligente oficial da marinha cambojano, disse confiantemente aos capitães de navios ali reunidos: «Não se preocupem, cavalheiros.» Assegurou-lhes maliciosamente que haveria suficiente protecção fornecida por 20 a 30 dos seus navios armados, apoiados por aviões e artilharia. Além disso, afirmou que tropas cambojanas tinham nessa mesma manhã tomado algumas das partes mais perigosas da rota a seguir, mediante uma série de assaltos anfíbios.

Os capitães, de calções e sandálias, sentados à sua frente, anuiam delicadamente às suas afirmações. Porém, a dúvida estava patente nos seus rostos fustigados pelo tempo.

Já dentro do Camboja e sulcando o largo rio a uma velocidade regular de oito nós, parecia que os maus pressentimentos dos capitães na noite anterior se tinham dissipado.

Ambas as margens do rio eram ricos lençois verdejantes, porém, em contraste com o Vietname — onde o Mecongue e as suas luxuriantes margens fervilham com a actividade dos pequenos barcos — aqui, havia grandes espaços verdes completamente vazios. O rico e variado tráfico das sampanas, os enrugados pescadores e as suas mulheres com os característicos chapéus cónicos, há muito que tinham ficado para trás.

O piloto do rio, cambojano, entrado a bordo em Tan Chau nessa mesma manhã, explicou que a gente que se dedicava à pesca partiu há muito, pelo facto das suas aldeias terem sido destruídas ou se terem tornado inseguras para albergar as filas patéticas de milhões de refugiados de guerra do Camboja.

Os barcos armados, já por ali andavam, palpitando antecipadamente. Metiam-se por entre os cargueiros como bandos de gansos preocupados. Metralhadoras pesadas, montadas nas suas proas esguias, rodopiavam constantemente, com os narizes negros como que a fungar o ar. Às vezes nem faziam caso das margens do rio.

Toda a tripulação do **Bonanza Three** — com excepção daqueles que se encontravam na casa das máquinas — encontravam-se agora, como sardinha em lata, na casa da roda do leme. O aperto ali dentro e o calor abafado evocavam estranhamente a situação no metropolitano de Londres num dia de Verão em hora de ponta. Os que podia. ficavam de cócoras, no chão, na companhia das mascotes do navio: sete cães. O piloto, erecto junto da roda do leme, dava ordens numa voz baixa, que não admitia hesitações. Fora disto, o silêncio reinava.

Depois, o comboio passou o primeiro ponto de grande perigo, virtualmente a se ser incomodado. Em Peam Chor, quinze milhas para além da fronteira, o Mecongue curva repentinamente e estreita-se, formando um canal de uns 500 metros de largura, um local ideal e frequente para emboscadas. Notável aos nossos olhos esbugalhados eram os cascos de dois barcos de munições afundados dez dias antes, durante a última viagem do comboio. Tudo o que deles restava eram as peças desmanteladas da maquinaria enferrujada amontoadas na água parada. Passámos por eles, olhando as margens hostis do rio neste ponto, apesar do sol deslumbrante.

Estes passaram o Mecongue uma vez mais. Agora, no Bonanza Three, a tripulação variegada pensa numa noite passada entre raparigas e bebidas em Phnom Penh

Elevado moral

O ruído do fogo de armas ligeiras fez-nos compreender que os «khmers» vermelhos estavam ali algures. Então, a coisa começou. As vedetas armadas a lançar-se entre nós precipitadamente, para cobrir a nossa passagem por meio de uma viva cortina de fogo.

Com a ainda ensonada pequena cidade de Neak Leung a esfumar-se ao longe, à ré, o perigo parecia ter passado. O comboio não sofrera quaisquer danos e estava agora a apenas 30 milhas de Phnom Penh. Até o capitão Pentoh se descontraíu, abrindo o seu colete de protecção e tirando o capacete, pois sabia que nenhum comboio havia sido atacado durante a viagem de regresso a Saigão há perto de um ano. Tigelas de arroz fumegante e peixe condimentado apareceram não se sabe donde para serem positivamente devoradas pela tripulação. O moral estava elevado e alguém ligou um aparelho de rádio.

A emboscada, quando veio, veio de repente, com um ataque com foguetões sobre o navio da frente, o **Monte Cristo**, no momento em que passava em frente da fábrica de contraplacados Dey Do, a apenas 12 milhas de Phnom Penh. Da casa da roda do leme, a bordo do **Bonanza Three**, era impossível ter uma ideia dos danos sofridos por dois navioas que navegavam à popa, porém, as chamas que deles se elevavam e, também, um rolo de fumo negro que saía do **Wing Pengh**, o navio que seguia uns 300 metros à nossa frente, revelavam que haviam sido atingidos.

O instinto de autodefesa numa tal ocasião é esmagador e todos nós, refugiados na casa da roda do leme, sabendo que o nosso navio era o segundo na linha do comboio, descaradamente procurámos fazer-nos um alvo o mais pequeno possível.

O capitão, dominando a cena, agarrou ele mesmo na roda do leme e fez uma corrida dramática e errante por entre o fogo. O medonho ruído da batalha redemoinhava e rodopiava à nossa volta, porém, pouco se podia ver da casa da roda do leme, excepto os pesados rolos de fumo negro e a terra levantada nas margens com o impacto das granadas. A tripulação conservou-se calma e quieta, com os enormes capacetes de aço americanos afundados nas cabeças minúsculas.

Balas de metralhadoras atingiram e ressoaram no casco do navio. As vedetas armadas de apoio ao comboio quase saltava verticalmente sobre as águas, as suas tripulações inclinadas, protegidas pelos capacetes, ensopadas, com as armas que manejavam a tornar-se quase coisas vivas nas suas mãos.

Na casa da roda do leme, o pequeno piloto cambojano continuava a dar as suas instruções. A sua voz era agora firme como uma rocha. Só os seus dedos delicados, afagando suavemente uma pequena imagem de Buda em marfim, revelavam e traíam o seu medo.

As palavras «estibordo, devagar», tinham acabado de lhe sair dos lábios quando um foguetão atingiu a popa. A explosão sentiu-se como se fosse um sopro tremendo nas costas. Ninguém se mexeu, ninguém disse nada, excepto o capitão: «Com seiscentos diabos, fomos atingidos». Depois olhou à sua volta um tanto embaraçado.

A batalha eclodiu com redobrada fúria, depois amainou, deixando um odor acre a cordite no ar e uma esmagadora sensação de alívio e de fadiga. Mais do que tudo nesta vida, o que a tripulação queria era dormir. Deitaram-se no chão da cabina da roda do leme para passar pelas brasas.

Só depois de estarmos atracados a salvo, amarrados à margem de um castanho sujo, em Phnom Penh, uma hora ou mais após, alguém se lembrou de deixar a roda do leme e inspeccionar os danos sofridos. O foguetão tinha atingido a popa e por uma fracção mínima não acertara na coluna do leme, o que, a acontecer, faria com que o **Bonanza Three** começasse a andar às voltas, sem controlo num momento particularmente delicado. Um guincho estava bastante danificado e havia uma quantidade de buracos produzidos por estilhaços. Todavia, o **Bonanza Three** havia sobrevivido a mais uma viagem pelo Mecongue.

Os coletes de protecção e os capacetes foram tirados e a tripulação sorrindo de prazer gaiato, alinhou junto aos estragos sofridos para tirar uma fotografia perfeitamente à altura do álbum de recordações.

Deambulando nessa mesma noite pelas ruas de Phnom Penh, visitei o Centro de Informação da Imprensa. Pregado num quadro preto, encontrava-se o comunicado do Alto Comando Cambojano. Embora conhecido pelo diminuto volume de informações, hoje era particularmente conciso: «Um comboio de cinco cargueiros, dois navios tanques e três navios de munições ancoraram em Phnom Penh, após terem vencido o Mecongue sem incidentes.»

Não me importava de mostrar o mal alinhavado pedaço de papel à tripulação, embora nesse momento, se é que fiquei a conhecê-la, estivesse provavelmente demasiado embriagada para se importar com isso.

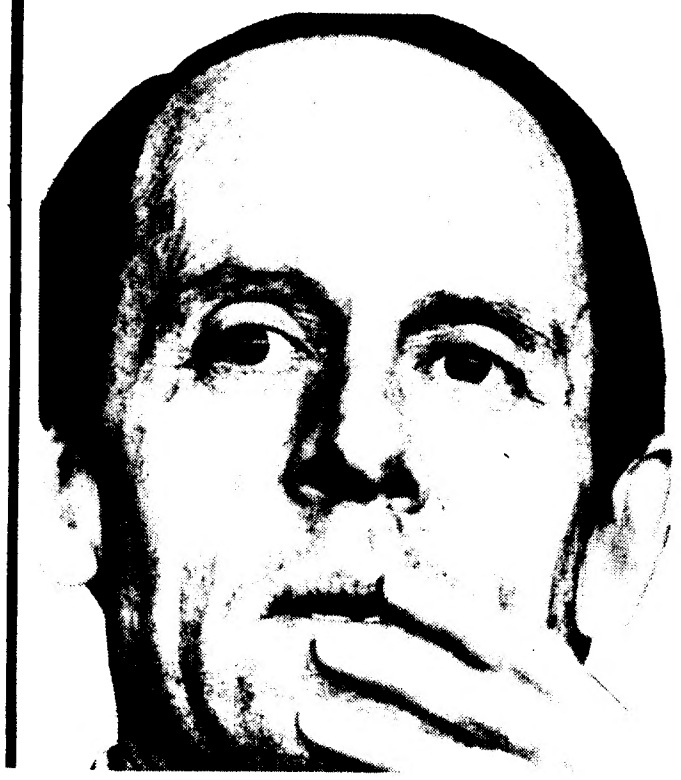
OFICINAS DE AUTOMÓVEIS
COTAL
SERVIÇO OFICIAL
TOYOTA
Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.
TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE
DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS
UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

JOBERT VERSUS KISSINGER: O ESTILO PARANOICO DUMA DISCUSSÃO TRANSATLÂNTICA



Indubitavelmente Kissinger é um homem brilhante que gosta da responsabilidade e tem um grande apetite de viver e dirigir a vida de nações. Alguns podem achá-lo esmagadoramente frívolo. Diz-se que gosta de se sentir um astro e figurar nos cabeçalhos dos jornais, e que é uma «prima-dona» da política externa, porém, em penso que é uma «prima-dona» da própria política em si mesmo.

Rádio Luxemburgo, Dezembro de 1973.

Somos acusados de seguir uma política de cada um por si. Não é exactamente o que os Estados Unidos estão a fazer? Estão simplesmente a defender os seus interesses. O Governo de Nixon não tem nada para nos oferecer.

Conferência de Washington sobre Energia, Fevereiro de 1974

Perguntei a Kissinger qual era exactamente a finalidade desta conferência. Para baixar o preço do petróleo? Que disparate! Isto teria acontecido em qualquer caso. A conferência levará apenas a reacções intempestivas por parte dos árabes. Disse a Kissinger que teria sido melhor ter tido uma modesta conferência com resultados modestos. Às vezes, falar alto tem resultados contraproducentes.

Após a Conferência de Washington

Surpreende-me que um homem como Kissinger, como minha mãe costumava dizer, não saiba mostrar boa cara num momento de desgraça.

Assembleia Nacional, Fevereiro de 1974

Uma noite, cerca das 11 horas, durante a conferência, tive a visita de Kissinger na embaixada francesa. Veio fazer as censuras que já antes havia feito. Interrompi-o imediatamente... Porém, já tinha catequizado o sr. Acheel (ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental) que me procurou cerca das 2 horas da madrugada.

... Da próxima vez que encontrar os meus colegas alemão e inglês, dir-lhe-ei: «Bom dia, traidores».

Após a Conferência de Bruxelas, 4 de Março de 1974

Todo o francês deseja ser independente, porém, eu falo menos de independência do que de dignidade e amor próprio. Não há incompatibilidade entre independência e dignidade, mas se se trata de pôr as tropas contra a dignidade e o amor próprio, então, direi que a presença das forças americanas não é um assunto de fundamental importância para nós.

Rádio Francesa, Março de 1974

O que nos interessa é que, durante duas semanas, enquanto os Estados Unidos tinham de tomar significativas decisões, os europeus agiram como se a Aliança não existe. Os europeus parecem mais interessados em ganhar vantagens individuais marginais do que cooperar numa acção conjunta.

Após a Guerra de Yom Kippur, Outubro de 1973

Não me preocupa o que possa acontecer à NATO; estou profundamente desgostoso.

Após o alerta nuclear americano, Outubro de 1973

A atitude da Europa que se unifica parece uma tentativa para elevar a recusa à consulta a um princípio que defina a identidade europeia. A julgar pela recente experiência, consultar-nos antes da decisão não é possível, e consultar-nos depois do facto consumado não tem conteúdo.

Discurso perante a Pilgrims Society, Londres, Dezembro de 1973.

Se a presente orientação geral na Europa continuar, isso levantará a questão das tropas na Europa. Não compreendo porque é que não poderíamos juntar-nos numa posição unificada. Por

que é tão difícil unirmo-nos e mencionar a palavra «associação»? É inconsistente por parte dos franceses dizer que os Estados Unidos estão a trair-nos, que os Estados Unidos estão a apertar-nos, mas que eles (os Estados Unidos) devem deixar os seus soldados na Europa. Isto não tem sentido. A França tem um claro conceito daquilo que quer e uma soberba burocracia para o realizar. Os alemães não estão preparados para serem uma ponta de lança na Europa, por motivos óbvios. Os ingleses ainda têm de provar a sua lealdade europeia e isto favorece as iniciativas francesas.

Pensámos que (a nova Carta Atlântica proposta por Kissinger em Abril de 1972) seria como o Plano Marshall e que o processo terminaria por volta de Julho de 1973. A última coisa que podíamos esperar é que começassem à procura de insignificâncias. Então, inesperadamente, os franceses votaram-se a uma campanha contra nós. Se soubéssemos que tal coisa aconteceria, nunca o teríamos feito... Se enfrentarmos os europeus (quanto ao petróleo) venceremos. Os europeus não podem competir nem num milhão de anos. Os franceses têm uma elevada capacidade para semear a discórdia, mas não têm capacidade para fazer seja o que for de construtivo.

Breve entrevista privada, durante o voo de regresso de Bruxelas, 4 de Março de 1974.

RESSENTIMENTO AMERICANO... OU GUERRA?

Exclusivo «DIÁRIO DE LISBOA»/«SUNDAY TIMES»
Por HUGO YOUNG, com a colaboração de ANTONY TERRY (Paris), JOHN LAMBERT (Bruxelas) e STEPHEN ARIS (Washington)

Durante estes últimos tempos, a Aliança Atlântica tem-se encontrado num maior estado de fraqueza e confusão do que em qualquer outra altura desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Até agora, a disputa entre os Estados Unidos e a Europa foi mais vividamente definida pela acrimoniosa e pública troca de impressões entre Henry Kissinger, secretário de Estado americano, e Michel Jobert, ministro dos Negócios Estrangeiros francês. Porém, no dia 15 de Março, Nixon entrou na liça e, significantemente, não o fez como um apaziguador.

O osso duro de roer que foi o diálogo Kissinger-Jobert, em que se trocaram publicamente insultos e exasperações de uma maneira única na moderna diplomacia, maquina o colapso do ano da Europa, tão grandiosamente anunciado a partir de Washington ainda há um ano. No seu estilo grave, o presidente escreveu agora algo que soa sinistramente a epitáfio. Quando o homem que ocupa o seu cargo anuncia que a Aliança «não está destruída», pode pensar-se perfeitamente que ela está muito perto de o ser.

Adoptando a linguagem do seu secretário de Estado, Nixon acusou os europeus de «se unirem» contra a América e **dissertou, como retaliação, sobre a possível retirada das tropas americanas da Europa. «Ou se sentam em redor da mesa com os Estados Unidos para discutir a cooperação nos sectores político e económico, bem como no que diz respeito à segurança e resolvem seguir unidos», disse ele, «ou, então, deveremos seguir caminhos separados».**

Tornou as questões óbvias ainda mais pressionantes. Fará a campanha americana parte de um jogo planeado relativamente à Europa? Quer, secretamente, o presidente quebrar um novo gigante económico rival dos Estados Unidos? Ou a sua impaciência destina-se a forçar os outros europeus a unir-se contra os franceses?

É, pelo contrário, principalmente ressentimento e aborrecimento? De igual modo, estão os europeus a arriscar seriamente os interesses vitais do Ocidente ao desempenharem um papel independente? Manobraram com más intenções relativamente aos americanos?

Em resumo, trata-se de um desentendimento gigantesco? Ou é guerra?

O pretexto imediato para as observações de Nixon e para a cruel desilusão de Kissinger, foram os estranhos acontecimentos do princípio de Março.

Kissinger e a sua comitiva chegaram a Bona no domingo 3 de Março, de regresso da última fase das conversações no Médio Oriente, e nessa própria tarde encontrou-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão, Walter Scheel. Schell disse a Kissinger que um dos assuntos da agenda para a reunião dos próximos dias do Conselho de Ministros da C. E. E. era a **discussão** do proposto novo «diálogo» entre os europeus e os árabes: um diálogo que os europeus já haviam discutido na conferência cimeira de Copenhague em Dezembro último, mas que levantava implicações profundamente perturbadoras para os americanos.

O Departamento de Estado protesta que, nessa reunião, Scheel não informou Kissinger de que qualquer **decisão** estava iminente relativamente a esta proposta tão altamente delicada. Nestas condições, Kissinger tomou o avião para Bruxelas para se encontrar com os ministros da NATO, ainda na crença de que haveria uma oportunidade para uma consulta efectiva antes de qualquer acordo final ter lugar quanto a uma conferência euro-árabe.

Tinha, pensou, toda a razão para uma tal suposição. Na conferência de Washington de todas as principais nações consumidoras de petróleo, que teve lugar no passado mês de Fevereiro, parecia ter-se chegado a acordo com todos, excepto com os franceses que prometeram uma frente comum contra os produtores de petróleo.

Porém, na segunda-feira seguinte, 4 de Março, reunido em sessão com os ministros da NATO, Kissinger teve de enfrentar uma pérfida surpresa. Foi-lhe entregue uma nota de Scheel, dizendo que Scheel na sua qualidade de presidente do Conselho de Ministros da C. E. E., gostaria de o informar dos resultados da sua reunião.

No fim da reunião da NATO, Kissinger seguiu de automóvel para a embaixada alemã em Bruxelas onde, com horror, ficou a saber que a «discussão» de que Scheel o havia antecipadamente informado tinha terminado pela «decisão» de prosseguir o diálogo com os árabes.

Nesta altura, Kissinger explodiu furiosamente. Não somente deu uma vituperativa descasca a Scheel, como continuou a ferver durante o voo de regresso a Washington, nessa mesma noite.

Modelando a sua fúria numa linguagem o mais diplomática possível, o Departamento de Estado diz que a posição de Kissinger é realmente muito simples e razoável: ou os Estados Unidos e a Europa orientam as suas conversações íntimas sobre decisões de interesse vital, ou não.

Os europeus, por seu lado, vêm a reunião de 4 de Março de uma maneira completamente diferente. Deixando de parte os franceses, acreditam que a decisão então tomada — a Inglaterra não enviou o seu ministro pelo facto de não haver Governo transparente nessa altura — foi baseada em decisões anteriores, não era inconsistente com o acordo de Washington de Fevereiro e não é **uma manobra antiamericana.**

A sua origem repousa na cimeira europeia de Copenhague, em Dezembro último. Esta parecia ter sido reunida para reforçar os bons começos de ano relativamente a uma unidade política mais estreita entre os Nove. Mas, adicionalmente, foi debatido na Imprensa francesa, na véspera da cimeira,

(Continua na pág. XI)

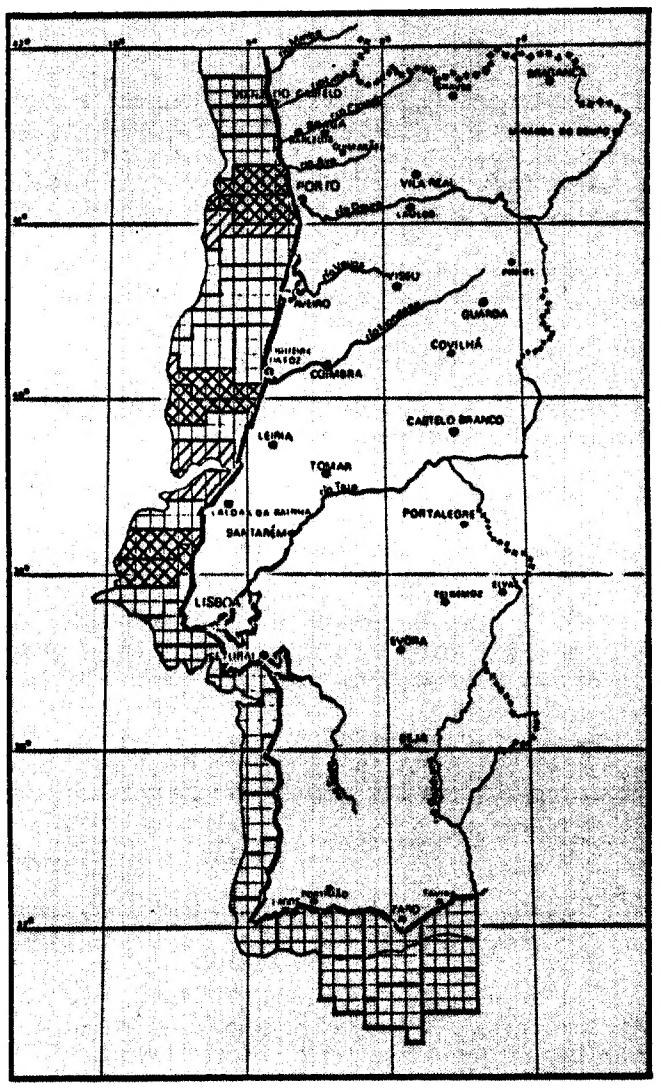
PETRÓLEO N

A PRIMEI
DE PROSP
COMEÇAR
EM JULHO

Os resultados obtidos pelos técnicos que andam embarcados no navio oceanográfico «Seis Mariner» e que foram encarregados de realizar prospecções sísmicas e geológicas na costa portuguesa, com vista à descoberta de petróleo, parecem ter sido animadores segundo se depreende de uma entrevista que o eng. Magalhães Ramalho, administrador de um dos grupos concessionários, concedeu ao «Diário de Lisboa». O eng. Magalhães Ramalho revelou, também, ao nosso jornal, que está já a ser aprontada para chegar a Lisboa uma plataforma de perfuração submarina, a qual entrará em operação no mês de Julho.

Parece, efectivamente, que há petróleo na costa portuguesa embora se desconheçam as extensões dos jazigos. Um técnico com quem falamos disse-nos: «Nem de outra forma se explicaria a corrida de empresas internacionais aos concursos de prospecção organizados pelo Governo». Nesta reportagem reproduzimos, também, importantes declarações tornadas públicas recentemente pelo eng. Jorge Faria responsável pelo Serviço de Sondagens e Petróleo da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos e das quais se depreende, igualmente, que se admite como muito provável a existência de «ouro negro» em certos pontos da costa portuguesa. Aquele técnico declarou: «há bacias sedimentares suficientemente amplas e profundas onde possa ter tido origem o petróleo e que possam encerrar, ainda, quantidades bastantes de petróleo migrado, para justificar a pesquisa.»

Areas outorgadas ao Grupo Shell / Sacor



JA A SER TRABALHADAS

ADJUDICADAS PROVISORIAMENTE

É certo que por enquanto nada de decisivo se pode afirmar E mesmo que o precioso mineral venha a ser descoberto em território nacional, outra questão subsistirá: a da rendibilidade da exploração São várias, como se sabe, as associações de empresas que actuam neste momento na prospecção e exploração de petróleo em Portugal metropolitano e na plataforma continental adjacente

O eng Alfredo Magalhães Ramalho, director-adjunto da administração da Shell Portuguesa, entrevistado pelo nosso jornal, começou por referir-se à actividade da Shell Prospex Portuguesa, S A R L afirmando-nos: — A esta empresa e à Sacorex, constituída sob a égide da Sacor, atribui o Governo português, completadas, com êxito, as negociações realizadas no ano passado relativamente à plataforma continental, seis das onze áreas até agora dadas em concessão.

As referidas areas, agrupadas em três zonas de concessão, serão prospectadas e pesquisadas pelo nosso Grupo com base em percentagem de participação de cada uma das concessionárias nos custos e nos proveitos da indústria extractiva petrolífera que as duas empresas, em associação, irão exercer.

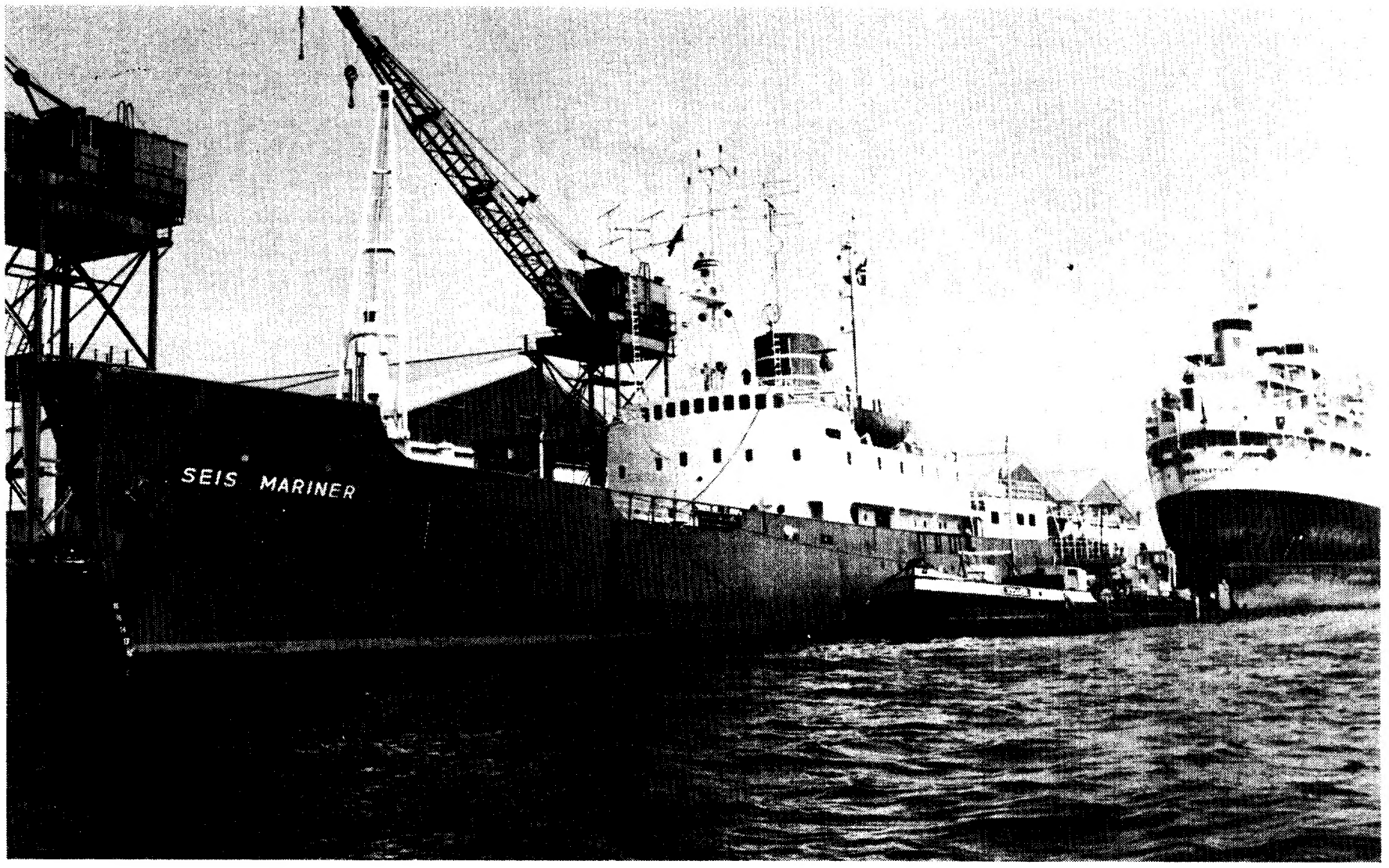
Orientada por uma comissão directiva, essa associação deu imediato início aos trabalhos de prospecção e pesquisa a que se obrigou pelo contrato que ambas as empresas firmaram com o Estado.

De acordo com os termos do contrato, a associação deverá despender cerca de 580 mil contos no cumprimento do programa mínimo de trabalhos obrigatórios, o qual inclui a realização de intensos trabalhos de prospecção geológica e geofísica que deverão culminar com trabalhos de perfuração de onze poços nos primeiros três anos de vigência do contrato de concessão. Num segundo período de três anos, o investimento a efectuar, por quilómetro quadrado da área que for retida, deverá igualar, pelo menos, o efectuado nos três primeiros anos. O investimento total, ao longo dos seis primeiros anos, poderá, assim, ser da ordem de um milhão e duzentos mil contos.

Participação do Estado

Prosseguindo, o eng Magalhães Ramalho declarou-nos, focando as relações entre os Estado e a empresa exploradora:

— Ao Estado ficaram garantidos benefícios que, além do prémio de assinatura do contrato e do prémio anual, incluem uma renda por quilometragem concedida, direi-



O navio «Seis Mariner» quando se encontrava atracado ao porto de Lisboa

NA COSTA PORTUGUESA

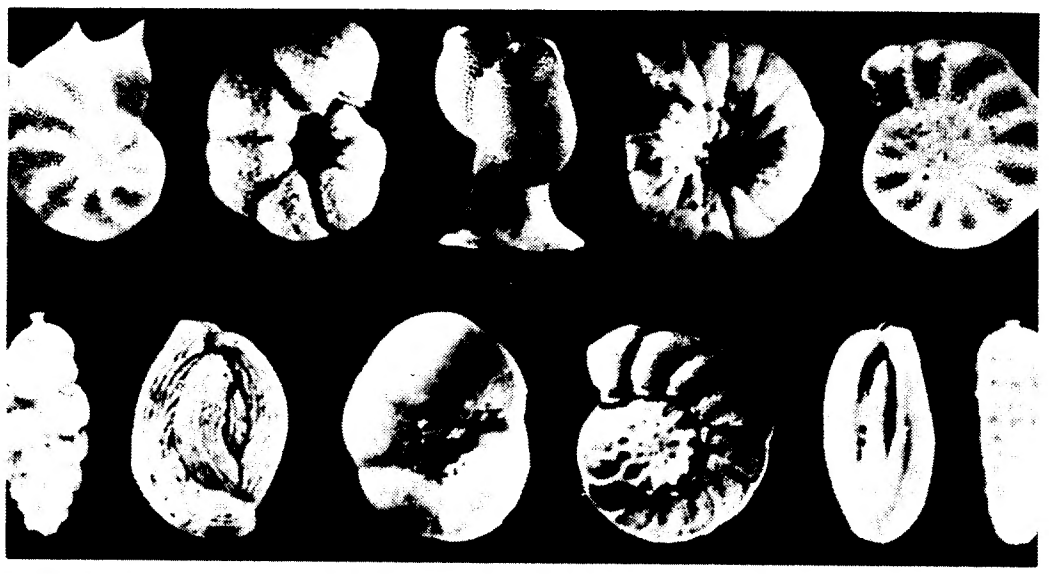
RA PLATAFORMA PECÇÕES RÁ A LABORAR O PRÓXIMO

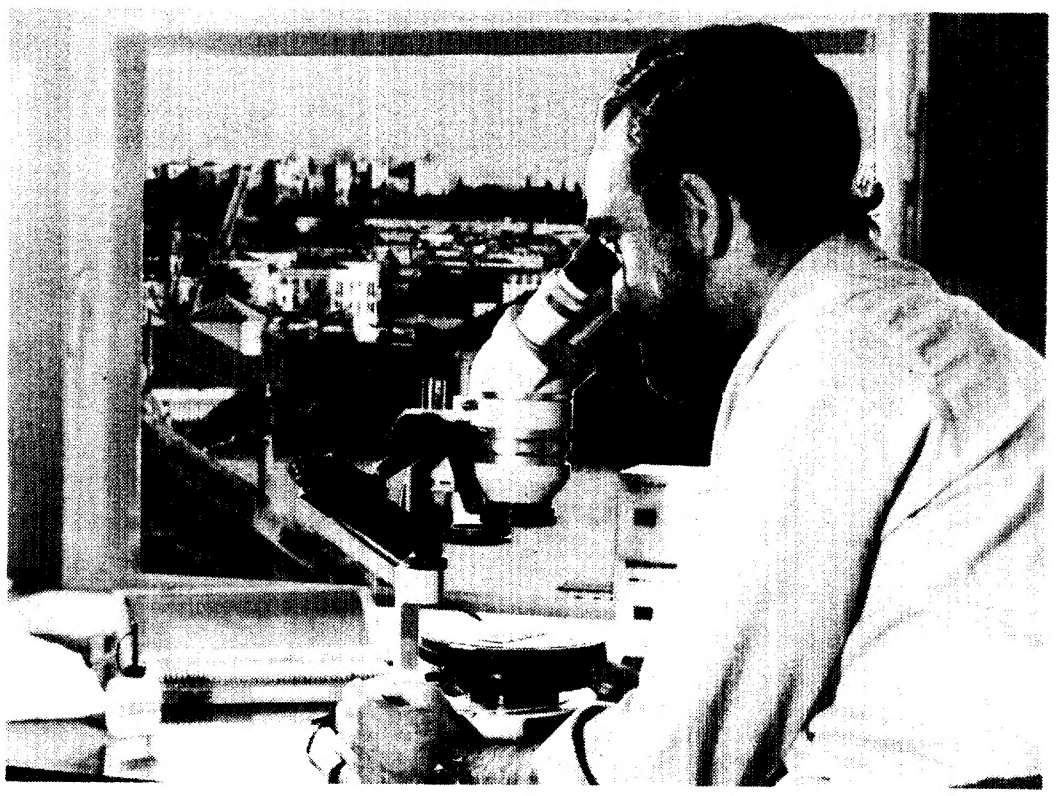
tos de concessão sob a forma de uma percentagem sobre a produção, da ordem dos 12,5 por cento, e prémios de produção logo que esta atinja certos níveis fixados.

Complementarmente, é reconhecido ao Estado o direito de optar por uma participação, fixada em 30 por cento, em todos os campos petrolíferos que venham a ser descobertos, percentagem essa que o Estado poderá aumentar para 40 por cento e 50 por cento logo que a produção diária alcance limites definidos no contrato.

Sem prejuízo de tais benefícios, será devido ao Estado o imposto de rendimento sobre o petróleo, imposto esse fixado em 50 por cento dos lucros obtidos pelas concessionárias.

Da nova empresa, fundada no próprio dia em que veio a receber a concessão, participam como accionistas fundadores a Deutsche Shell A. G. e a Shell Portuguesa, tendo sido dada ao Governo, gratuitamente, uma participação de 20 por cento no capital social da empresa.





Em cima: Restos de animais como estes permitem a determinação da idade das rochas e constituem úteis indicações para a prospecção do petróleo

Em baixo: Um dos técnicos da Shell/Prospex dr. João Pacheco observa ao microscópio amostras de rochas

Escolha dos locais de perfuração

Perguntámos depois ao nosso entrevistado, qual era a situação actual dos trabalhos de prospecção e exploração Disse-nos:

— Logo que foram outorgadas as concessões, a Shell Prospex Portuguesa, companhia operadora, iniciou os trabalhos, conforme programa previamente apresentado ao Governo e por este aprovado.

Assim, começou por fazer vir a Portugal o navio oceanográfico «Seis Mariner» a fim de realizar prospecção sísmica e geológica, ao mesmo tempo que se iniciavam os trabalhos de geologia de campo, em apoio ao estudo da plataforma continental em curso. Decorria, entretanto, o estudo minucioso da vasta documentação geológica existente em Portugal ou referente ao nosso País.

Seguiu-se o processamento dos dados colhidos na prospecção marítima, que ainda está a decorrer, embora já se encontrem em parte concluídos no que diz respeito a algumas das concessões. Procede-se agora ao estudo e interpretação desses dados para a escolha dos locais de perfuraçao, para o que está programada e assegurada a vinda para Portugal, em Julho próximo, de uma plataforma de perfuração submarina que é uma das unidades semi-submersíveis ao serviço do Grupo Royal Dutch/Shell.

De toda esta actividade é dada mensalmente conta ao Governo, através de relatórios.

Técnicos estrangeiros

— **E se for encontrado petróleo?** — Inquirimos.

— Se tal acontecer, e esperamos bem que aconteça, há ainda que determinar a dimensão dos jazigos e a sua viabilidade no plano de exploração ou, mais concretamente, se a sua rendabilidade se justifica já que, com quantidades mínimas, todo o processo ficaria comprometido. As características e condições necessárias para um jazigo ser julgado viável são, aliás, consideradas e especificadas no contrato de concessão.

— **Têm contado com «know how» e especialistas estrangeiros?**

— Sem dúvida, sobretudo se atendermos à ampla experiência que o Grupo Royal Dutch/Shell possui neste particular campo da actividade petrolífera. Foi a possibilidade de recurso a essa experiência e à organização do Grupo que permitiu o arranque imediato dos trabalhos. Assim, enquanto se procedia à admissão de especialistas portugueses, tais como geólogos, geofísicos, paleontologistas, etc., a par de outro pessoal não especializado, deslocaram-se a Portugal técnicos do Grupo, alguns dos quais já regressaram aos seus países. Contamos, portanto, neste momento, com pessoal português habilitado e prossangue-se a preparaçãoe aperfeiçoamento de novos elementos proporcionando-lhes estágios quer em Portugal quer no estrangeiro. Quanto ao pessoal estrangeiro, mesmo que não se atarde no nosso País, é submetido a um curso intensivo de língua portuguesa pois que é a única utilizada no empreendimento e nas relações com o Estado, como é lógico.

80 por cento do pessoal é português

— **E o papel da Shell Portuguesa neste esquema?**

— A Shell Portuguesa, que foi a negociadora dos contratos de concessão, apoia no que diz respeito a serviços administrativos, de aprovisionamento, de pessoal, fiscais, jurídicos, etc., pelo que tudo somado, podemos dizer que cerca de 80 por cento do pesssoal interveniente nos trabalhos de prospecção é português. Por outro lado, todos os serviços de direcção dos trabalhos, controlo e execução dos trabalhos de prospecção e exploração encontram-se situados em Portugal e não no estrangeiro, o que constitui salutar excepção ao que normalmente acontece em empreendimentos deste tipo. Dentro deste critério está a concluir-se a instalação no Edifício Shell de um laboratório destinado a trabalhos de paleontologia e brevemente será instalado um centro operacional na Figueira da Foz onde se situa uma das áreas de prospecção.

E continuou:

— Voltando à percentagem de 80 por cento de pessoal português é curioso assinalar que tal percentagem está prevista ser atingida no fim de seis anos, pelas condições do contrato. A breve experiência neste campo especializado e os resultados já conseguidos levam-nos a confiar que tal percentagem será largamente excedida. Aliás, na Shell Portuguesa tal orientação há muito que é seguida, acontecendo que neste momento todo o pessoal é português. Julgo ter interesse mencionar que habitualmente,compatriotas nossos têm actuado em outras companhias do Grupo em países estrangeiros no desempenho de funções directivas ou especializadas.

— **E a colaboração com a Sacorex?**

Tem sido excelente como pode supor e há que destacar a competência dos especialistas do Grupo Sacor que connosco têm colaborado. E portanto confiadamente que se encara a continuação dos trabalhos, incluindo novas áreas já adjudicadas provisoriamente e cujo contrato de concessão deverá em breve ser firmado.

Tal facto é auspicioso numa «joint venture» que poderá trazer benefícios para ambas as partes mas e, sobretudo, para Portugal, que a possuir petróleo na sua plataforma continental enfrentará com outras perspectivas os problemas energéticos.

● Relação entre as emoções e a morte súbita de causa cardíaca

Velhas expressões dos contos das nossas avós, tais como «quebrou-se-lhe o coração de dor» ou «aterrorizado até à morte», podem ter base em fenómenos reais, segundo um médico de Nova Iorque. Um estudo das mortes repentinas e súbitas que ocorreram nos 44 000 empregados da «Eastman Kodak» em Rochester, mostra que as emoções desempenham um importante papel em tais fatalidades. E esta a conclusão do dr. William A. Greene. Dos 54 funcionários que morreram subitamente durante os dois anos que durou o estudo, 75 por cento tinham sido afectados por acontecimentos familiares desagradáveis — uma rotura, uma decepção ou um separação — ocorridos semanas ou meses antes. Dois terços destas pessoas morreram no decurso de «uma situação de sobrecarga infligida por si mesmo através de extrema ansiedade ou de extrema ira», afirma o dr. Greene.

Mas, o autor reconhece que o elo entre as emoções e as doenças cardíacas fatais ainda precisa de ser aprofundado por novos estudos, pelo que iniciou observações de pessoas que sobreviveram a um enfarte e que considera em alto risco de sofrerem outro. O trabalho prolongar-se-á por 4 anos.

● Um novo teste visualiza o enfarte do miocardio

Um grupo de investigadores da Universidade de Harvard desenvolveu uma técnica que permite, pela primeira vez até hoje, visualizar a porção do músculo cardíaco destruída por um enfarte, no indivíduo vivo.

O teste utiliza uma tetraciclina marcada com tecnécio radioactivo e um contador de cintilações. A porção destruída do miocárdio apresenta-se como um foco «quente» de cintilações.

Provas repetidas mostraram que a zona «quente» desaparece dentro de 3 dias, o que abre a perspectiva de distinção entre uma área recém-destruída e o dano provocado por um outro e antigo enfarte.

Os investigadores comunicaram também à Associação Americana de Cardiologia, que a nova prova, que já entrou na rotina de um hospital de Boston, tem aplicação potencial na prática clínica comum, para fins diagnósticos e prognósticos.

Pode ser um auxílio valioso para a destrinça das várias causas que originam dor no peito.

Também virá a fornecer indicações sobre o valor da terapêutica instituída na limitação do alargamento da zona de enfarte e, ainda, esclarecer quais os factores que contribuem para a extensão da zona lesada. E possível que venha, também a mostrar-se uma técnica valiosa para indicar aos cirurgiões qual a porção do miocárdio que deve ser reparada, quando se decide tratar cirurgicamente um enfarte.

● Por favor não me mandem flores

Mandar flores aos doentes que nos hospitais convalescem de intervenções cirúrgicas, é um gesto amável mas que pode ser muito perigoso. Experiências levadas a efeito na Faculdade de Medicina da Universidade de Miami, Florida, relatadas em «The Lancet», prestigiosa revista de Medicina, demonstraram que a água das jarras das flores é um excelente meio de crescimento de perigosos micróbios, que começam a desenvolver-se apenas uma hora depois da colocação das flores. Alguns destes micróbios tornam-se resistentes aos antibióticos em 3 dias! «The Lancet» adverte que não devem entrar flores nos quartos dos hospitais, particularmente nos dos queimados, doentes com perturbações neurológicas e crianças, que têm um risco mais alto de contrair infecções.

● O tabaco, o álcool e a juventude

A juventude alemã bebe e fuma cada vez mais e, dia a dia, sobe o seu consumo de pílulas e comprimidos. Esta é a conclusão inferida das estatísticas apuradas por um inquérito que incidiu sobre os jovens bávaros de 12 a 24 anos. Segundo este estudo, do Ministério Regional do Interior, a mocidade encontra-se em crise, pois o consumo de álcool e drogas não se limita aos filhos de ambientes sociais desfavoráveis, mas é extensivo aos jovens burgueses, cuja vida é aparentemente fácil e feliz.

Muitos destes jovens também não são contestatários, nem rebeldes, nem guardam rancor contra a sociedade ou contra os seus pais. Trata-se de jovens bem comportados, bons filhos, que se pronunciam sem reservas a favor da manutenção da ordem estabelecida na República Federal Alemã ou preconizam, no máximo, pequenas reformas sem importância.

Deste modo, parece que o recurso ao álcool, ao tabaco e às drogas se explica por serem estes hábitos encarados como próprios da sua idade juvenil, tal como a moda do vestuário, que é preciso seguir. Cinquenta e três por cento dos inquiridos confessaram que bebem álcool diariamente ou várias vezes por semana, inclusive meninos de 12 anos! Quinze por cento dos jovens bebem aguardentes, rum ou vermute.

A diferenciação sexual do consumo é a seguinte: são consumidores 70 por cento dos rapazes e 30 por cento das raparigas.

COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS PROFISSIONAIS DE MERCK SHARP E DHOME

COMO EVITAR UM ATAQUE CARDÍACO

Os avanços da medicina e das condições sociais dos povos fizeram com que diminuísse progressivamente a mortalidade infantil e, sobretudo, a mortalidade pelas doenças infecciosas. Melhores condições de habitação, uma maior higiene alimentar, campanhas de vacinação e a descoberta e largo uso de potentes antibióticos, foram os caminhos por que se atingiu este progresso.

A mortalidade geral foi assim diminuindo progressivamente, mas atingiu níveis que agora tendem a estabilizar-se. Isto porque se é certo que se morre muito menos na infância e cada vez menos por infecção, também é verdade que se vai morrendo cada vez mais por outras causas: acidentes, cancro e doenças cardiovasculares.

Pelo prof Ramos Lopes
catedrático de Terapêutica
Médica da Fac Med de Coimbra

Destas três causas é, de longe, a doença cardiovascular a mais importante, figurando à cabeça da lista no obituário de todos os países civilizados.

E, se atentarmos um pouco nessas estatísticas, verificamos que as cifras são tanto mais altas quanto maior o nível de civilização dos povos.

Assim, nos países de elevado padrão socio-económico, como os países nórdicos e os Estados Unidos da América, por exemplo, as cifras de mortalidade por doença cardiovascular ultrapassam os 50 %. Nos países menos desenvolvidos, tal cifra situa-se na casa dos 30 %. Em Portugal, País que especialmente nos interessa, as estatísticas de 1971 fornecem uma cifra de 36,55 % de mortes por doença do aparelho circulatório: mas não tenhamos dúvidas que esta cifra tende a aumentar cada vez mais, pois as doenças cardio-arteriais são, em certa medida, doenças da civilização e do progresso tecnológico.

Por terrível que seja o espectro do cancro, ele representa, como causa de morte, menos de um terço das vítimas produzidas pelas doenças cardiovasculares.

E o mais grave é que, como já frisamos, tais cifras têm vindo a crescer progressivamente.

Perante esta perspectiva, que nos diz a investigação médica? Poderá fazer-se alguma coisa para tentar deter, nas próximas décadas, esta tendência ascensional da curva?

Quando nos debruçamos sobre as causas das doenças do coração nós verificamos que, nas primeiras três décadas de vida, o reumatismo articular agudo é o mais importante factor causal das doenças cardíacas.

Todavia, a profilaxia penicilínica da febre reumática e o seu tratamento correcto fizeram diminuir muito os estragos causados por esta doença. Por outro lado, a cirurgia tem dado uma ajuda de inestimável valor na reparação, melhor ou pior, das lesões anatómicas causadas por ele. Quer dizer, por todas estas razões, a febre reumática constitui hoje uma ameaça muito menor do que no passado. Entretanto, o mesmo não acontece com outras causas de doença cardiovascular.

E sobretudo a partir dos 30 anos que toma vulto a mais importante causa das doenças cardíacas do nosso tempo, tornando-se cada vez mais frequentes os acidentes coronários (morte súbita, angina do peito, enfarte do miocárdio), os acidentes vasculares cerebrais e outras complicações reveladoras de uma precoce degenerescência arterial — a aterosclerose.

O conhecido pensamento de Bichart de que cada um tem a idade das suas artérias, permanece ainda hoje como um conceito válido e deve entender-se no sentido de que cada um tem a idade dos seus órgãos nobres, como o coração, o cérebro e o rim, e que estes só funcionam devidamente enquanto as respectivas artérias lhe fornecem uma irrigação adequada.

Justifica-se, por isso, plenamente, o esforço da medicina na sua luta das múltiplas causas possíveis da angiosclerose novos rumos que lhe permitam uma profilaxia capaz da degenerescência dos órgãos nobres.

Largos inquéritos epidemiológicos em diversos países e, bem assim, múltiplos trabalhos de investigação clínica, permitiram identificar alguns factores que são comuns aos indivíduos que tiveram um ataque cardíaco ou aos que tombaram com um acidente vascular cerebral. Por isso, tais factores passaram a chamar-se **factores do risco.**

Assim quais os factores de risco coronário? Que fazer para evitar precocemente um ataque cardíaco?

Verifica-se que o excesso de peso, a vida sedentária, a hipertensão arterial, o consumo exagerado de gorduras, o uso e abuso do açucar e o hábito de fumar são, entre outros, factores que contribuem para acelerar a alteração das paredes arteriais e, por isso, estão presentes em grande número de indivíduos que sofreram um ataque cardíaco.

Sabe-se também que há famílias predispostas à doença cardioarterial, em que vários membros morreram subitamente ou sofreram de doença coronária em idade jovem.

Muitas vezes, tal factor familiar tem uma base genética, verdadeiramente hereditária, verificando-se que esses indivíduos herdaram a predisposição para a doença coronária através da herança de distúrbios metabólicos que levam ao aparecimento de importantes factores de risco como o aumento do colesterol ou triglicéridos no sangue, a diabetes, a gota, a obesidade, a hipertensão arterial. Todavia, noutras famílias a herança não é genética, mas é simplesmente uma herança de hábitos: o hábito de comer muito e sem restrições de qualquer espécie, o hábito de abusar de alimentos que como a manteiga, o queijo, as gorduras em geral, os ovos, o excesso de açucar refinado, só contribuem para agravar ou desencadear os distúrbios metabólicos referidos.

Partindo destes conhecimentos, impõe-se que, sobretudo em famílias predispostas, se investiguem esses factores, de modo a poder combatê-los precocemente.

Exames clínicos, análises bioquímicas, interrogatório por uma dietista, são meios de detecção que neste momento estão postos em prática no nosso país e no estrangeiro para seleccionar os candidatos à doença coronária e estabelecer, em seguida, as medidas profiláticas que retardem ou impeçam a catástrofe cardíaca.

Quando os doentes não vêm até junto dos médicos encarregados duma consulta de profilaxia da aterosclerose, deverão ir os médicos ao local de trabalho dos possíveis doentes fazer exames clínicos sumários e colheitas de sangue para o estudo das substâncias gordas do sangue e outras dosagens bioquímicas.

As pessoas que têm uma pesada herança familiar no campo das doenças cardíacas, devem procurar o médico para um estudo conveniente.

Entretanto, a todos convém uma revisão da vida pelo acatamento de uma série de conselhos.

Quer evitar uma catástrofe cardíaca ou vascular? Pois então siga alguns conselhos que lhe vou dar.

Não ande numa roda-viva de emoções e pressas, mas seja calmo e relaxe-se um pouco durante o dia. Ande a pé o mais que puder, pois o exercício físico é fundamental: além doutras virtudes, a marcha sem pressas ajuda ao relaxe psicológico. Durma o suficiente, mantenha o peso dentro dos bons limites, seja frugal e faça uma alimentação simples e pouco salgada. Fuja das gorduras em excesso, evitando as carnes gordas, o queijo, a manteiga ou margarinas, o excesso de azeite. Em certos casos estas gorduras poderão ser substituidas por gorduras dietéticas menos nocivas. Não abuse dos ovos, substitua os açúcares refinados e as sucu-lentas sobremesas doces pelos amidos naturais (da batata, do arroz, do pão) e pelo açúcar dos frutos.

Seja moderado no consumo do café e do álcool.

Fuja do tabaco, sobretudo do cigarro.

Controle periodicamente o seu peso, vigie a sua tensão arterial.

Estes conselhos que são úteis a todos aproveitam sobretudo às pessoas mais novas, exactamente aquelas que menos dispostas estão a seguilas, a não ser bastantes anos depois, quando a obediência a estas regras tem muito menos interesse.

A situação, como afirma um autor norte-americano, é, de algum modo, comparável ao problema que frequentemente enfrentam os picheleiros.

Algumas pessoas nascem com vasos resistentes aos efeitos corrosivos da arteriosclerose, isto é, possuem vasos equivalentes a uma canalização de cobre. Muitas outras têm vasos susceptíveis, isto é, equivalentes a canos de ferro galvanizado.

Se uma nova casa com canalização de ferro galvanizado tem, desde o início, uma instalação descalcificadora de água, os canos de ferro galvanizado podem não mostrar qualquer corrosão por muito e muitos anos. Todavia, se a instalação descalcificadora só é instalada 20 anos depois de a casa estar construida e quando os canos se encontram severamente corroídos, não podemos esperar que seja reversível o dano causado durante 20 anos.

Do mesmo modo, a correcção da hipercolesterolémia e de outros desvios bioquímicos após os vasos terem sido expostos à sua influência durante 20 ou 30 anos não pode desfazer a maior parte dos prejuizos causados até então.

E digo a maior parte, porque há factos que depõem a favor de alguma reversibilidade das lesões da arteriosclerose.

É esta uma palavra de esperança para os indivíduos mais idosos.

Todavia o que mais importa é a prevenção à distância, como é bem sublinhado na comparação do picheleiro.

Ainda está a tempo: mentalize-se e siga as boas regras que lhe indicamos.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Sede: 95, R. do Comércio, 119
LISBOA

CAPITAL
Esc. 1 200 000 000$00

FUNDOS DE RESERVA
Esc. 772 000 000$00

Está a pagamento na Sede e Dependências do Banco o complemento do dividendo relativo ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973, votado em Assembleia Geral Ordinária, realizada ontem.

Lisboa, 21 de Março de 1974.

a) **Dr. Manuel Ricardo Pinheiro Espírito Santo Silva**

A PROTECÇÃO DAS CRIANÇAS DENTRO DOS AUTOMÓVEIS

PELA DR.ª MARIA CECÍLIA PATULEIA

Segurar e proteger adequadamente as crianças que viajam dentro dos automóveis é uma medida preventiva necessária, tanto para elas, como para o condutor que evita assim distrair-se com as suas actividades

Nos últimos anos, têm aparecido no mercado mundial diversos modelos de resguardos mecânicos, destinados a esse fim

A União dos Consumidores dos Estados Unidos da América do Norte estudou recentemente a eficácia de dezassete dos modelos mais usados naquele país e aprovou apenas cinco embora todos tivessem sido originalmente portadores do selo de garantia da Federação dos Veículos a Motor Os doze sistemas rejeitados não satisfizeram as conddições de resistência ao choque, quando sujeitos a testes de pressões mecânicas experimentais, semelhantes às dos acidentes graves

Os pediatras americanos Frederic Burg e Eugene Diamond de Chicago, publicaram recentemente, na revista da união Americana dos Consumidores, um artigo, com várias recomendações importantes, destinadas a orientar os pais na selecção do melhor método de segurança, para os seus filhos, durante as viagens em veículos motorizados.

Segundo aqueles especialistas, um sistema eficaz de sujeição para a criança que viaja de automóvel, deve, não só fornecer duradora e flexível resistência ao abrandamento súbito, verificado durante acidentes e travagens bruscas mas também evitar que ela seja projectada para fora do carro, no momento da catástrofe.

Os mesmos autores recomendam o seguinte:

1— O melhor modelo protector perde eficácia, se não for escolhido de acordo com a idade e o peso da criança.

— Na falta de protecção mecânica contra acidentes, **as crianças não devem, de forma alguma, viajar no banco da frente**, seja qual for a sua idade e muito menos, se tiver partes salientes ou bancos móveis sem fecho de segurança.

— Os bebés com menos de 7 quilos devem ser colocados ou num transportador especial como o que se vê na figura 1, ou num carro-cama sempre instalado no banco da retaguarda, com o eixo maior paralelo ao do automóvel e os pés do bebé voltados para a frente. A cama inclui uma rede forte bem presa, a cobri-la e o conjunto é mantido em posição pelos cintos de segurança.

— Para as crianças entre 7 e 12 quilos, recomenda-se o suporte de trelas com peitilho que as limita e segura pelo torax e pelos membros inferiores, conforme mostra a figura 2. Tem o inconveniente de necessitar instalação especial no carro e levar tempo a colocar e a remover.

— Para a segunda infância, um dos modelos aprovados vê-se na figura 3. Consiste numa espécie de túnel, agarrado ao banco do carro pelo cinto de segurança. É um dispositivo de muito fácil entrada e saída, mas apesar de ter sido aceite pela sua simplicidade e resistência, não satisfaz completamente quando a criança, ou é muito desinquieta e consegue sair, ou adormece e desliza para uma posição desconfortável.

— Os mecanismos protectores das crianças sujeitas a acidentes, nunca devem ser feitos de metal ou substâncias quebradiças porque estas podem ser as primeiras a provocar ferimentos durante o acidente.

— Os cintos de segurança em posição diagonal, sobre o torax, nunca devem ser colocados em crianças com menos de 137 centímetros de altura, para evitar traumatismos do pescoço da maior gravidade.

— Possuir um protector contra acidentes nas crianças que viajam de automóvel é apenas 50 por cento da batalha; os outros 50 por cento consistem em saber usá-lo adequadamente.

— Com ou sem resguardo, é sempre preferível transportar uma criança no banco da retaguarda do automóvel porque este tem menos superfícies duras que o da frente.»

As figuras 4 e 5 correspondem a séries tiradas durante testes de resitência com **manequins** infantis sujeitos a violentos choques na parte anterior do automóvel.

A importância e a vulnerabilidade das crianças são suficientemente reconhecidas, para que todos os adultos conscientes aceitem a necessidade de protegê-las. Com o aumento do trânsito e das colisões parece oportuno rodeá-las de todas as precauções possíveis contra os acidentes.

Se é certo que já existem à venda dispositivos relativamente satisfatórios para protecção das crianças que viajam dentro dos automóveis, também não é menos verdadeiro o alvitre de que no capítulo da sobrevivência humana, há sempre lugar de sobejo para novas ideias e aperfeiçoamentos.

Resguardo de trelas com peitilho aprovado pela União Americana dos Consumidores. Modelo fabricado pela Companhia SEARS

Modelo recomendado pela União Americana dos Consumidores para as crianças com idade de viajarem sentadas. É um produto FORD

Efeito do choque frontal de automóveis num manequim infantil protegido pelo resguardo SEARS

Efeito do choque frontal de automóveis num manequim infantil protegido pelo resguardo FORD

JOBERT VERSUS KISSINGER

(Continuação da pág. VII)

que os franceses proporiam, ou deveriam propor, uma aproximação conjunta dos europeus relativamente aos árabes, como uma maneira da Europa sair da crise do petróleo.

Kissinger fez um nítido esforço para se antecipar a isto, no seu discurso, em Londres, na noite anterior à cimeira, porém, a chegada a Copenhague de quatro ministros árabes — só um deles de um país produtor de petróleo — ajudou a iniciativa francesa. Aconteceu que o seu principal pedido foi de auxílio técnico por parte da Comunidade (implicitamente em troca de garantias quanto ao fornecimento de petróleo).

Na altura em que foram feitos os convites para a conferência de Washington, nos **princípios de Janeiro, os Nove** haviam concordado, ao nível de dirigentes políticos, expressar o mandato de Copenhague, juntando-se numa conferência cimeira euro-árabe, numa data posterior, ainda este ano. **Porém, isto não foi tornado público**. E foi disto que decorreu **a decisão de 4 de Março.**

A Europa considera este acordo como seguindo a par com a versão de Washington, que Kissinger vê agora fugir-lhe diante dos olhos. Ele encara uma aproximação mais ampla para os árabes, começando com uma tentativa alemã para explorar as suas ideias, examinando os campos potenciais de acordo cultural e económico, mas culminando com uma conferência cimeira da qual o petróleo não seria por certo excluído.

O plano de nove pontos de Washington para a energia, não sendo levado por diante **por uma comissão de funcionários, seria, insistiu Scheel** depois do acordo da C. E. E., reconciliável com esta aproxi**mação mais ampla. E é aqui** que reside o ponto principal do actual conflito.

É impossível neste momento calcular como se desenvolverá este conflito. O que é certo é que a Aliança é agora assediada por mais mal-entendidos, senão mesmo posta em dúvida, do que os que existem entre as forças da guerra fria.

Kissinger deixa em descanso a sua desconfiança na Europa num catálogo de incidentes, muitos deles causados pela aberta malignidade dos franceses, inadequadamente contrariados no seu ponto de vista pelos outros europeus.

Estes começaram com a reacção ao seu discurso sobre a Carta do Atlântico, em Abril último, à qual Jobert, fazendo a sua estreia como ministro dos negócios estrangeiros (desempenha esta função há menos de um ano), respondeu com um autêntico desdenho «gaullista» pela «Pax Americana». Falou-se numa outra lalta.

O resto da Europa dificilmente fez melhor, esforçando-se totalmente perante aquilo que ele via ser uma oferta generosa: exactamente como **viu a conferência de Washington — com muito mais bases para uma tão insensível condescendência — isto é, essencialmente magnânima. Copenhague e Bruxelas parecem sublinhar uma posição antiamericana**, com a hostilidade francesa agora amplificada por acon**tecimentos tais como as maiores** críticas de Brandt aos métodos americanos (em Dezembro em Estrasburgo) e o nítido apoio britânico aos franceses em Copenhague.

O cúmulo da afronta foi a aberta tentativa de Jobert para prejudicar a tentativa de paz de Kissinger no Médio Oriente, instigando os sírios, logo depois de Kissinger ter deixado Damasco, a não cederem.

A Europa, por outro lado, acredita que Kissinger não compreende o que está a acontecer aqui, especialmente após o alargamento de Seis para Nove. Interpreta mal a procura de **uma posição comum** antiame**como um desdobramento de** uma posição comum **anti-americana.**

Esta procura de unidade e de identidade não pode deixar de envolver uma revisão das relações atlânticas em termos que podem ter desapontado **Kissinger nas esperanças que** acalentava sobre as consequências da entrada dos ingleses para a CEE. Porém, a partir de Bruxelas, pelo menos, é possível discernir um padrão nas acções de Kissinger, que põe todas as suas motivações em questão.

As coincidências começam com a hostilidade aos movimentos dos seis para conseguirem acordos económicos com os países mediterrânicos, incluindo a desvalorização do dólar e o caminho imposto aos europeus pelo plano monetário mundial «smithsoniano». No ano passado, o quadro dos movimentos de Kissinger podiam parecer uma prova do seu desejo de evitar o desenvolvimento político da CEE, impondo o Pacto Atlântico como uma alternativa.

O discurso sobre a Carta Atlântica teve lugar exactamente quando as consultas políticas dos Nove tinham começado a fazer progressos. Solicitou uma declaração atlântica conjunta quando a identidade **europeia estava a emergir.** Discursos sucessivos e iniciativas feitas durante os últimos três meses, que culminaram com uma violência verbal bastante grande, foram considerados pelos europeus como um esforço propositado para desmoronar a unidade europeia.

Ainda há relativamente poucos dias, até o Departamento de Estado concordou que a **maneira como Kissinger tratara os europeus durante as primeiras** fases do embargo do petróleo nunca fora delicada nem realistica. «Houve», disse o iorta-voz, «um certo grau de irrealidade acerca do que era concebivelmente possível aos governos democraticamente eleitos no meio do Inverno».

Por outro lado, há Jobert. Se **Kissinger é arrogante e impa**ciente, com uma muito melhor compreensão do adversário do que das relações aliadas, Jobert tem bebido o leite do puro «gaullismo», e tem um manifesto prazer nas denúncias cínicas que isto lhe permite. Diferentemente de Kissiger, estas não são imediatamente seguidas por um indício de retirada. Julga ver através de Kissinger a sua ambição de controlar o espírito europeu (e a economia). Ao falar acerca dos seus encontros, parece ser um ho**mem com a linguagem despro**ridade do pequeno em relação ao grande.

Outros chefes europeus trenem com a linguagem desprovida de tacto de Jobert, mas são piedosamente despedaçados pelo facto de saberem que ele não está inteiramente errado. **Estão** a procurar uma identidade europeia e, conduzidos de maneira incerta pelos alemães — com o seu «atlanticista» ministro das finanças, Helmut Schmidt, a procurar uma posição dominante à medida que a estrela do próprio Brandt empalidece —, lutam para o conseguir sem antagonizar irremediavelmente Washington.

Jobert, como Kissinger, enfrenta-os com uma resoluta opção que eles não querem tomar e cuja premissa não aceitam. **Um dos resultados disto** é que iniciativas que podiam não criar suspeitas normalmente, incluindo até um diálogo com os árabes, são consideradas hostis simplesmente porque são os franceses que as **propõem e pregam o seu significado na luta antiamericana.**

Os optimistas vêem na linguagem austera do presidente Nixon a possibilidade de revelar aos franceses e a outros a profundidade da sua própria duplicidade: durante quanto tempo pode a França continuar a manobrar incessantemente contra Washington, ao passo que interpreta toda a iniciativa americana na Europa como, entre outras coisas, uma indicação de que as tropas estão prestes a ser retiradas?

Mas a França, finalmente, não é o principal problema. **Conquanto sejam obscuros os** motivos dos governos nesta aliança, a mais importante verdade é que os mecanismos e **as instituições de consulta entre a CEE e Washington ainda não evoluiram. A Comunidade alargada alcança as posições acordadas (mesmo entre oito** nações) só por meio de luta e esforço. Kissinger afectou **surpresa perante a embara**çosa maquinaria que este processo exige, durante a conferência sobre a energia em Washington, mas deve saber, como estudioso das alianças ao longo da História, que combinar unidade com flexibilidade é a mais difícil das coisas.

Exigir consultas para cada fase das discussões dos Nove constituiria a face inaceitável do neo-imperialimso. Porém, ser «consultado» depois de tomada a decisão é um insulto feito a um aliado.

Enquanto este dilema fundamental continua por resolver há toda uma oportunidade para incompreensões, mal-entendi**dos, paranóia e completa** lucura. Entre Washington e a Europa tudo isto se acumulou e redobrou o já difícil problema das relações árabes depois da guerra do Médio Oriente e no contexto dos delicados esforços de paz feito por Kissinger. Carregados com uma pesada dose ds problemas políticos internos de todos os lados, podiam ainda levar à desintegração que ninguém deseja.

LIXO ENERGIA A APROVEITAR

Pedro MARTINS DA SILVA

Fazer, levar a consumir para fazer mais e mais. Consumo pelo consumo. Loucura de pródigos, sonho inconsciente, na terra de onde o sonho parece ter sido arredado. Mundo a afundar-se no que produz, no que consome, no que rejeita. No muito que rejeita e que dir-se-ia ameaçar esmagá-lo, ao mundo, a nós que nele estamos.

Alguns («visionários loucos? criminosos, inimigos de um progresso que desconcertava o seu nepotismo?») advertiam que assim não ia bem. As coisas não podiam continuar na forma em que corriam.

Afinal, o tempo deu-lhes razão. Esta humanidade que se afadigava á «fazer», verificou (com espanto primeiro, com terror depois) que parecia apostada numa corrida para destruir-se. Subvertida por tudo o que fazia ou à mingua de recursos, dos recursos que exauria com a inconsciência perdulária do rico, a quem a riqueza ofuscou a finitude de si, das suas coisas.

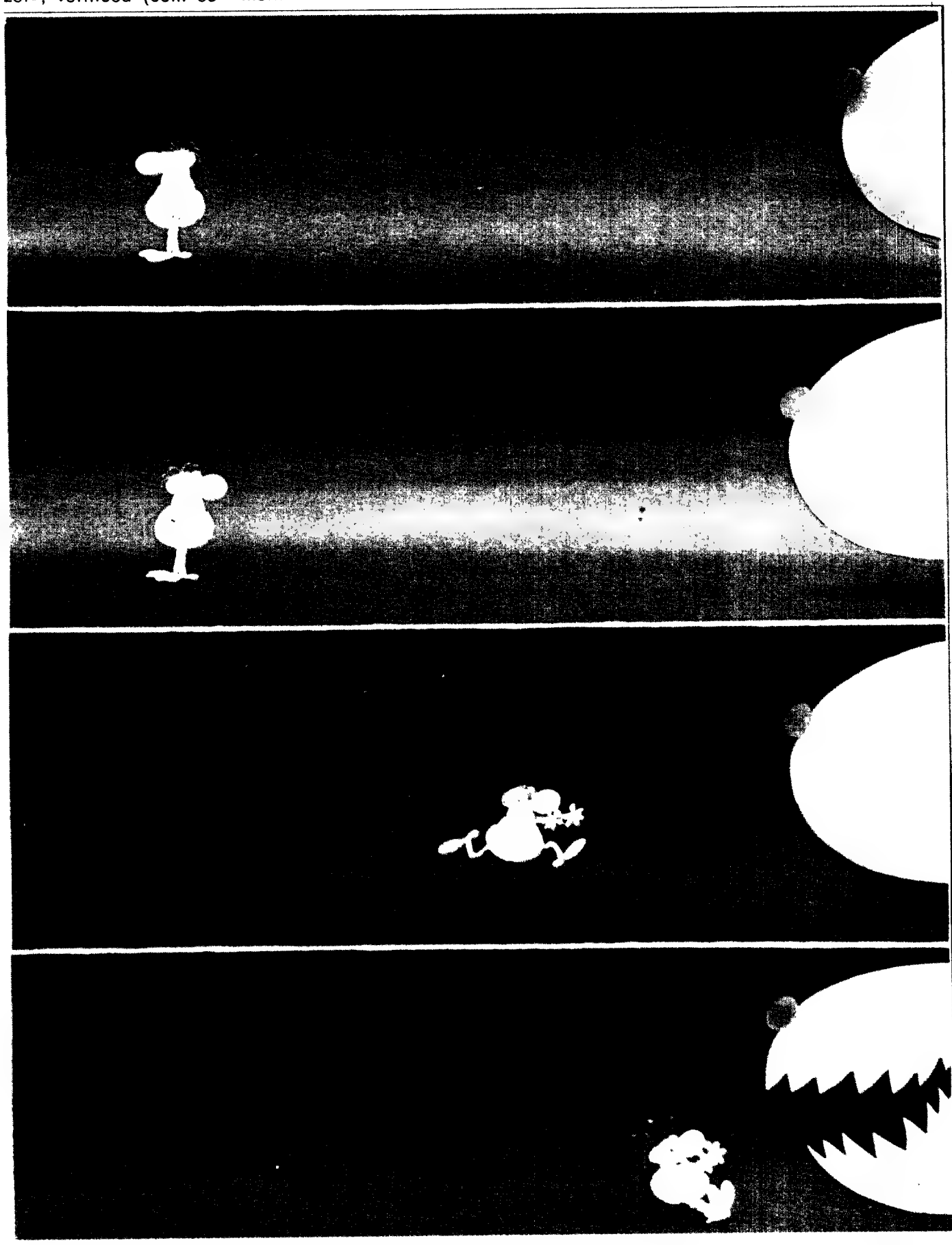
Lixo. Lixo que se olha com inquietação. A acumular-se. Quem não viu as imagens ou leu as descrições dessas montureiras enormes, quantas vezes vizinhas, bem vizinhas, das grandes urbes — e não sentiu o pesadelo de tudo aquilo a crescer, a amontoar-se como anátema pendente sobre a inconsciência dos que as alimentam?

Estima-se que, nas dociedades ditas desenvolvidas, o crescimento em peso dos lixos produzidos é de 1 a 2 por cento ao ano. Olhando os «grandes», a alguns: na Alemanha, a capitação é da ordem de 300 kg por ano — bem mais que uma tonelada para a família média; na França e na Inglaterra, a situação é sensivelmente idêntica e bem pior nos Estados Unidos. Nos outros, «não grandes», a situação ainda não é esta, mas a evolução desenha-se óbvia.

O refugado é espelho do que se consome de como é consumido — a utilização de plásticos e de papel como embalagem tem feito baixar a densidade média do lixo, ao mesmo tempo que aumenta o seu poder calorífico. Quem fala de poder calorífico, fala de energia potencial, susceptível de ser aproveitada, neste caso, melhor se dirá: reaproveitada em parte. São poucos, ainda, os países que começaram a combinar as vantagens da incineração para livrar de lixos, com o aproveitamento do calor libertado. No entanto, são já alguns, e promissores os resultados obtidos. Na Holanda, em algumas das cidades maiores, funcionam já instalações deste tipo. Em Amesterdão, incineram-se 450000 toneladadas por ano, com aproveitamento da energia calorífica em turbo-alternadores; a nova central de Roterdão, chegará às 750000 toneladas. Outros, vão mais longe, ao aproveitar não só o calor para o funcionamento de geradores eléctricos, como directamente em aquecimento. É o caso de Manheim, na Alemanha Ocidental e o de Paris, com um circuito de aquecimento muito extenso e alimentado por três centrais de incineração, a queimar cerca de bilião e meio de toneladas de lixo por ano, mais de 90 por cento do total da cidade.

Mas, queimar lixo, não é só rendoso, poder ser perigoso também — o eterno reverso da medalha. Perigo bem sentido, agora que o Homem acordou para a necessidade e de preservar um mundo que quer continuar a possuir para lar. São efluentes sólidos de ordem vária, para além de gases mais ou menos tóxicos e do ruído, ele também a «envenenar» a vizinhança de qualquer grande instalação fabril.

Tudo tem remédio quando quer remediar-se, dizem os optimistas. Algumas vezes parece que sim, muitas quando o querer é forte. E os relatos conhecidos referentes a esta «operação lixo» são animadores: a maioria dos perigos potenciais foram evitados e o que ainda é preocupação (consequências da queima de plásticos, essencialmente) é de crer que, mais ou menos tarde, será solucionado. E, entretanto, outros irão vendo as possibilidades da empresa e olhando o lixo — problema como mais uma fonte de energia, com certeza bem vinda, quando as «tradicionais» são origem de prognósticos sombrios e outras «novas não parecem ainda prontas a corresponder à chamada deste mundo sôfrego de energia.



HERDADE

Entre Montemor e Évora, 5500 contos. Vende-se. Trata o proprietário. Carta ao Apartado 1048, Lisboa - 1.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

CONCURSO

Para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de

COIMBRA-B

Até às 16 horas do dia 24 de Abril de 1974, esta Companhia aceita propostas para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Coimbra-B, sendo todas as despesas a cargo dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 30 contos e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 5000$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no **Programa do Concurso e Caderno de Encargos** que os interessados poderão consultar nas estações e locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Campinhos de Ferro Portugueses — Rua Vítor Cordon, 45 — Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Coimbra-B».

AMORTECEDORES

Reparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

A C. P. INFORMA

HORÁRIO DOS COMBOIOS

(Linha do Sul)

Por motivo dos trabalhos de renovação da via a que se está a proceder na linha do Sul, as automotoras n.º 8128 e 8131 passam a efectuar-se, a partir de 18 de Março de 1974 e até aviso em contrário, apenas aos sábados, domingos e feriados oficiais a estes equiparados.

Chama-se a atenção do Público para o facto de estes trabalhos serem absolutamente imprescindíveis para a melhoria das condições de circulação das referidas automotoras, pelo que a C. P. espera a sua melhor compreensão

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIADAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregadas Auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de Esc. 1700$.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;

b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;

c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua Inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

construa o ambiente que merece

móveis por elementos — suavizam a falta de espaço

Lellocira Moderna Sul do Tejo, L.

R. Cândido dos Reis, 47 51 e 91 — (a rua dos Bombeiros voluntários) CACILHAS

Grandes avenidas ladeadas por edifícios monumentais caracterizam Filadélfia

A PASSOS RÁPIDOS NO MUNDO CAPITALISTA-3

PISANDO O SOLO ONDE A AMÉRICA SE TORNOU LIVRE

Por NUNO ROCHA

....Chegamos a Filadélfia pela noite, vindos de St. Louis.

Pisava pela segunda vez o solo onde a América se tornou livre: foi em Filadélfia que, em Julho de 1776 (dentro de dois anos teremos decorridos duzentos anos sobre esta data histórica) foi adoptada a Declaração da Independência.

Recordei um pouco da gesta fabulosa desta Nação saída dos dramas do colonialismo: em 12 de Abril de 1776 a Câmara legislativa da Carolina do Norte autorizou os seus delegados a assinar com outros Estados a declaração que permitia o separatismo face à Grã-Bretanha. Seguiu-se o Estado da Virgínia que havia de dar à Nação o seu primeiro presidente; e ficou célebre a declaração proposta por Richard Henry Lee, segundo a qual «estas Colónias Unidas têm o direito inalienável de se tornarem em livres Estados Independentes».

Uma comissão formada por Thomas Jefferson, John Adams, Benjamin Franklin, Robert Livingston e Roger Sherman ficou encarregada de preparar a Declaração da Independência que depois os presidentes de cada Estado foram assinando sucessivamente pondo termo a um longo período de colonização e dando origem ao que parecia impossível: de um vasto território dividido, manchado pelo sangue de uma devastadora guerra civil, nascia uma nação poderosa, a grande nação do século XX. Recordei a minha primeira visita a Filadélfia, quatro ou cinco anos atrás e a emoção que senti ao deter-me diante do gigantesco sino da Liberdade fabricado na Inglaterra em 1752 — sino da Liberdade onde se lêem as célebres palavras: «Proclamamos a liberdade para toda a Nação e para todo o seu povo». O sino tocou pela primeira vez em 8 de Julho de 1776 durante a primeira leitura pública da Declaração da Independência e permanece em Filadélfia como o símbolo irrecusável de um sentimento de liberdade que não paralelo no Mundo, pois não creio que haja povo mais livre do que o que vive nos Estados Unidos da América do Norte

Recordo-me de na minha passagem por Nova York, ouvir um português contar a sua experiência quando chegou ao país para ali viver: — Logo que comprei televisão — disse-me — fiquei fascinado: quando a

(Continua na pág. XIV)

A cidade onde nasceu a América

(Continuação da pág. XIII)

liguei vi, em Washington, William Rogers, ministro dos Estrangeiros, sentado como um réu perante o Senado a responder às perguntas mais contundentes que se podem imaginar. Para quem estava habituado a ver nos ministros pessoas intocáveis, imagina a impressão que este facto me causou...

A história da América fez-se como já disse numa das crónicas anteriores, a partir de um longo calvário. Refúgio dos homens falhados do Velho Mundo, os quais cruzavam o Atlântico em busca de riqueza, tornou-se a princípio um antro de gente perigosa. Antes que surgisse em todo o vasto território o sentimento de Nação, desenrolaram-se crises de poder de uma violência inaudita. Repetia-se a história: os romanos sobre a Europa, os europeus sobre a América... Lutava-se contra os índios, realizava-se a tarefa gigantesca mas apaixonante da pacificação. Por 1812, a América vivia a sua segunda Guerra da independência e a que consolidava o seu espírito nacional.

Era a América do século XX, que acreditava em dois mundos radicalmente opostos: O Velho e o Novo Mundo — o velho Mundo da Inglaterra e da Europa, corrupto, tirânico e reaccionário, incapaz de compreender a pujança das novas terras; e o Novo Mundo, democrático, livre, progressivo, cheio de esperanças, que iria dar origem a uma Nação de grandes conquistas.

Enquanto uma limusina de oito passageiros nos levava do aeroporto para o centro da cidade, eu voltava a meditar no passado deste povo. Imaginava a chegada dos emigrantes como o Stravros de Elia Kazan, dispostos a todas as lutas e até à morte para conquistarem a felicidade a que se julgavam legitimamente com direito. Imaginava o poder do sonho de quantos cruzavam o Atlântico, cansados de uma Europa decadente e incapaz de conhecer o exacto sentido da liberdade, dispostos a provar que o mundo podia ser diferente e que o homem estava longe de ter atingido todas as suas fronteiras. Filadélfia, sem ter o encanto das cidades europeias, era bem o exemplo desse poderio saído do esforço dos pioneiros: lá estavam as grandes avenidas, os enormes arranha-céus, o tráfego intenso apesar das restrições de gasolina, o insólito também: aquela montanha de sucata de automóveis deitados ao lixo, onde uma máquina reduzia a uma pasta informe de aço, quinhentos carros em cada hora... Discutimos com o «chauffeur» o problema da gasolina, este insurgiu-se contra os potentados do petróleo, contra os retalhistas também, na expressão mais livre que se possa imaginar.

A América no fim do século

Em nenhuma outra cidade americana como em Filadélfia se pode ter melhor noção da gesta deste povo. Num folheto que me dão no hotel leio: «A nossa Constituição e a nossa Declaração da Independência com a qual sonhavam milhões de americanos, respeitadas através do Mundo, tiveram forma e substância e foram assinadas aqui». Filadélfia considera-se o berço da História da Nação: ali se encontra o Independence Hall, o Lberty Bell, o Carpenters Hall, a Igreja de Cristo e o primeiro Banco dos Estados Unidos. «Aqui é o escrínio da nossa preciosa liberdade». Muito se fala na América em liberdade, esta palavra que ecoa na imaginação de toda a gente e que tantas vezes tem levado o homem aos impasses mais trágicos da sua história. Que liberdade? A liberdade que me permite, à noite, ver uma rua inteira cheia de cinemas onde se exibem os mais horrorosos filmes de sexo? A liberdade que me permite adquirir um poster do presidente Nixon em que este aparece envergando um fato listado de um presidiário, como se tivesse saído de Saint Quentin? A liberdade que exige a presença de polícias armados à porta dos bancos e até dos grandes armazens?

E preciso conhecer bem a América para a compreender. A quem a visita pela primeira vez, tudo aparece como um quadro confuso, aqui e ali detestável. Quando, em Maio de 1970, voltei a Lisboa depois de um mês a percorrer vários Estados da União, tive dificuldade em estabelecer um juizo acerca deste povo. Quando me pediam impressões da viagem eu mostrava-me reticente. Vira coisas maravilhosas e outras horríveis. Trazia, principalmente, uma grande dúvida: como poderá a América ultrapassar os grandes problemas raciais que surgem do confronto entre negros e brancos? Mas com a passagem do tempo as ideias foram-se clarificando e os Estados Unidos foram surgindo aos meus olhos como um País de muitos contrastes mas de uma grande unidade — a unidade decorrente do espírito nacional do seu povo, virtude inegável da democracia quando assente na cultura dos que a praticam e dos que a respeitam.

Decidi reler um pouco do livro de Nye e de Morpurg, para compreender muito do poderio desta nação. Ali me falam eles do que era a América em 1900. Entre 1860 e 1900 quatro milhões de acres de terras novas foram aradas triplicando a superfície lavrada. A produção agrícola aumentou extraordinariamente. A produção de trigo, por exemplo, passou de 173 milhões em 1860, para o espectacular número de 522 «bushels» (36 348 litros) em 1900, uma taxa comum ao milho, carne de porco, de vaca e outros produtos.

Havia várias razões para esta revolução agrícola do pós-guerra. A deslocação da população para Oeste abriu vastas áreas de solo fértil, ligado ao Leste por caminho-de-ferro. A medida que a produção do algodão, milho, trigo e gado aumentavam, o centro da produção agrícola deslocava-se rapidamente para o Oeste, deixando atrás de si uma economia agrícola definhada. Os rapazes e raparigas das quintas acorriam às cidades, deixando muitas comunidades rurais sem gente nova. Uma canção desse tempo protestando contra o movimento urbano, queixava-se:

A cidade tem muitas atracções
Mas pensa nos seus vícios e pecados;
Quando se é apanhado pelo vértice da moda
Não leva muito tempo a iniciar-se a queda!
Fica na quinta, fica na quinta
Embora os lucros sejam mais lentos.
Fica na quinta, fica na quinta,
Não tenhas pressa de te ires embora

Os novos lavradores do Oeste tinham todas as vantagens da mecanização. Novos arados e grades de lavoura, debulhadoras, segadoras, semeadoras, máquinas de trilhar, desnatadoras etc. tornavam possível, que poucos homens produzissem mais em fazendas maiores».

Passava-se isto em 1900. Como não havia a América de atingir no século XX o lugar de primeira nação do Mundo sem abdicar da liberdade que sempre caracterizou o seu povo?

A batalha da educação

Enquanto passeio por Filadélfia, no intervalo das minhas obrigações fixo, tal como acontecera da primeira vez que ali estivera, a existência dos «ghettos» de negros e brancos. Estes são os empregados menores, fazem nitidamente o papel dos menos inteligentes. E volto a ter a sensação de que as gerações futuras hão-de encontrar na luta racial um dos grandes cataclismos da história humana — a menos que sobreviva a política proposta, com que dificuldades, pelos que acreditam na possibilidade de uma coexistência sem conflitos.

O que me deixa uma réstia de esperança, é a convicção de que o desenvolvimento da inteligência de negros e brancos venha a eliminar, dentro de cinquenta anos, a crise de desconfiança que se regista hoje entre uns e outros. Acredito um pouco na cultura que, no caso do povo americano, é uma das facetas primordiais. Desde a fundação das colónias, que os americanos acreditaram sempre no poder da instrução como fundamento cultural — tal como dizia Jefferson — «de um povo feliz e próspero. Os habitantes da Nova Inglaterra estabeleceram Harvard mal desembarcaram; Franklin e Jefferson fundaram universidades e no começo do século XIX os Estados Unidos organizaram a instrução pública livre para crianças de qualquer sexo, raça ou credo. A tradicional fé americana na instrução era, agora, mais evidente do que na tremenda expansão educacional dos anos após a guerra civil. O número de crianças em idade escolar passou de cinco milhões em 1865 para 7 milhões em 1870 e para 15 milhões em 1900, enquanto os iletrados passavam de 17 para 11 por cento. O progresso era tão quantitativo como qualitativo. Os Estados da União estabeleceram instituições de formação de professores e certificados para os educadores. A antiga academia particular foi rapidamente substituída pelo liceu público, oferecendo uma mais vasta variedade de assuntos e atraindo mais estudantes. No fim do século, o modelo dos sistemas escolares públicos, ainda hoje em vigor nos Estados Unidos, compreendia o início da escola elementar aos cinco ou seis anos mais quatro de escola secundária ou liceu».

Fico a meditar, séria e amargamente, nesta descrição da América no ano de 1900. Como se explica que muitos outros povos estejam atrasados de um século em relação aos Estados Unidos.

Uma peregrinação inesquecível

Desta vez não tenho tempo para efectuar a mesma excursão da outra vez, meio turística meio histórica. Espera-me o regresso a Nova Iorque mais cedo que que fixava o programa inicial. Mas recordo facilmente essa bela peregrinação através do City Hall ornado pela imponente estátua de William Penn, o fundador da cidade; pelo amplo Benjamim Franklin Parkway com as suas fontes e frondosos jardins; pelo modernissimo Center City; pelas áleas de jardins do Rittenhouse Square; e também os «cabarets» especialmente os alegres «cabarets» de Nova Jersey a cidade contígua a Filadélfia. Principalmente revisitei a Praça da Liberdade onde estivera em 1970 sob compreensível emoção.

Voltei à sala da independência, tal como se encontrava na data histórica de 4 de Julho de 1776 e onde, no Verão de 1787, foi escrita a Constituição dos Estados Unidos. Vi a casa modesta onde a sr.ª Elizabeth Ross confeccionou a primeira bandeira dos Estados Unidos que ainda ali se encontra. Mas onde mais tempo me detive, em recolhimento de segundos, foi diante do túmulo ao Soldado Desconhecido da Revolução Americana. Letra por letra, fui traduzindo outra vez a mensagem eterna: «A Liberdade é a luz sem a qual, muitos homens teriam morrido em plena escuridão».

Junto a uma paragem de autocarros

Aspecto de uma rua central

A visita a um dos famosos parques de Filadélfia

Apartamentos

Em Nova Oeiras, na Praceta Carlos Mardel, Lote 84, vendem-se ou trocam-se por terrenos Urbanizados.

Informa: CONSTRAVE
Tel. 25076 Apartado 163
AVEIRO

HERDADE

Para pecuária e seara: ou eucaliptos, a 100 km de Lisboa. 3000 contos. Vende o próprio. Carta para Apartado 1149, Lisboa - 1.

HERDADE

Vende-se, coutada, na Região de Évora, preço 10 700 contos. Sou o dono. Resposta por escrito ao Apartado 1147, Lisboa - 1

Musicoterapia na Gulbenkian:

«EM BUSCA DO «FEED-BACK» SENSORIAL»

Existem dois princípios fundamentais em que se baseia a musicoterapia, entendendo-a, neste caso, como sendo a utilização de qualquer elemento sonoro, musical ou não, de forma a buscar-se o canal de comunicação mais regressivo e a formação de novos canais.

Esses dois princípios são o de ISO e a música como objecto intermediário.

Eis um pequeno extracto do livro «Musicoterapia en el Autismo Infantil», da autoria do prof. Rolando O. Benezon, director da cadeia de Musicoterapia da Faculdade de Medicina da Universidade de Salvador, Buenos Aires, que adiante tentaremos concretizar, de acordo com o que se escreve no referido estudo.

O prof. Benezon encontra-se actualmente em Portugal a reger, juntamente com o maestro Antonio Yepes, como ele de nacionalidade argentina, um curso de cinco dias promovido pela Fundação Gulbenkian.

— **Fomos convidados a vir por pessoa ligada à instituição, na sequência de estadas que fizemos no Peru, Colômbia, Espanha e Brasil, também para dirigir-mos cursos** — conta-nos o professor, com quem mantivémos diálogo durante algum tempo, na Fundação e a caminho do hotel onde estão alojados, ele e o seu companheiro de trabalho.

Comunicar através de elementos não verbais

Tínhamos pensado inicialmente numa entrevista formal, mas, logo após termos formulado duas ou três perguntas, ouvimos a seguinte opinião:

— **É impossível explicar em poucas palavras o que é a musicoterapia e quais os seus métodos, aliás apoiados num completo esquema teórico. Para tanto, teria de ministrar-lhe agora, aqui mesmo, um curso idêntico ao que me leva alguns dias a desenvolver junto dos alunos. É toda uma teoria, uma metodologia, um trabalho.**

Mas, entretanto, sempre vamos escutando do prof. Benezon uma outra definição de musicoterapia, por ventura dada em termos menos herméticos do que os utilizados na obra que mencionámos:

— **Estamos** — diz-nos ele — **perante uma técnica de comunicação que utiliza elementos não-verbais para comunicar, manifestamente eficaz na resolução de problemas onde exista um bloqueio de comunicação. É recomendada para esquizofrénicos e para todos os pacientes que sofram de qualquer patologia, seja ela psíquica ou orgânica.**

E ainda:

— **Existe a possibilidade de se diagnosticar através da música, por intermédio de um teste projectivo sonoro. Em vez de passarem imagens, passam sons. O paciente vai dizendo o que imagina, o que lhes associa, etc.**

A acção terapêutica do canto

«Pero-lero-lero
Pero-lero-lero
Tenho tudo quanto quero
Tenho tudo quanto quero»

Era assim que cantavam os alunos de musicoterapia que frequentam o curso. Como chegámos antes da hora marcada tivémos ocasião de apreciar, um tanto indiscretamente, confessamo-lo, a parte final da aula dirigida pelo maestro Yepes.

Este recomendava concentração na música. Mas a excitação era grande, embora os muitos adultos que ali se encontravam mantivessem um tom de muito habitual respeito pelo mestre.

Por vezes, discutia-se a equivalência de termos — da letra das canções — entre o espanhol e o português.

E cantava-se, cantava-se qualquer coisa como isto (não garantimos que a reprodução seja textual):

«Tenho, tenho, tenho,
Não me falta nada
Tenho três ovelhas
Tenho uma manada».

Depois as pessoas saíram, ainda a cantar. Mas calavam-se quando nos viam, como que envergonhadas. Porquê?

No seio dos grupos que se juntavam cá fora, passada que era a porta da sala, a conversa centrava-se sobre assuntos do quotidiano:

— Dás-me uma boléia?
— Dou, se fores para os meus lados.
— Toma lá lume!
— Para onde vais agora?
— Tens que fazer?
Etecétera.

O Princípio de «ISO» e a música como elemento intermediário.

Voltemos ao Princípio de ISO e à **música como elemento intermediário.**

Escreve o prof. Benezon:

Iso quer dizer igual e baseia-se na busca da identidade sonora para que se produza a comunicação não-verbal com o paciente.

E acrescenta:

O mesmo é dizer que, se pretendermos comunicar com um paciente maníaco, cujo tempo mental é acelerado, rápido, inquieto, disperso, etc., deve utilizar-se um tempo mental «allegro», «vivace», «pizzicato»; pelo contrário, com um paciente depressivo, melancólico, cujo tempo mental é lento, triste, reconcentrado, é necessário utilizar um tempo musical «addagio», «andante», «triste», etc...

Repare o leitor quanto é errada a convicção de que se acalma alguém excitado, fazendo essa pessoa ouvir música suave.

Em termos mais profundos, o Princípio de ISO estabelece a busca dos elementos sonoros mais regressivos, que sirvam ao musicoterapeuta como caminho para a comunicação com o paciente, podendo acoplar todos aqueles sons relacionados com os conflitos mentais e ambientais — prossegue o musicoterapeuta argentino.

Devo aclarar — acrescenta — **que o Princípio de ISO não é um elemento rígido e estável, pois encontra-se em movimento, sendo por isso que se estrutura à medida que se desenvolve a comunicação com o paciente; é um processo dinâmico cujos actores são ambos, terapeuta e paciente, criando uma conjunção dos ISO, tanto do terapeuta como do paciente.**

Quanto à **música como objecto intermediário** é um termo usado em psicodrama pelo dr. Rojas-Bermúdez. Utilizando a música, percebeu que os pacientes respondiam quando a fonte emissora não era humana. Deste modo, a música e o instrumento musical podem considerar-se «objecto intermediário» pelas possibilidades que oferece ao terapeuta de estabelecer contacto com determinados tipos de pacientes, sem desencadear reacções de alarme. Este contacto é que vem a permitir mais tarde a interacção entre os psiquismos dos indivíduos e o criarem-se vínculos.

Fazer coincidir os reportórios

Em resumo, quer-nos parecer que tudo se passa como num processo de comunicação em que, por motivos diversos (patológicos, para o caso), não há identidade de reportórios entre o emissor e o receptor, sendo impossível, por isso o «feed-back» — movimento de retorno, resposta, etc. E aí que a música pode actuar, uniformizando esses mesmos reportórios a nível sensorial, como ponto de partida para outra identidade posterior, já no campo do conhecimento.

Sabe-se, por outro lado, que podem mobilizar-se em colaboração com a musicoterapia, outra actividades imaginativas e criatividade, como figuração gestual e percussão elementar, improvisação aleatória e expressão livre, que acabam por conferir uma maior força ao desenvolvimento do processo terapêutico.

Seja como for, vemo-nos forçados a concluir que musicoterapia não é **milagre** de charlatão, mas sim uma arma poderosa, baseada em modernos conceitos e susceptível de servir interesses opostos.

Como será utilizada na pátria do peronismo, onde tem registado notável incremento?

VÍTOR SERRA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CONCURSO

Para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de SINTRA

Até às 16 horas do dia 18 de Março de 1974, esta Companhia aceita propostas para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra, sendo todas as despesas a cargo dos interessados.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração do restaurante é de 36 contos e cada concorrente efectuará previamente um depósito de 6000$00 em qualquer estação da Companhia.

As propostas, em carta fechada, deverão ser feitas com base no **Programa do Concurso** e **Caderno de Encargos** que os interessados poderão consultar nas estações e locais indicados em AVISO afixado nas principais estações, endereçando-as em seguida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa-2. Na parte exterior do sobrescrito, a seguir a este endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a construção, apetrechamento e exploração de um snack-bar na estação de Sintra».

MINISTÉRIO DA MARINHA

Direcção dos Serviços de Abastecimento

AVISO

Faz-se público que está aberto concurso para admissão de Serventes Especializados do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha (lotação da Direcção dos Serviços de Abastecimento).

As condições de admissão encontram-se patentes na Direcção do Serviço do Pessoal 4.ª Repartição do Ministério da Marinha, e na Secretaria Central desta Direcção.

Direcção dos Serviços de Abastecimento, Alfeite, 19-3-74.

A BEM DA NAÇÃO
O DIRECTOR
Carlos Alberto Mota
Cap. m. g. AN

ELECTRICISTAS

Firma empreiteira do ramo electrotécnico necessita para admissão imediata de:

— **OFICIAIS**
— **PRÉ-OFICIAIS**
— **AJUDANTES**

Resposta nos dias úteis das 14,30 às 18,30 no Largo do Campo Pequeno, 21-4.º Esq.

Os nossos arquitectos e a cidade

(Continuação da pág. III)

investimentos públicos em infra-estruturas de comunicação que seriam a sua condição de viabilidade, sem se interrogar sobre os efeitos de tal aparição no mercado do solo e da residência na estrutura das áreas centrais existentes, dos transportes, no orçamento municipal... — ou seja, sobre os efeitos sociais da remodelação urbana que provocará?

Volto pois a insistir na primazia do conhecimento efectivamente opeatório de como o sistema das «interdependências entre os factores trabalha e as **desigualdades** se reproduzem incessantemente, no meio urbano, sob novas formas ou a nova escala.

Não é verdade que o desconhecimento generalizado presente não aproveite a ninguém. Investir em conceitos, temas e modelos que interpretem a dinamica urbana à luz da dinamica da formação social é efectivamente essencial num momento em que os «estudos» e os «projectos» se procuram dourar cada vez mais de «nacionalidade» e de «imagem ou aura arquitectónica» que justifiquem e façam passar os concretos interesses particulares pelos propositadamente deixados vagos interesses colectivos...

Além de avançar nesta via do trabalho explicativo — que tem ficado, naturalmente, para trás — que se pode fazer de concreto, **nesta** cidade?

A este respeito os arquitectos que deposeram ao longo destas semanas não deram contribuições notórias. Mas seriam elas de esperar? Sob um tom geral de desencanto e impotência para reflectir o rumo aos acontecimentos, a maioria espera ou exige que a autoridade administrativa inverta as relações de interesses (que incluem os dos técnicos, (naturalmente) que são, essas sim, o grande arquitecto desta cidade. Outros responsabilizam-**se** e responsabilizam-**nos** por um trabalho consciente e persistente de intervenção nem futil nem utópia, bem conscientes que no seu âmbito não alterara a estrutura classista nem os objectivos de acumulação de capital subjacentes às formas do crescimento e renovação urbanas. Oue altera então? Oue esperanças podem dar-se entretanto à maioria que aguenta dia-a-dia as consequências **espaciais** daquelas estratégias? A resposta para ser concreta, é difícil.

Tais esperanças são função, evidentemente, da coerência do técnico em relação a objectivos sociais que se proponha (e que possam ser conseguidos, no âmbito da sua intervenção) mas não são menos função da sua competência científica e técnica — a arma que lhe permite passar das intenções que faça suas e das restrições postas pela clientela e meios produtivos à definição de estratégias e de tácticas que permitam maximizar os interesses sociais não dominantes.

Na análise, conduzida com o rigor possível, de como a fábrica urbana trabalha e como a sua marcha pode ser mais ou menos sensível à actuação que se faça através de uma ou outra componente — porque se conhecem as interdependências entre as peças da máquina — nem trabalho vejo o ponto de partida para uma tentatividade renovação do ensino das novas gerações técnicos e da reciclagem das anteriores — dos arquitectos e não só.

Se vale a analogia com o **jogo** (mais ou menos monopolista) que o último entrevistado intriduziu oportunamente este ensino é o que revele as regras (opacas) do jogo, que prescrute os objectivos e estratégias dos jogadores em presença e as desigualdades das chances distribuídas, mas no confronto com a nossa realidade, pondo em dúvida receitas de importação (oh as torres, os zigorates, as megaestruturas, os centros direccionais, os tuneis ou oa monorails...) que se não forem repensadas são afinal os «bluff» do grande **jogo**

Na segunda parte destas reflexões procuraremos analisar dois problemas concretos levantados: as dificuldades da participação das populações no... jogo e o contraste previsível entre certas «soluções» aparentemente progressivas propostas por um ou outro entrevistado e os mecanismos de reprodução das desigualdades urbanísticas a que aqui se aludiu e que imediatamente lhes define o significado.

PEANUTS

apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

Por SCHULZ

os Kolans

DOIS GRAVES DESASTRES

ALGARVE:

Despenhou-se um avião de turismo — 3 mortos

CASTELO BRANCO:

Choque de camiões — 4 mortos

O princípio da noite de ontem foi assinalado por duas tragédias: no Algarve, um avião de turismo despenhou-se e, ao que se julga, morreram os seus quatro ocupantes (embora só tivessem aparecido até ao princípio da madrugada, três corpos); em Castelo Branco, um camião-cisterna embateu noutro veículo pesado e, ao explodir, provocou a morte de quatro homens. O fim-de-semana ficou desta forma elutado por dois acidentes que atingiram proporções bem dolorosas.

As informações sobre o desastre aéreo tornaram-se difíceis, pois o pequeno aparelho despenhou-se na serra do Caldeirão, o que tornou também orosos os socorros. Notícias provenientes de Espanha, de onde o avião partira, com destino alo Algarve, referiam-se a quatro pessoas que viriam a bordo. Mas os bombeiros e a GNR só encontraram três corpos junto dos destroços.

ACORDO NO MERCADO COMUM SOBRE OS PREÇOS AGRÍCOLAS

BRUXELAS (Comunidades Europeias) — (F P) — No termo de um debate maratona, iniciado quinta-feira, os ministros da Agricultura dos «Nove» chegaram ontem, ao princípio da noite, com a participação do seu novo colega britânico, Fred Peart, a um acordo a respeito dos preços agrícolas aplicáveis na campanha de 1974/75.

Os ministros respeitaram deste modo o seu compromisso, contraído para com o mundo agrícola, que esperava aumentos dos preços já a partir de 1 de Abril, com retroactivo a 1 de Março para a carne bovina e os produtos lácteos.

Os ministros dos «Nove» adoptaram novo leque de preços sensivelmente diferentes do que lhes foi proposto pela Comissão da C.E.E. em Janeiro. Este leque comportaria um aumento médio da ordem dos 10 por cento ao passo que a Comissão propunha 7 por cento e as organizações profissionais reclamavam 14 por cento.

O novo Governo de Londres ter-se-á oposto de começo a aumento de preços susceptíveis de aumentar o custo da vida aos consumidores. Deu, contudo, o seu acordo aos novos preços comuns porque os seus parceiros lhe consentiram derrogações substanciais de regras comunitárias habituais.

Providencialmente, a Comissão da C.E.E. que teve a iniciativa do projecto de compromisso, recordou aos ministros que os acordos de Janeiro de 1972 a respeito da adesão da Grã-Bretanha ao Mercado Comum certas derrogações provisórias das regras comuns.

Continua na pág. 2

O Mercado Comum Europeu chegou finalmente a um acordo sobre os preços agrícolas. Na telefoto, Josef Ertl (à esquerda) ministro alemão para a Agricultura e presidente do conselho de ministros do Mercado Comum troca algumas impressões com François-Xavier Ortoli (UPI-Telimprensa-«DL»)

O chefe do Estado acompanhado pelo ministro da Saúde, pelo Provedor da Misericórdia e outras individualidades, durante a inauguração do novo Hospital de Cascais

Inaugurado em Cascais pelo Chefe do Estado o novo hospital distrital

Acompanhado de alguns membros do Governo e de outras entidades oficiais, o Chefe do Estado inaugurou, ontem à tarde, na vila de Cascais, o Bairro Maria, em Alvide, e ainda o Hospital Distrital da Santa Casa da Misericórdia.

Eram cerca das 15 e 30 quando o almirante Américo Thomaz chegou ao Bairro Maria acompanhado da sua comitiva e, depois de ter descerrado uma lápida comemorativa do acto, procedeu à visita de algumas casas do bairro que, na fase final, terá 108 fogos e que na primeira fase — 54 habitações agora inauguradas — não se tornou necessária a comparticipção oficial do Estado em virtude das boas vontades de alguns particulares e das entidades locais

No prosseguimento do programa previsto, o Presidente da República dirigiu-se depois para o edifício do novo hospital distrital que se encontra em funcionamento desde Setembro último, o qual visitou demoradamente.

Este estabelecimento de saúde que substitui o deficiente Hospital Condes de Castro Guimarães resultou também do esforço empreendido pela Santa Casa de Misericórdia de Cascais que promoveu todos os seus esforços para que a obra se tornasse possível, fazendo peditórios públicos em todo o concelho, organizando verbenas, festas, sorteios e contactando grandes empresas, companhias de seguros e bancos no intuito de assim conseguir o máximo possível de doações.

Deste modo o edifício agora inaugurado possui condições que o anterior estava muito longe de satisfazer. Das 250 camas existentes, distribuídas por 25 enfermarias, 35 pertencem a quartos particulares; possui também quatro blocos operatórios sendo um destinado à ortotraumatologia; funcionam ainda serviço de sangue, laboratório de análises, serviço de cardiologia, maternidade e serviço de pediatria e um serviço permanente de urgência. O funcionamento do hospital é asse-

Continua na pág. 4

Possível implicação de dois ministros italianos em novo escândalo

ROMA, 24 (EFE-ANI) — O secretário-geral da União Nacional dos Consumidores, Vicenzo Dona, foi preso ontem em Roma, confirmando-se assim um novo escândalo na Itália, no qual estariam implicados dois ministros do actual Governo: o democrata-cristão Emilio Colombo, do Tesoiro, e o socialista António Giolitti, do Planeamento Económico

Segundo as investigações realizadas pelo «pretor» (juiz municipal) de Bettola, Bruno Catalanotti, a União dos Consumidores tinha-se transformado numa organização perfeitamente articulada e com um poder económico capaz de assegurar apoio — eleitoral e financeiro — a algumas personalidades políticas.

Dado que, na investigação efectuada pelo magistrado, se verificou que figuravam nos arquivos os nomes dos ministros Colombo e Giolitti, o inquiridor enviou, há dois dias, os documentos ao presidente da Câmara dos Deputados, para que decida da abertura, ou não, de nova investigação judicial por parte da Comissão Parlamentar, que anteriormente se ocupou dos outros ministros, implicados no escândalo do petróleo.

Segundo os regulamentos, ao aparecer o nome de um ministro de Estado numa investigação judicial, o magistrado que a conduza deve suspender imediatamente o processo e enviá-lo para o Parlamento, única entidade competente para decidir a eventual abertura de um processo contra uma pessoa que tenha, ou tenha tido, funções governativas.

Dos documentos apreendidos pelo «pretor» de Betolla depreende-se que a União dos Consumidores tinha deturpado o objectivo para que fora criada, e recebida, por um lado, subvenções de grandes empresas industriais e comerciais, enquanto que, por outro lado, financiava alguns partidos políticos.

A ordem de prisão do secretário-geral da União dos Consumidores foi emitida pelo «pretor» Catalanotti, que acusou Vicenzo Dona de «corrupção e extorsão».

Recontro no Saará

O GOVERNO ESPANHOL DESMENTE MORTOS

MADRID, 24 (FP) — De fonte oficial desmentem categoricamente as informações publicadas na Imprensa estrangeira de vários militares espanhóis terem sido mortos num recontro, em fins de Janeiro, no Saara Espanhol, com os saarianos.

O jornal marroquino «Maghreb Informations» indicou na quarta-feira que vários espanhóis, entre os quais um major e um capitão da Polícia, tinham sido mortos nesse combate. Cinco saarianos, um dos quais ferido, cairam prisioneiros depois de terem esgotado as munições.

Faculdade encerrada

SANTIAGO DE COMPOSTELA (Espanha), 24 (EFE-ANI) — A Faculdade de Ciências da Universidade de Santiago de Compostela foi encerrada até dia a determinar — anunciou a autoridade académica.

O facto deve-se aos incidentes que ali se registaram recentemente, num dos quais foi agredido um bedel que ficou levemente ferido.

Televisão a cores

BARCELONA, 24 (FP) — «A televisão a cores será instalada em breve em Espanha», declarou ontem Juan José Roson, director-geral da rádio e da televisão. Acrescentou que essa instalação se verificará «se possível antes do Verão», não precisando, porém, qual o sistema escolhido.

O director-geral indicou igualmente que após as experiências feitas com o sistema alemão «Pal», vai ser ensaiado nas próximas semanas o sistema francês «Secam».

Assalto

MADRID, 24 (FP) — Ontem de manhã três homens de uns 20 anos, mascarados e armados, assaltaram um estabelecimento de crédito nos subúrbios de Madrid, de onde levaram 460 000 pesetas. Entretanto em Barcelona cinco malfeitores atacaram dois cobradores de um empresa que levavam 750 000 pesetas.

A Polícia madrilena anunciou por outro lado a prisão dos seis assaltantes que na passada quinta-feira roubaram 2,6 milhões de pesetas. Um dos meliantes foi detido na residência em San Sebastian com o seu quinhão no roubo.

O Governo obteve a confiança

Entretanto, o Governo de coligação centro-esquerda italiano chefiado pelo primeiro-ministro Mariano Rumor, obteve a confiança do Parlamento, depois de dois dias de debates.

Por 343 votos a favor e 231 contra, a Câmara dos Deputados deu a sua aprovação ao plano de Rumor para combater a inflação, utilizando um programa severo, que significará o aumento dos preços da gasolina, da carne e de outros géneros.

HOJE
36 PÁGINAS

MINISTRO SOVIÉTICO DA DEFESA VISITA O IRAQUE

BAGDAD, 24 — (R) — O ministro soviético da Defesa, marechal Andrei Grechko, iniciou em Bagdad conversações com dirigentes iraquianos, enquanto continua a subir a tensão entre o Governo e os rebeldes Curdos das montanhas do Norte do país.

Observadores especulam que um dos fins da visita oficial de quatro dias do marechal Grechko será para ajudar a pôr termo aos combates entre as forças governamentais e os rebeldes Curdos — tanto mais que a União Soviética mantém íntimas ligações com ambas as partes.

Em recentes anos, por diversas ocasiões, os soviéticos têm agido como medianeiros para impedir a renovação da luta, e esta ocasião apresenta-se-lhe como um rude desafio para conseguirem encontrar uma fórmula de compromisso.

O Governo iraquiano deu um prazo até terça-feira aos Curdos para considerarem se querem aceitar ou não a fórmula de Bagdad para uma certa autonomia ou terão de enfrentar o rompimento da periclitante trégua que entre eles se estabeleceu, mas que tem durado desde que os Curdos, em 1970, terminaram uma revolta de 10 anos.

Partilhar os lucros do petróleo

O principal chefe dos guerrilheiros Curdos, Mullah Mustafa Barzani, de 76 anos, rejeitou aparentemente as propostas governamentais e ameaçou com sabotagens em larga escala às instalações petrolíferas no Norte a menos que Bagdad concorde em compartilhar com mais justiça os lucros do petróleo com os Curdos.

Por outro lado, segundo se afirma, os Curdos não se mostram também satisfeitos a respeito da área geográfica a que será concedida autonomia.

Notícias procedentes da vizinha Turquia informam que partidários militantes de Barzani no Partido Democrático do Curdistão (P.D.C.) se apoderaram de postos governamentais no Norte do Iraque e que Barzani deu a Bagdad um prazo até segunda-feira para anunciar a sua decisão relativa às exigências curdistanesas . precisamente um dia antes de explicar o último do Governo.

Especula-se na ausência de quaisquer informações oficiais sobre a natureza das conversações que o problema dos Curdos não deve ser o único tópico dos debates do marechal Grechko com entidades governamentais iraquianas.

O Iraque é um dos principais aliados da União Soviética no mundo árabe e o Governo de Bagdad quererá provavelmente pedir ao marechal Grechko futuros envios de armas, das quais os soviéticos são os principais fornecedores. Mas por outro lado, o envio de armas soviéticas para as forças governamentais causará, de certo, má impressão junto dos dirigentes Curdos.

O marechal Grechko e os dirigentes iranianos debaterão provavelmente os últimos acontecimentos no Médio Oriente.

O Iraque — um dos países árabes combatentes na Guerra de Outubro, tem-se recusado a aceitar a fórmula de cessar-fogo e apoia uma linha dura estratégica contra, os israelitas.

Outro problema que com certeza será debatido é o da disputa fronteiriça iraquiana com o Irão, que nos dois últimos meses se desenvolveu de forma bastante perigosa.

Protesto chinês contra a U. R. S. S.

PEQUIM, 24 (R.) A China apresentou um violento protesto à União Soviética por ter enviado um helicóptero a território chinês, há dez dias, numa alegada missão de espionagem.

PALESTINIANOS ESPANTADOS

BEIRUTE, 24 (UPI-ANI) — Os dirigentes guerrilheiros palestinianos declararam ontem estarem «espantados» com a decisão tomada por seis países árabes, do levantamento do embargo do petróleo contra os Estados Unidos.

Num documento publicado pela Comissão Executiva da Organização para a Libertação da Palestina (O.L.P.) , afirma-se:

«A Comissão ficou espantada com a decisão do levantamento do embargo, porque o inimigo sionista continua a manter a sua posição intransigente, e os Estados Unidos continuam a abastecer Israel com todos os instrumentos de agressão e meios de sobrevivência.»

A Comissão, composta por nove membros, recordou aos países árabes que a utilização da «arma do petróleo» havia sido decidida em Novembro passado no decorrer da cimeira árabe realizada em Israel. A «arma do petróleo» declarou — é um instrumento de pressão política que tem o objectivo de servir a causa palestiniana, o caracter árabe de Jerusalém e os direitos legítimos do povo palestiniano.

Observadores chamaram a atenção para o tom pouco duro em que o documento foi escrito, sem condenar a decisão dos ministros do petróleo.

Os comentadores julgam que o tom suave se deve ao desejo dos guerrilheiros de ão encolerizarem o Egipto e a Arábia Saudita, que dirigiram a campanha para o levantamento do embargo.

Informadores dos guerrilheiros revelaram que as reuniões da Comissão Executiva da O. L.P., sob a presidência de Yasser Arafat, tinham o objectivo de determinar a posição do movimento perante os actuais esforços no sentido da paz para o Médio Oriente.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Papelaria e Tabacaria Paloio» por Manuel António Curado da Silva. Rua Costa Pinto, 102-104. PAÇO D' ARCOS

O PETRÓLEO LÍBIO TEM TRÊS PREÇOS

TUNES, 24 (UPI-ANI) — A Líbia decidiu vender o seu petróleo por três tabelas de preços diferentes — uma para países industriais, outra com preços mais baixos, para países em vias de desenvolvimento, e uma última, ainda de preços mais reduzidos, para os países muçulmanos — segundo a notícia divulgada ontem por uma agência noticiosa líbia.

Acrescentava a agência que foi o Conselho Revolucionário que regulamentou esta medida.

Segundo a mesma fonte, os países industriais — excepto aqueles que fornecem ajuda técnica ou material bélico — pagarão pela tabela mais elevada.

Um preço mais baixo será oferecido aos países do Terceiro Mundo, em desenvolvimento, e os países muçulmanos beneficiarão do preço mais baixo, pois «o Islão é um só todo».

O chefe de Estado da Líbia, coronel Muammar Gaddafi, já falara destas tabelas de preços durante a cimeira muçulmana realizada no Paquistão, no mês passado.

ACORDO NO MERCADO COMUM

Continuação da pág 1

Estes textos foram invocados para autorizar Londres a manter auxílios nacionais à produção de bovinos e de porcinos, à refinação de açucar e ao consumo de manteiga.

O conjunto destas disposições permitirá eliminar, para os consumidores britânicos, o efeito das altas aplicáveis no resto do Mercado Comum.

Mostrando-se imaginativos, os ministros acharam fórmulas que permitem dar satisfação às reivindicações particulares de vários Estados membros: um preço especial para porco destinado a toucinho magro (bacon) isto é, o porco magro criado pelos dinamarqueses; auxílios comunitários aos criadores da República da Irlanda para que não sejam traídos pelos auxílios prestados pelos britânicos no Ulster, a continuação dos auxílios à produção de azeite e de trigo duro em Itália.

Depois de chegarem a este compromisso, os ministros passaram as medidas técnicas para a sua aplicação. Eram cerca de 20 horas. A sessão, começada quinta-feira de manhã foi marcada de uma ponta a outra por vontade unânime de chegar a resultados e de evitar cisões. Cerca das 21 horas, os ministros, tendo concluído os seus trabalhos, separaram-se.

Receava-se o pior dos Trabalhistas

Receava-se o pior. Era a primeira vez que um membro do novo Governo britânico trabalhista assistia ao Conselho dos «Nove».

A intenção britânica de renegociar as condições financeiras da participação do Reino Unido na C.E.E. fazia tremer os partidários da política agrícola comum. Na realidade, os ministros dos «Nove» evitaram no sábado ter de encaixar o choque de frente. Adoptaram soluções provisórias para os problemas britânicos que exigirão decisões mais difíceis dentro de um ano.

Mas, por ora, está salvaguardada a política agrícola comum, ou, pelo menos, o que dela resta depois dos abalos monetários dos últimos anos.

Competirá aos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Nove» encaixar, em 1 e 2 de Abril no Luxemburgo, a onda de choque do ataque lançado pelos trabalhistas britânicos ao Mercado Comum.

SURDOS

CENTRO AUDITIVO

Organização especializada em audiometria e prótese auditivas

RUA DA PRATA, N.º 227 - 1.º — LISBOA 2

Telefones 32 52 82 - 36 21 05

O nosso director-técnico regressou da sua viagem de trabalho e de estudo que fez às fábricas PHILIPS em EINDHOVEN - HOLANDA, onde tomou conhecimento das técnicas mais actuais na fabricação de próteses auditivas, métodos de aplicação mais modernos a cada caso de surdez e testes de udiometria.

Se necessita de melhorar a sua correcção auditiva experimente as ÚLTIMAS TÉCNICAS PHILIPS ao dispor dos deficientes de audição.

CONHEÇA O NOVO SENTIDO DO SOM ATRAVÉS DOS AUDITIVOS PHILIPS

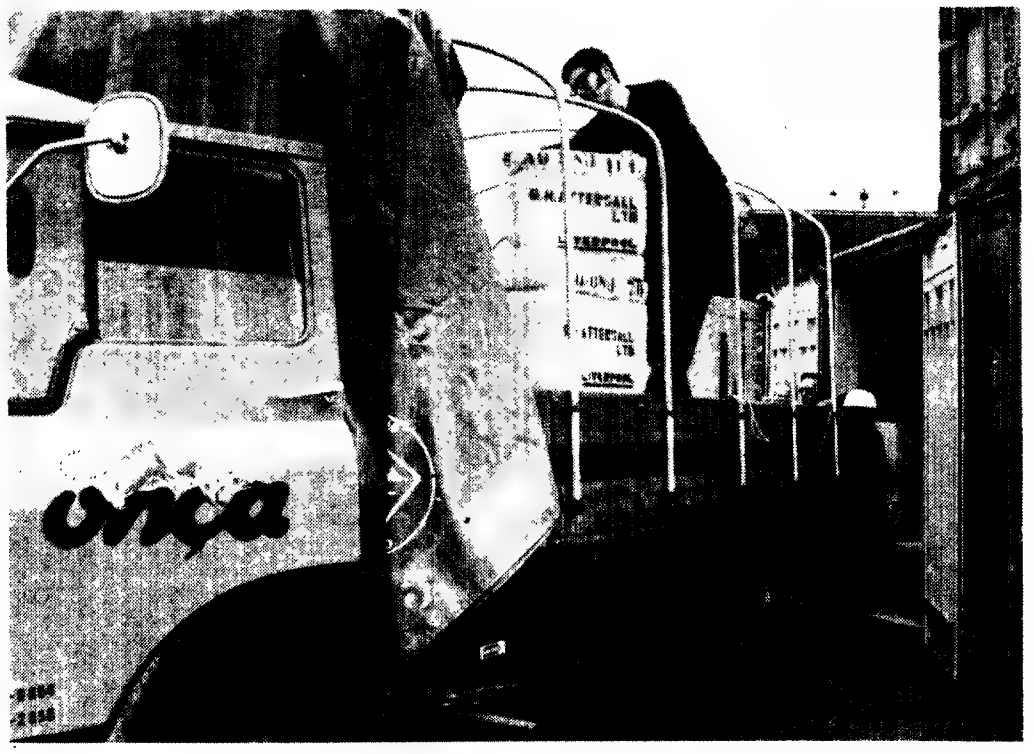
CENTRO AUDITIVO

Direcção técnica com 26 anos de especialidade

CURSO DE MASSAGISTA

Estão abertas, até ao fim do mês corrente, as inscrições para um curso de massagem manual, a iniciar em breve sob a direcção de Zélia Manuel, massagista especializada na Suiça. O curso (de frequência limitada e seleccionada) destina-se a criar uma equipa privativa do instituto «Sauna Z» (Avenida Infante Santo, 361, 1.º Esq.º), onde as condições se encontram patentes, podendo também ser fornecidas pelo Telefone 676746.

FÁBRICA "ONÇA"



Uma das muitas exportações para a Europa
No caminho da exportação!
Na senda do progresso!
Apoio firme à indústria nacional!

VELHO COSTUREIRO MORREU EM PARIS

MONTE CARLO, 24 (UPI-ANI) — Eduardo Molyneux, fundador do estabelecimento de alta costura no número 5 da Rue Royale, em Paris, faleceu ontem em Monte Carlo. Contava 82 anos.

Nascido em Londres, a 5 de Setembro de 1891, Molyneux iniciou a sua carreira no mundo da moda depois da Primeira Guerra Mundial. Acreditava na beleza única da aparência verdadeiramente feminina, da mulher, e condenava as botas, as calças e qualquer coisa desenhada «para imitar os homens».

«A mulher» — dizia Molyneux — «precisa de vestidos bonitos, práticos e confortáveis. E claro que não quero dizer com isto que deva usar roupas tristes e sem vida».

O figurinista reformou-se em 1952. Depois de uma dezena de anos de descanso na Riviera, tentou o regresso, mas a «mágica de Molyneux» já pertencia ao passado.

Desenhadores mais jovens tinham tomado o seu lugar. Só um pequeno grupo permanecera fiel à sua recordação e directrizes.

«Além da sua fama como desenhador, Molyneux também era conhecido pela sua colecção de arte, pelo cultivo de flores e por fundar vários clubes nocturnos.

Acerca das botas, calças e meias esquisitas, o figurinista afirmava que qualquer mulher com mais de vinte anos, que usasse coisas parecidas «ficaria absolutamente ridícula».

E acrescentava:

«São coisas muito engraçadas, mas que não têm nada a ver com o verdadeiro 'chic'.»

Um dos momentos culminantes da vida de Molyneux como desenhador — que influenciou a moda moderna — teve lugar em 1934 quando desenhou o vestido da Princesa Marina da Grécia para o seu casamento com o Duque de Kent.

Outra das suas clientes foi a Duquesa de Windsor.

Molyneux iniciou a sua carreira como assistente da casa de modas «Lucille», em 1911. Depois de ter prestado o serviço militar no regimento do Duque de Wellington, na Primeira Guerra Mundial e de ter ascendido ao posto de capitão, abriu o seu próprio salão em Paris, em 1919.

A sua primeira passagem de modelos constituiu um triunfo. As mulheres diziam que os seus vestidos reuniam a tradicional elegância britânica ao espírito alegre de Paris.

Os serviços fúnebres de Eduardo Molyneux realizam-se na terça-feira em Biot, perto de Cannes.

POMPIDOU: JANTAR CANCELADO

PARIS, 24 — (UPI-ANI) — O presidente Georges Pompidou, que sofre de «uma leve mas dolorosa indisposição», cancelou o jantar diplomático que devia realizar-se no dia 29 — anunciava-se ontem em círculos próximos do palácio presidencial.

Acrescenta-se que Pompídou, cuja saúde tem sido objecto de especulação desde há um ano, não efectuará muito provavelmente a sua visita ao Japão, programada para 23 a 26 de Abril.

Na passada quinta-feira, o presidente não compareceu ao primeiro dos dois banquetes anuais oferecidos aos embaixadores acreditados em Paris, que, por serem muito numerosos, obrigam a dividir o banquete.

O médico assistente de Pompidou, o dr. Jean Vignalou, afirmou que o presidente sofre de uma «lesão vascular benigna».

Não se registou a comparência de qualquer informador no palácio presidencial do Eliseu ontem à tarde, para anunciar o cancelamento do segundo banquete, que foi anunciado pela rádio de Paris.

ESCRITÓRIOS

ALUGAM-SE

No Chiado, em prédio totalmentee remodelado, alcatifados, acabamentos de luxo, elevador, aquecimento, porteiros das 8 às 22 horas. R. Garrett, 80.

Inundações no Brasil:

25 mil desalojados

RIO DE JANEIRO, 24 (ANI) — Mais de vinte e cinco mil pessoas perderam as suas casas nos últimos dias em diversas regiões do Brasil devido às gigantescas enchentes dos rios — anuncia-se em círculos não oficiais.

Ontem na cidade de Maraba, no Estado do Pará, a subida do rio Tocantins arrasou as casas de mais de oito mil pessoas que habitam nos subúrbios.

No Estado de Mato Grosso, a subida do nivel dos rios Paraguai e Araguaia deixou sem tecto doze mil habitantes.

São também vários milhares os que perderam as casas nos Estados do Ceará e do Amazonas.

A intensidade e a permanência das chuvas, que desde há duas semanas caem numa vasta região amazónica, provocaram enormes inundações, calcula-se que se tenham perdido mais de cinco mil cabeças de gado.

Os peritos afirmam que as inundações, no caso de continuarem as chuvas, poderão ocasionar uma crise semelhante à de 1957, com grandes prejuizos materiais.

O presidente Geisel prevê um ano difícil

BRASÍLIA, 24 — (ANI — Advertindo de que não é homem de «dar um passo à frente e outro para trás», o presidente da república, general Ernesto Geisel, recebeu os membros da mesa directora da Câmara dos Deputados, e pediu-lhes a colaboração de todos, principalmente dos políticos, para levar a bom porto a sua «difícil missão».

Depois de afirmar que as suas acções são estudadas e calculadas, o presidente Geisel disse que o seu Governo vai precisar da compreensão dos políticos, especialmente este ano, que prevê muito difícil, inclusive por causa da escolha dos governadores estaduais e das eleições parlamentares.

Os componentes da mesa da direcção da Câmara dos Deputados tendo à frente o presidente Flávio Marcílio, manifestaram ao chefe do Governo o propósito da Câmara em colaborar efectivamente com a administração nacional.

O presidente agradeceu, e reiterou que deseja e precisa de contar com todo o apoio do país.

MONSENHOR CASSAROLI EM CUBA

HAVANA, 24 (EFE-ANI) — Chega no próximo dia 27 a Havana o secretário de Estado do Vaticano, Mons. Cassaroli.

A notícia foi ontem confirmada à «EFE» pelo núncio apostólico de Sua Santidade em Cuba, mons. Sacchi.

Ao ser interrogado sobre o significado desta visita, para a qual Mons. Cassaroli foi convidado pelo episcopado cubano, Mons. Sacchi respondeu que poderia ser classificada, sem dúvida, como «muito positiva».

Apesar de não se tratar de uma visita programada oficialmente pelo Governo cubano, o secretário de Estado do Vaticano será recebido no aeroporto por altas individualidades.

Por outro lado, Mons. Sacchi confirmcu à «EFE» que, durante a estada de Mons. Cassaroli, se efectuarão diversas conversações com personalidades do Governo cubano.

A CAMINHO DE MOSCOVO KISSINGER ESCALA EM BONN

BONN, 24 — (R.) — O secretário de Estado americano, Henry Kissinger, efectua hoje a sua segunda visita em três semanas à Alemanha, para conversações que se espera incluam o debate das divergências entre Washington e a Europa Ocidental.

Durante uma escala de três horas, a caminho de Moscovo, Kissinger conferencia ao almoço com o seu homólogo alemão, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, no castelo de Gymnich, nos arredores da capital.

Funcionários americanos têm indicado não haver agenda de trabalhos preparada para a conferência, em que provavelmente serão debatidos tópicos como as relações Ocidente-Leste à luz das reuniões que o secretário de Estado vai em breve ter com o Kremlin.

Mas embora se registe aqui grande interesse pelas negociações de Moscovo, particularmente tendo em vista que cobrirão a redução de forças na Europa e a situação no Médio Oriente, estes tópicos diminuiram de importância desde que o dr. Kissinger aqui esteve pela última vez devido às suas queixas de que alguns países do Mercado Comum estavam a procurar uma identidade europeia «em oposição aos Estados Unidos».

Em resposta a esta alegação, e às outras críticas ao comportamento do Mercado Comum, Scheel elaborou uma série de propostas destinadas a garantir mais estreitas consultas transatlânticas no futuro.

Estas proposta estão a ser estudadas por outros países do Mercado Comum, pensando-se que sejam abordadas na conferência Scheel-Kissinger.

Dissidência francesa

Estando ainda viva a dissidência francesa na conferência de energia realizada em Washington, é provável que Kissinger pergunte a Scheel o que actualmente se pode esperar de Paris.

O ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, reflectindo o alarme do seu país à simples menção da redução unilateral das tropas americanas na Europa, tem-se mostrado conciliatório às insinuações de Washington sobre o assunto, salientando que Bonn tudo fará para reforçar a cooperção e que os europeus não procuram um confronto.

A semana passada, os dois países chegaram a acordo em princípio a respeito da contribuição alemã para a despesa de manutenção dos 220.000 soldados americanos em solo germânico, e os dois ministros possivelmente ultimarão o acordo.

Um assunto relacionado que poderá ser abordado nas conversações, e sobre o qual Washington aparentemente discorda de alguns dos seus parceiros da NATO, é o das reduções de tropas.

Sem mencionar qualquer país pelo nome, o vice-presidente americano, Gerald Ford, queixou-se ontem de que alguns aliados americanos se recusam a aceitar compromissos nas conversações para a redução de tropas com o Pacto de Varsóvia.

Quisesse ou não referir-se à Alemanha Ocidental, a sua advertência de que poderá haver reduções americanas unilaterais caso não se chegue a acordo vai ser certamente abordada em Bonn.

A ÁFRICA DO SUL CONTRA UMA ENTIDADE DO CONSELHO DAS IGREJAS

JOANESBURGO, 24 (R) — Uma destacada entidade do Conselho Mundial das Igrejas (WCC), a quem disseram para partir da África do Sul na passada semana, lamentou profundamente a decisão do Governo sul-africano em não consentir na África do Sul quaisquer outras entidades da WCC

O dr. Lukas Vischer, um suíço que é director da Comissão da Fé e da Ordem do WCC, frisou numa declaração publicada pelo Conselho das Igrejas sul-africano: «Não tenho nenhuma razão para crer que a minha visita à Africa do Sul seja o motivo para tão estranha decisão do Governo sul-africano».

Na sua qualidade de súbdito suíço, o dr. Vischer não necessitava de qualquer visto para a Africa do Sul. Foi a sua licença temporária de residência que o ministro do Interior sul-africano, dr. Connie Mulder, lhe retirou precisamente na altura em que ele ia partir para o Ghana na passada quinta-feira.

O dr. Vischer disse na sua declaração que nada havia dito na Africa do Sul que não fossem assuntos já conhecidos. Acrescentou que tinha tentado explicar o programa de combate ao racismo da WCC no amplo contexto das actividades totais da organização, e que tinha tentado também alargar os contactos entre a WCC e as igrejas sul-africanas.

O dr. Vischer declarou: «Falando em nome do WCC, gostaria de frisar que continua a ser nosso desejo levar a cabo tal diálogo e por isso lamentamos que o Governo sul-africano tenha escolhido tornar esse debate mais difícil por meio de um acto deliberadamente administrativo.»

O dr. Lukas Vischer foi admitido na Africa do Sul depois de terem sido recusados os ingressos a vários outros teólogos.

Nessa altura, alguns jornais sul-africanos manifestaram a sua surpresa ao considerarem as relações do dr. Vischer com o Conselho Mundial das Igrejas, que recentemente doou grandes quantias a movimentos nacionalistas que operam contra a Africa Austral governada por brancos.

CHILE: A JUNTA PAGA

SANTIAGO DO CHILE, 24 (F. P.) — A Junta Chilena ordenou o pagamento, à companhia americana Cerro Corporation, de uma indemnização de cerca de 19 milhões de dólares, pela nacionalização, em Julho de 1971, da mina de cobre «Andina», soube-se ontem em Santiago.

ISRAEL QUEIXA-SE...

CAIRO, 24 (UPI-ANI) — O comandante das forças da paz das Nações Unidas (UNEF), o general finlandês Ensio Siilasvuo, encontrou-se hoje, durante 35 minutos, com o comandante-chefe das Forças Armadas do Egipto, Mohammed Gamassy.

A conferência foi convocada para discutir a queixa de Israel, segundo a qual o Egipto teria infringido o acordo de separação de forças israelo-egípcias — anunciou um informador das Nações Unidas, falando aos jornalistas.

Esta declaração das Nações Unidas foi a primeira referência pública no Cairo à acusação israelita de que o Egipto tinha mais armas de artilharia, na margem do Canal de Suez, do que o permitido pelo acordo de separação de forças, assinado em 18 de Janeiro.

Não se verificou qualquer comentário da parte do Governo egípcio.

Em resposta a uma pergunta, o informador das Nações Unidas declarou que até à altura da queixa formulada por Israel ao general Siilasvuo, ambos os lados tinham cumprido meticulosamente o acordo.

Na batalha da Saúde também não estamos de braços cruzados

DECLAROU O MINISTRO CLEMENTE ROGEIRO

Continuação da pág 1

gurado, neste momento, por 43 médicos e 54 enfermeiras.

Depois da visita ao estabelecimento hospitalar, realizou-se uma breve cerimónia no edifício em frente, a casa de trabalho da Congregação Maria Auxiliadora, em que o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, Joaquim António Pereira Baraona, leu um discurso relatando os passos empreendidos para a concretização da obra, e agradecendo a comparticipação vultosa do sr. Jorge de Brito e do industrial João Pimenta, declarando a dada altura que **também as entidades oficiais têm o dever de dar o maior apoio e ajuda, orientando, dirigindo e incentivando todos quantos querem desinteressadamente fazer obra em prol da comunidade onde vivem».**

Na ausência do director clínico do hospital, prof. Belo de Morais, usou a seguir da palavra o director-adjunto, dr. Costa Matos, o qual afirmou que o mais importante no hospital é o doente, pois **é para ele doente que as portas do edifício estão abertas**. Em seguida teceu algumas considerações sobre o funcionamento daquele estabelecimento que, dentro em breve, deve estar a funcionar em pleno e elogiando o corpo de enfermagem que tem de se desdobrar no trabalho, fazendo por vezes dois turnos em cada dia com prejuízo da sua vida particular e profissional.

Antes do encerramento da sessão com a distribuição de medalhas por alguns empregados do hospital e da Santa Casa da Misericórdia, o ministro da Saúde, dr. Clemente Rogeiro, fez notar o valor da iniciativa afirmando que **nesta batalha da saúde também não estamos de braços cruzados** e que dentro em breve se iniciariam as obras para a construção de dois hospitais centrais, um em Lisboa, com 1090 camas, e outro em Coimbra, com 1245 camas.

Seguiu-se um «cocktail» num restaurante do Guincho oferecido pela Misericórdia de Cascais.

O SECRETÁRIO DAS OBRAS PÚBLICAS NA FIGUEIRA DA FOZ

Encontra-se na Figueira da Foz o secretário de Estado das Obras Públicas, para inaugurar melhoramentos no sistema de abastecimento de água ao concelho. Ontem, o eng.º Pinto Eliseu visitou Leiria, Coimbra e Montemor-o-Velho tendo acompanhado o andamento dos trabalhos de construção da variante à Estrada Nacional n.º 1, que suprimirá a travessia da cidade pelo intenso trânsito daquela via.

Hoje na Figueira da Foz, o secretário de Estado das Obras Públicas preside às cerimónias da inauguração de um importante conjunto de redes de abastecimento domiciliário de água a quarenta povoações, integrado no plano geral de abastecimento ao concelho, e visita, nas diversas freguesias por ele abrangidas, as realizações de maior vulto. Aquele conjunto, que passará a beneficiar 3500 fogos com cerca de 12 000 habitantes nas freguesias de Lavos, Paião, Alqueidão, Tavande e Alhadas, custou cerca de 15 000 contos.

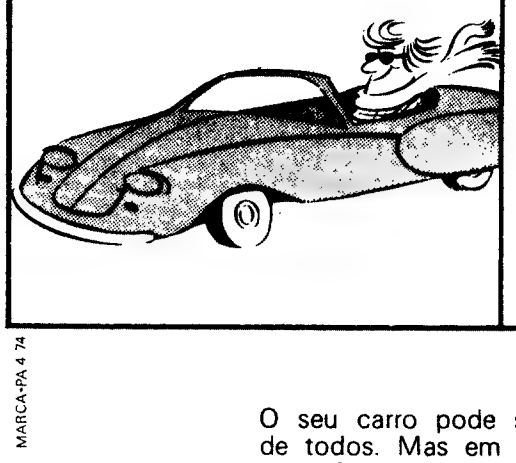
Na estação elevatória de armazéns de Lavos, que o eng.º Pinto Eliseu porá em funcionamento, ser-lhe-à dada uma explicação do esquema geral do sistema de abastecimento e, no depósito de Paião, descerrar-se-à uma lápide comemorativa da inauguração.

SUBSÍDIOS A MISERICÓRDIAS

Subsídios no montante de 16 800 contos vão ser distribuídos pelas misericórdias e outras instituições particulares de assistência que mantêm hospitais concelhios e postos hospitalares, segundo foi aprovado por um despacho do ministro da Saúde. Além destes auxílios financeiros e dos programados no IV Plano de Fomento, outros vão ser concedidos, com carácter eventual, com vista a melhorar a cobertura hospitalar e sanitária.

Vida municipal

A Direcção-Geral de Administração Local, do Ministério do Interior, enviou para o «Diário do Governo» portarias que reconduzem nos cargos, respectivamente, de presidente da Câmara Municipal do concelho de Vieira do Minho e de vice-presidente do Município de Setúbal os drs. Alfredo Inácio de Abreu Ramalho e João José Mendes de Matos



O seu carro pode ser o mais veloz de todos. Mas em comparação com o telefone, ele está parado. E o que é pior: depende de gasolina.
Não desperdice combustível nem se desgaste percorrendo em muitas horas o que o seu dedo indicador pode mostrar em segundos nas Páginas Amarelas.
Nas suas deslocações, nas suas compras, poupe o seu tempo. Poupe gasolina.
Consulte as Páginas Amarelas.

Páginas Amarelas

a consulta que resulta

MARCA-PA 4 74

Micheline tal como vai ler «As Cartas Portuguesas»

A nossa foto mostra a actriz francesa Micheline Uzan tal como vai aparecer em Beja e no Teatro S. Luís para representar «As Cartas Portuguesas». Escritas no Convento da Conceição, em Beja, as famosas cartas de Mariana Alcoforado «regressam» no próximo sábado, dia 30, àquela cidade alentejana. Foi o encenador José Vilalerde quem montou sobre elas um espectáculo com a duração de uma hora e um quarto, cuja intérprete será Micheline.

O programa organizado pelo Grémio Literário para a sua apresentação — reservada exclusivamente aos sócios — inclui: pelas 17 e 30, recepção oferecida pelas autarquias locais no castelo de Beja; 19 horas, jantar num monte alentejano e 21 e 30, espectáculo no Convento da Conceição. O levantamento dos bilhetes processa-se até hoje, na sede do Grémio Literário e mediante a apresentação da capa-assinatura Teatro Francês 1974.

O Grémio poderá assegurar o transporte colectivo para mais de 50 sócios.

O espectáculo repetir-se-á em Lisboa, no próximo dia 1 de Abril, em duas sessões, às 19 e 22 horas. Os bilhetes serão concedidos em obediência às mesmas condições; a partir de amanhã e até ao próximo dia 27. Depois de 29 do corrente, começará a venda aos sócios não assinantes.

PRÉMIOS DO FESTIVAL DO CINEMA AMADOR DE LUANDA

LUANDA, 24 (ANI) — A película «Politiade», do realizador italiano Rolf Mandolesi conquistou o grande prémio do quarto festival internacional de cinema amador que decorreu no Lobito e ao qual concorreram cinquenta e um filmes de doze países.

Na categoria de enredo não foi atribuído o primeiro prémio, tendo o segundo cabido à realização do italiano P. Massimiliano com «E poi venne le piogia». Na categoria de animação também não houve atribuição de primeiro prémio, recebendo o segundo prémio o português Manuel Matos Barbosa, pela película «O pedestal».

Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa

Sede: AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 39, 39-A — LISBOA
Telefones 71 61 21 / 71 61 61

ALTERAÇÃO DO PRAZO DE PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES REFERENTES ÀS SEGUINTES CLASSES DE TRABALHADORES ABRANGIDAS POR REGIMES ESPECIAIS DE PREVIDÊNCIA:

- **Pessoal do Serviço Doméstico**
- **Porteiras**
- **Vendedores de jornais**
- **Engraxadores**
- **Vendedores de lotaria**
- **Pregoeiros de leilões**

Avisam-se todos os interessados de que o prazo de pagamento de contribuições, até agora fixado para o período de 1 a 10 de cada mês, FOI ALTERADO PARA O PERÍODO QUE DECORRE DE 6 A 15 DO MÊS SEGUINTE ÀQUELE A QUE AS MESMAS CONTRIBUIÇÕES RESPEITAM.

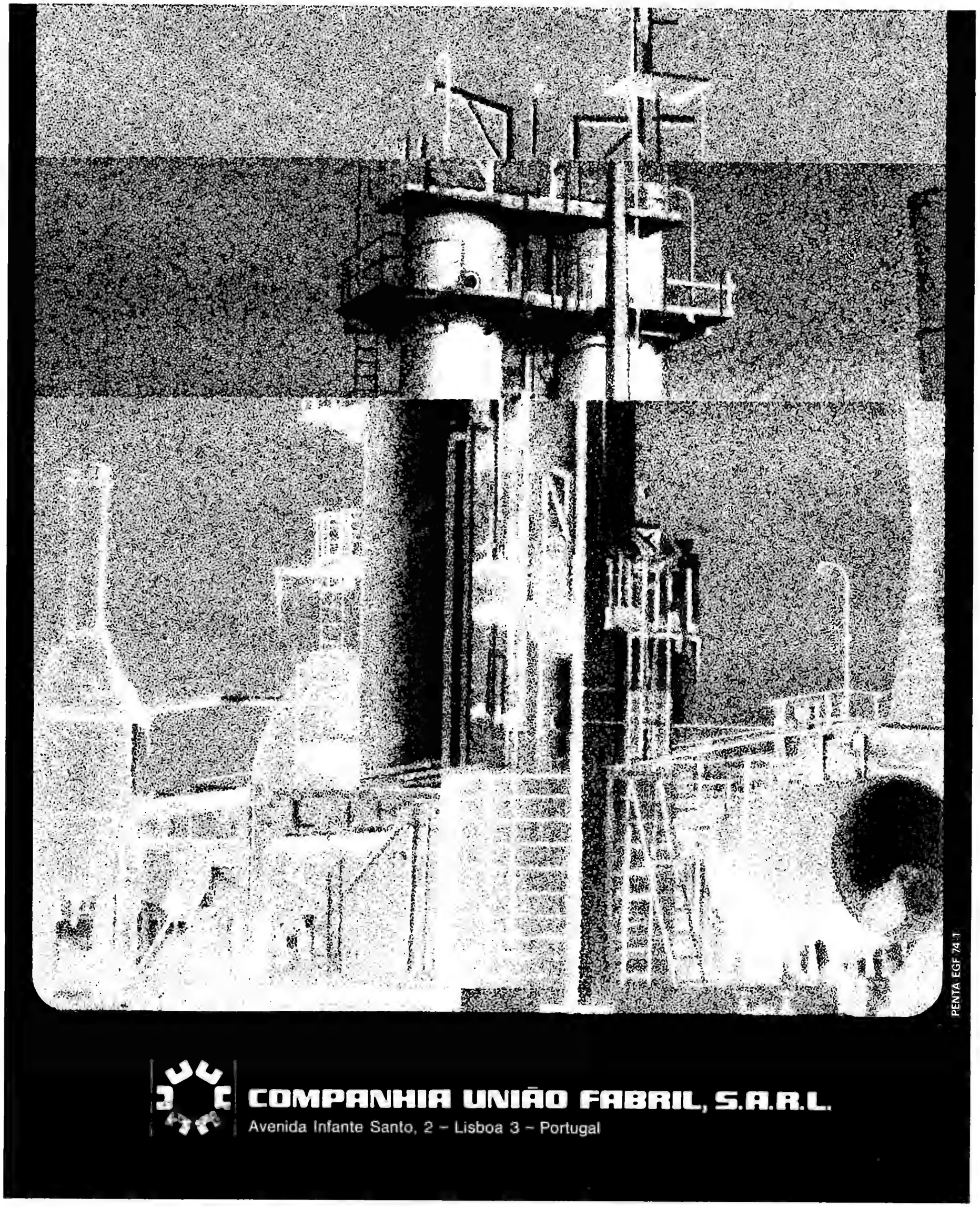
Mais se esclarece que esta alteração produzirá efeitos em relação aos pagamentos a efectuar a partir do início do próximo mês de Abril, mantendo-se os sistema de liquidação em numerário, vale postal ou cheque, à ordem desta Caixa, bem como o recurso aos seguintes locais de recepção de contribuições: Sede, Dependências Administrativas e Postos Clínicos.

Lisboa, 19 de Março de 1974

A DIRECÇÃO

Criámos uma nova era em Portugal

Criámos a era industrial no nosso País.
Demos o nome ao maior grupo económico Português.
Agrupamos 7.500 pessoas, distribuídas por três grandes sectores:
Industria Química: Produtos Químicos para a Indústria, fertilizantes e pesticidas.
Têxteis para a Indústria e para o Lar.
Produtos de Grande Consumo: alimentação, óleos, sabões, etc..
Somos a Companhia União Fabril – CUF.
Um nome que é sinónimo de industrialização em Portugal.



PENTA · EGF 74-1

COMPANHIA UNIÃO FABRIL, S.A.R.L.
Avenida Infante Santo, 2 – Lisboa 3 – Portugal

O julgamento do «Jornal do Fundão»:

COVILHA, 24 — Com a alegação do advogado de defesa dr. José Carlos de Vasconcelos, que falou durante cerca de hora e meia, terminou o julgamento do caso do «Jornal do Fundão», a que nos temos referido. Antes, haviam deposto o jornalista Silva Costa e o escritor Artur Portela Filho, entre outros.

A defesa pediu a absolvição dos réus. Não compareceram no tribunal o assistente e o advogado dr. Crespo de Carvalho. A leitura da sentença foi marcada para o dia 26, às 10 horas.

AS AGÊNCIAS DE VIAGENS DA EUROPA REÚNEM-SE AMANHÃ NO ALVOR

Amanhã e no dia seguinte reúne-se no Algarve, na zona do Alvor, o «Comité de Liaison des Associations Nationales des Agences des Voyages de l'Europe» (Comissão de Ligação das Associações Nacionais das Agências de Viagens da Europa).

Esta Comissão tem por objectivo definir uma política turística comum, visando o aspecto profissional no que respeita aos seus fornecedores (transportadores e hoteleiros), como no que se prende com as suas relações exteriores de conjuntura económica e social numa perspectiva de íntima colaboração com a FUAAV (Federação Universal das Associações Nacionais das Agências de Viagens).

O encontro é promovido pelo Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo com o patrocínio da SEIT, colaboração dos TAP e do sector privado da hotelaria.

CONFERÊNCIA DA L. U. C.:

Os Caminhos de Deus na Poesia Contemporânea

Temática e problemática religiosa na poesia portuguesa contemporânea foi o tema abordado pela prof.ª Maria de Lourdes Belchior, na reunião geral da Liga Universitária Católica de Lisboa, ontem realizada no Colégio do Sagrado Coração de Maria.

Tendo escolhido como autores a serem analisados Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, José Régio e Miguel Torga, não quis a oradora deixar de mencionar outros poetas, para mostrar como **são muito diversos os caminhos de Deus na poesia contemporânea** — Sebastião da Gama e Sophia de Mello Breyner Andresen.

As palavras da catedrática da Faculdade de Letras de Lisboa foram acompanhadas pela leitura de váriaspoesias daqueles quatro poetas, onde, no seu entender, «a temática religiosa é agudamente problematizada e existencialmente assumida» — dos quais o primeiro a ser tratado foi Fernando Pessoa. A prof.ª Lourdes Belchior escolheu alguns poemas deste poeta que mostrariam que Pessoa oscila entre «uma espécie de racionalismo lúcido e um misticismo que envereda por caminhos de ocultismo», ou, noutros casos, que chegaria, por vezes, «à zona limítrofe do ateísmo». O traço de união que estabeleceu entre o autor e Mário de Sá Carneiro desenhou-se, principalmente, no que chamou a demissão de ambos, a sua «quase abulia», que viria a encontrar nos poemas lidos então. No «Opiário» de Alvaro de Campos, referiu a palestrante a demissão do poeta, a sua incapacidade para «unificar, em si, o sentimento e o pensamento».

Um conhecido poema — «Quase» — serviu de ponto principal às considerações que teceu sobre Mário de Sá Carneiro, em cujas palavras buscou «vislumbres de não-ser, incoerências e agonia, a frustração e a demanda». A dor de «ser quase»; «dor de esmagamento e dispersão».

Já a poética de Régio — nos termos do soneto «A coluna de fogo» — «diga o que diga, é só falar de Deus». Mas um outro elemento quis a oradora — e membro da L. U. C. — ligar ao anterior: o narcisismo do «Poema do Silêncio» que exemplificará como Régio continuamente fala de si, embora falando de Deus. Segundo disse, há em Régio — como em Miguel Torga — uma luta constante com o divino, no caso do primeiro, estabelecida no diálogo constante entre «mim» e «eu». No caso de Miguel Torga, classificou de «perseguidora» a presença de Deus na sua poesia. Compartilhando da opinião de Eduardo Lourenço, que citou, a oradora vê no poeta — «católico de sinal contrário...» — alguém «que não acredita mas desejaria acreditar».

No final das palavras da prof.ª Maria de Lourdes Belchior os «lucistas» presentes bateram palmas, estabelecendo-se, em seguida, um diálogo entre a assistência e a conferencista sobre matéria levantada pela sua exposição.

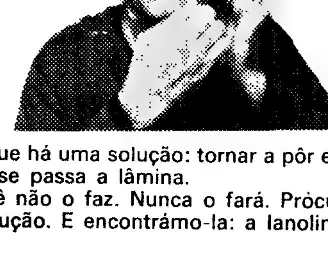
Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é fácil quando se faz a barba.
É verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo...

Aí é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos, sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal – muito mal – e é a pele que sofre as consequências.



É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina.
Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento **natural** muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.
Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.
Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar... e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele.
E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.
Finalmente – e é importante – alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte.
Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.
Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisível, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.
É por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.

Com williams, quando já não há espuma, a lanolina fica.

VIANA DO CASTELO SUBSÍDIOS DO GOVERNO PARA ACTIVIDADES DESPORTIVAS

VIANA DO CASTELO, 24 — Regressou a Lisboa, esta manhã, o secretário de Estado da Juventude e Desportos, que sexta-feira se deslocou a este distrito a fim de se inteirar de carências que dificultavam a educação física da juventude do Alto Minho.

Após conferência com as autoridades vianenses, o secretário de Estado anunciou a concessão dos seguintes subsídios:

Liceu Nacional de Viana do Castelo, 500 contos; Escola do Magistério Primário, 300; Sociedade de Trio, 250; Clube de Ténis, 50; Centro de Juventude, 43; Sporting Courense, 400; Associação Desportiva «Os Limianos», 100; Futebol Clube do Freixo, 50; idem de Forjães, 100; e idem de Nogueira, 100.

Em Vila Nova de Cerveira, aquele membro do Governo concedeu um subsídio de 500 contos à Escola do Ciclo Preparatório e um outro de 400 para melhoramento do campo de futebol local.

Também foram subsidiados organizações desportivas, escolas e liceus de Monção e Arcos de Valdevez.

Ontem à noite, o secretário de Estado da Juventude e Desportos presidiu ao encerramento do encontro de todos os delegados da Direcção-Geral de Desportos e Ilhas Adjacentes, ocorrido nesta cidade.

«CONVIVIUM MUSICUM»

Efectua-se hoje, às 16 horas, o décimo terceiro concerto da presente série dedicada a estudantes universitários.

No estrado estará presente o «Convivium Musicum».

Programa: obras de Mozart, Milhaud, Stravinsky, Schumann e Brahms.

«QUEM ERA GABRIEL FAURE»

No Auditório Dois da Fundação Calouste Gulbenkian profere amanhã uma conferência, às 18 e 30, o musicólogo Guy Mollat du Jardin subordinada ao tema «Quem era Gabriel Fauré».

tintas DUKALINE

...ecemos e garantimos ...melhor que se fabrica no mundo da pintura

Aceitamos Agentes fabulosas condições

É NA ... DE PORTUGAL ... RENDE O DOBRO duma tinta normal compre HOJE e duplicar-lhe-á o seu capital amanhã. PEÇAM NOS AMOSTRAS E CERTIFICADOS DE GARANTIA à n/ fábrica «estab. ABILIO DUQUE, LDA.» PORTO TELEF. 20641-42-43 - 963516 963835 — P O R T U G A L

NA COOPERATIVA DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO

Uma palestra sobre Einstein e a Ciência

Que arma inventarão os homens, depois da bomba atómica?, perguntou a Einstein um jornalista O pau e a pedra, se houver homens, respondeu o físico, que em 1939 escreveu ao presidente Roosevelt, dos E U A , anunciando-lhe a possibilidade de criação do engenho destruidor, a partir da teoria da relatividade que formulara anos antes

Não foi a política da ciência ou a ideia da Ciência Pura o tema da palestra do prof José Tiago de Oliveira ontem à tarde, na Cooperativa de Estudos e Documentação

Foi **uma panorâmica da vida de um homem (Einstein) da maneira como o homem se inseriu no seu tempo**, panorâmica de **uma perspectiva extremamente vaga**, que aliás se fechou com a afirmação de que Einstein **era um indivíduo perfeitamente chão e humano:** chão e humano, torna-se-nos próximo e simpático o velho professor sionista, mal-vestido, guloso de gelados, que ajudava a menina a fazer contas de dividir, mas não é só essa a proximidade e a **humanidade** que se pretende instituir entre nós e o **Newton do século XX.** A relatividade e a bomba humanizam-se do mesmo passo: efectivamente, que mal poderia dar ao mundo um génio que come gelados? Instantaneamente, é a desumanidade da distância entre o «homem comum» e a «Ciência», desse espaço de trevas, perigos, medos e ardis, que a «humanização» vence pelas «luzes» da palestra de divulgação. Do outro lado da distância e das trevas, o Desconhecido e o Mistério científico permanecem: permanecem mas **não podem** ser maus. Einstein é um Génio-do-Bem. A segurança restabelece-se, porque enquanto subimos por uma hora às alturas da Física Quântica, à Contracção de Lorentz-Fitzgerald e à Equação de Einstein, Einstein, ele próprio, desce a nós **sem cinto nem suspensórios**, dizendo que **gostava de ser faroleiro** e recebendo-nos a qualquer hora em casa, já que **nada nem ninguém perturbava os seus pensamentos, estava a pensar continuamente nas suas teorias.**

Já Roland Barthes escrevia, na sua análise duma **mitologia de Einstein** que bem poderia abranger a palestra de Tiago de Oliveira: **A mitologia de Einstein faz dele um génio tão pouco mágico que se fala do seu pensamento como de um trabalho funcional análogo ao fabrico mecânico de salchichas, à moagem do grão ou à trituração de minerais: produzida continuamente pensamento como o moinho produz farinha, e a morte foi para ele, antes de mais, a paralisação duma função localizada:** o cérebro mais poderoso parou de pensar. **O que se supunha que este mecanismo genial produzia eram equações. Através da mitologia de Einstein, o mundo redescobriu com delícia a imagem de um saber formulado. Fenómeno paradoxal: quanto mais o génio do homem era materializado sob a espécies do seu cérebro, tanto mais o produto da sua invenção assumia uma condição mágica, reincar nava a velha imagem esotérica de uma ciência inteiramente encerrada em algumas letras.**

O cérebro de Einstein («um orgão superior, prodigioso mas real, fisiológico mesmo») representa, na sua reconfortante materialidade humana, o mesmo que os gelados, as aulas caóticas ou as calças bambas de que ontem ouvimos falar na sala da Duque de Avila.

E a fórmula final «E igual mc2», imagem privilegiada do outro lado do mito, **equação histórica que pela sua simplicidade inesperada quase realiza a pura ideia da chave, nua, linear, feita de um único metal, abrindo com facilidade inteiramente mágica uma porta sobre a qual desde há séculos se insistia,** símbolo da Ciência que nos escapa e imagem da nossa alienação no Sistema que produz a Ciência, pode bem, «abrindo a porta», fechar-nos a janela histórica real por onde vemos Hiroshima destruída.

A.O.

COIMBRA

REUNIU A JUNTA DISTRITAL

Sob a presidência do prof. Bissaia Barreto, secretariado pelos drs. Moura Relvas e Vasco de Campos, reuniu-se a Junta Distrital, em sessão ordinária, para apreciação do Relatório da gerência daquele corpo administrativo, relativo ao ano de 1973

O prof. Bissaia Barreto leu um relatório em que apreciou o que foi a acção da vida da Junta Distrital durante o referido ano: acção assistencial relativa à criança, tendo dado conta da criação de casas em Taveiro e Travanca de Lagos. Anunciou para o presente ano Casas da Criança em Montemor-o-Velho, Pocariça e Lousã. Referiu-se também à assistência às pessoas da terceira idade, cujo esquema a Junta Distrital tem em estudo. Considerou, finalmente, a criação do novo Hospital Escolar, dizendo que será em breve uma realidade.

UMA FIRMA SUÍÇA PRETENDE MONTAR UMA INDÚSTRIA METALO-MECÂNICA

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, eng.º Araújo Vieira, fez duas importantes comunicações: uma sobre a urbanização do Largo de Celas, cujo projecto apresentou e foi aprovado e a outra sobre as diligências de uma firma suíça para a montagem de uma indústria metalo mecânica, acentuando as vantagens de tal instalação e as dificuldades surgidas quanto à aquisição de um pavilhão com uma área coberta de 2500 metros quadrados para formação de pessoal destinado àquela actividade.

SECÇÃO REGIONAL DA ORDEM DOS ENGENHEIROS

Foi marcada para amanhã, às 22 horas, na Secção Regional da Ordem dos Engenheiros, uma Assembleia com a seguinte ordem de trabalhos: eleição de um engenheiro-electrotécnico para delegado à Assembleia Geral; discussão e votação do relatório e contas do Conselho Regional referente ao ano de 1973 e apreciação do orçamento para o ano corrente.

PUBLICADO O REGULAMENTO DA «GRANDE MARCHA DE LISBOA»

Relativamente ao concurso respeitante à Grande Marcha de Lisboa recebemos da Câmara Municipal, com pedido de publicação, as seguintes indicações:

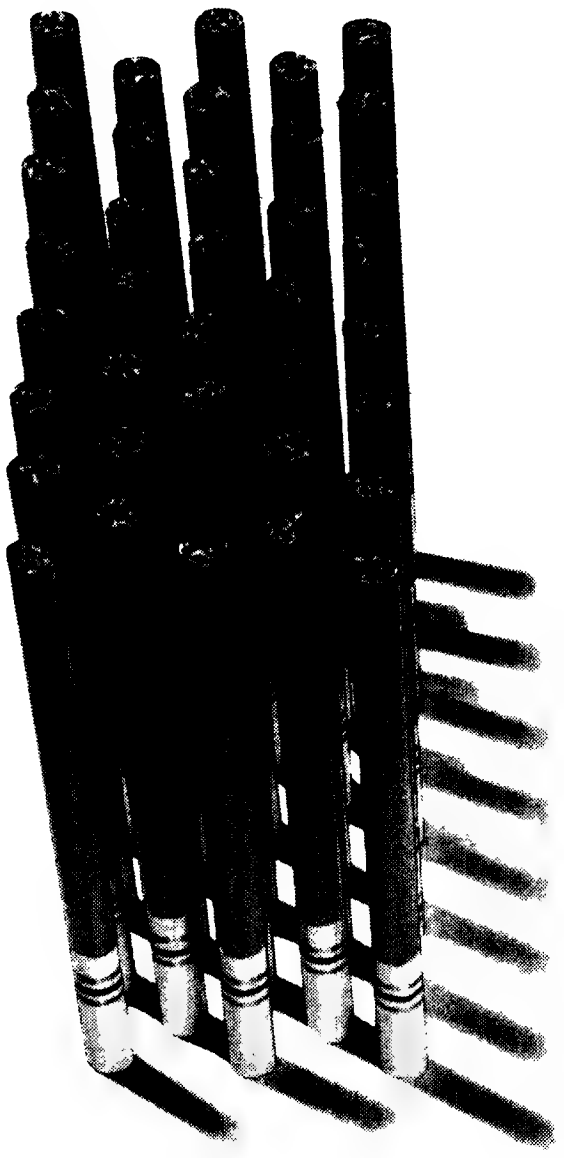
1) O objectivo deste concurso é obter, por selecção, a canção (música e letra) destinada à Grande Marcha de Lisboa de 1974, e a ele só podem concorrer autores nacionais, amadores ou profissionais; 2) A selecção será efectuada por um júri, nomeado pelo presidente da Câmara cujas decisões carecem da sua homologação; 3) Os concorrentes deverão apresentar a partitura para piano e canto, com a letra em separado, dactilografada a 2 espaços e ainda esta sob a pauta de canto); 4) O tema das poesias é obrigatoriamente a exaltação do que há de belo e saudável em Lisboa e na vida do seu povo; o culto dos Santos Populares, os Bairros Típicos, a História, os Monumentos, a alegria de viver e de folgar. Destinando-se os poemas à Marcha Popular deverão ser constituídos por duas estrofes intercaladas pelo estribilho; 5)Os concorrentes deverão guardar rigoroso anonimato; pelo que as composições apresentadas não deverão conter quaisquer indicações que permitam a identificação dos autores; 6) A identificação dos concorrentes, com a indicação dos nomes completos, moradas e números telefónicos, se possível, será contida em sobrescrito lacrado, mencionando extreriormente o «Pseudónimo» adoptado; 7) Àquele sobrescrito será apenso outro contendo as composições (música e letra) indicando-se no exterior que se destina ao «Concurso da Grande Marcha de Lisboa de 1974», além do respectivo pseudónimo; 8) Não é permitido aos concorrentes apresentarem mais de uma composição (música ou letra) em cada sobrescrito, pelo que desejando concorrer com mais de um trabalho, deverão fazê-lo em sobrescritos separados, nas condições já referidas; 9) Só serão admitidas a concurso as composições apresentadas nos termos destas condições; 10) Das composições admitidas a concurso serão seleccionadas três, às quais serão atribuídas os seguintes prémios: 25 000$00, 15 000$00 e 10 000$00, respectivamente, às classificadas em 1.º, 2.º e 3.º lugares; 11) As composições deverão ser entregues até às 12 horas do dia 20 de Abril deste ano, na Repartição de Informação, Espectáculos e Turismo (Rua das Portas de Santo Antão, 141-1.º; e 12) Os prémios serão entregues em cerimónia a realizar em data que oportunamente será comunicada.

POLÍTICA ESTRANGEIRA E ECONÓMICA DE PORTUGAL

Integrada na visita a Portugal do 44.º Curso do Colégio de Defesa da NATO, realizou-se, ontem, nas instalações do Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional uma sessão de trabalho subordinada ao tema: «Política Estrangeira, Económica e Militar de Portugal».

Foram oradores o general Câmara Pina, que fez a análise da importância estratégica das bases aéreas e navais portuguesas no mundo, drs. Alexandre Ribeiro da Cunha, Freitas Cruz e Villas Boas. Este último, funcionário superior do Banco Espírito Santo, emitiu considerações sobre a balança de pagamentos portuguesa e sobre os empreendimentos de ordem económica actualmente em curso no espaço português.

No final da sessão de trabalho e após um período de esclarecimento de perguntas formuladas pela assistência, foram os visitantes obsequiados com um almoço oferecido pelo Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional.



Temos um grande papel na sua saúde

Castanho.

E os outros têm mortalhas brancas.

Não é que o nosso seja pintado.

Os outros é que são branqueados.

Temos um grande papel na sua saúde.

Continuamos castanhos.

Fume melhor.

Fume Negritas.

Mortalha peitoral Tabaco com o menor teor de nicotina e alcatrão

NEGRITAS

NEGRITAS GIGANTE
O BOM GIGANTE

POLÍCIA

A «MULHER DE NEGRO» DE ALMADA NEGREIROS NO «SEGREDO DOS DEUSES»?

Por onde andará o quadro de Almada Negreiros, furtado num consultório médico da Avenida da Liberdade?

Esta a interrogação que ora permanece paralela ao silêncio dos investigadores, quando já são decorridas cinco semanas após a data do seu desaparecimento.

Mais um caso para arquivo, começa a soar-se com frequência em certos meios ligados ao foro artístico. Mais um roubo, entre tantos, admitimos nós, que irá entrar no «segredo dos deuses».

Só que, neste particular, o objecto das investigações é uma obra de Arte e não apenas alguns milhares de notas de conto ou escassas dezenas de electrodomésticos.

Daí o interesse com que inúmeros cidadãos deste País continuam a aguardar o resultado das diligências, ou, pelo menos, um esclarecimento conciso e detalhado por parte da entidade empenhada no processo, ao momento a Subdirectoria da Polícia Judiciária de Lisboa.

Até lá é lícito que se continue a perguntar: porque recônditas paragens andará a «Mulher de Negro», de Almada, produzido no ano já longínquo de mil novecentos e vinte e seis, em Madrid, cidade onde, segundo consta, na altura do furto, existia um «mercado» bastante interessado na sua transacção.

E as recentes declarações do seu proprietário, dr. Henrique Moutinho, ao afirmar: «**Talvez a Interpol pudesse dar um jeito para a solução deste caso!**», levam-nos a supor estar também aquele clínico convencido, tèr sido a Espanha o destino mais viável do quadro roubado, que, peritos idóneos, avaliam em cerca de setecentos contos.

Ao certo, porém, apenas se sabe que o seu paradeiro é uma incógnita intrigante, e, até à data, um fracasso das pesquisas policiais. Até quando?

MANUEL GERALDO

LOURES: 200.000 HABITANTES

Homenagem ao vice-presidente do Município

Por ter completado três anos do desempenho das funções de vice-presidente da Câmara Municipal de Loures, o sr. José Manuel Pacheco de Miranda foi alvo de uma significativa homenagem, promovida pelo conselho municipal e pela vereação daquele Município.

Presentes à cerimónia, que se efectuou no salão nobre dos Paços do Concelho, o presidente da Câmara, dr. Luís Demony, membros do conselho municipal, vereadores, o presidente da comissão concelhia da A. N. P. e muitos funcionários municipais.

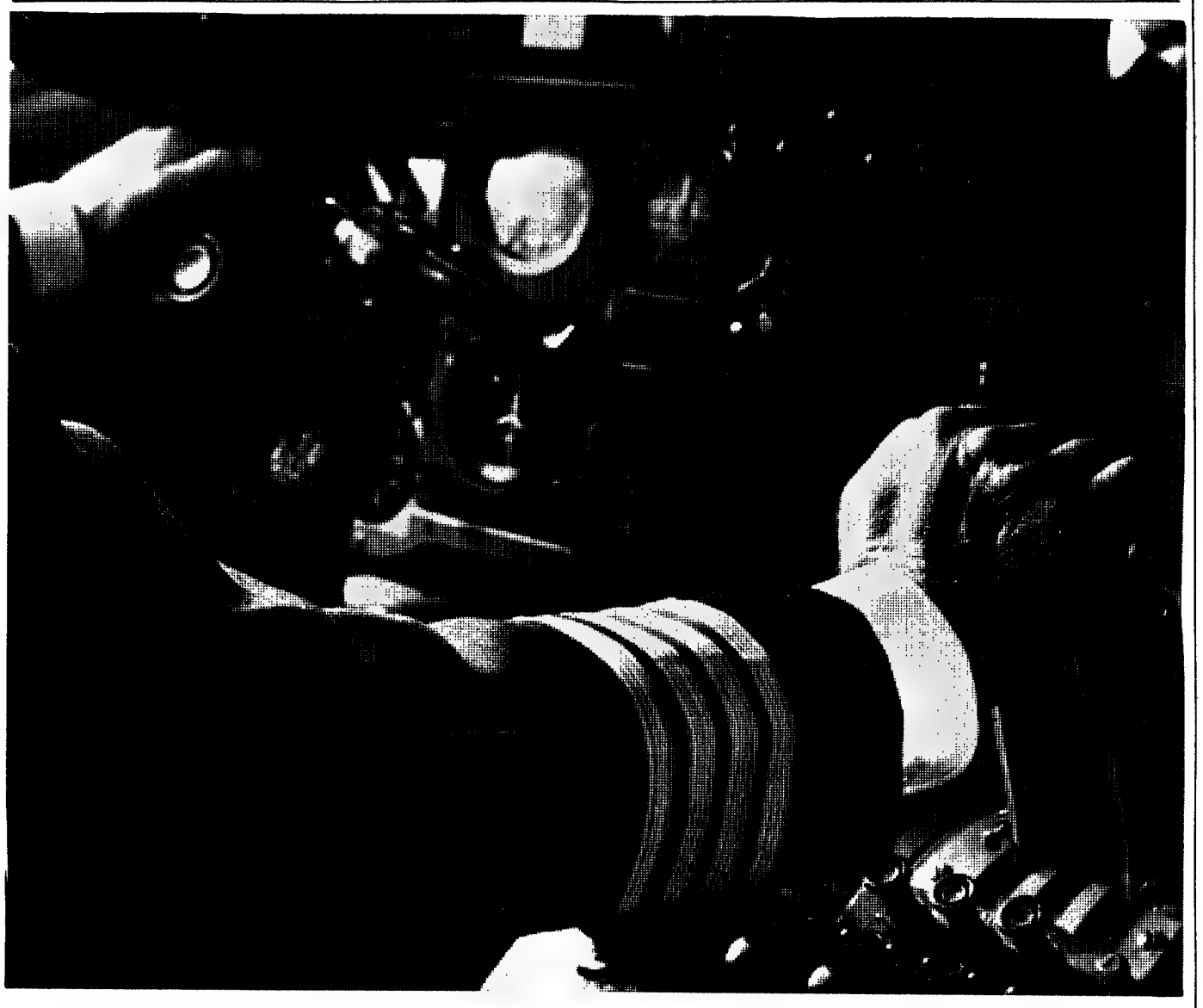
Usou em primeiro lugar da palavra, em nome do pessoal camarário, o presidente do Centro de Alegria no Trabalho, que teceu elogios acerca da actividade do homenageado em prol da edilidade.

Em seguida, falou o vereador Borges de Castro, que, disse a dado passo:

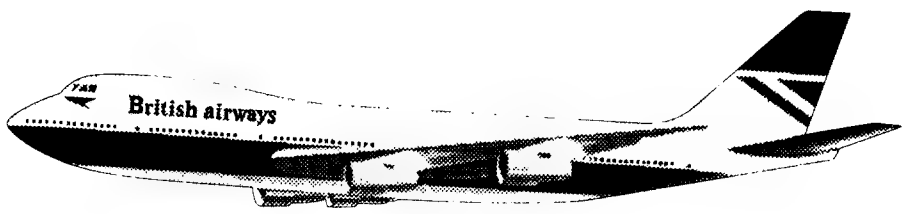
«Estou certo de que, se unidos quisermos continuar, com entusiasmo e sem desfalecimentos, havemos de concretizar os nossos anseios, ou seja, ir ao encontro das aspirações legítimas dos duzentos mil habitantes deste nosso concelho, continuando a produzir, assim, algo de útil para todos, numa obra de muita importância para a Nação.»

Depois, o dr. Luís Demony lembrou a acção conjunta, sua e do homenageado, na presidência do Município, recordando os vinte anos de amizade que o unem a este último.

Finalmente, o sr. José Manuel Pacheco de Miranda agradeceu a homenagem, à qual se seguiu um almoço em que participaram todas as individualidades presentes à cerimónia.



Agora em todo o mundo você está em boas mãos



British airways
BEA E BOAC UNIDAS

LEO BURNETT

HOSPITAL

Desordem entre duas famílias

No Bairro da Boavista, envolveram-se em desordem, duas famílias. Após discussão, José Fernando Pinto, de 53 anos, funileiro, e filhos António Manuel Marracho Pinto, de 32 anos, e Vitor Manuel Marracho Pinto, de 27 anos, ambos serralheiros, moradores naquele Bairro, na Rua das Dálias, 22, agrediram a soco e a pontapé João Fernando Moreira da Silva, de 26 anos, serralheiro, a avó Maria Emília Seramago Moreira de 70 anos, moradores na Rua do Casalinho, 37, r/c, Amélia Moreira Silveira, de 36 anos, e Maria de Lurdes Alves, de 50 anos, residentes na Rua da Verónica, 2-B.

Por sua vez, estas últimas, defenderam-se à pedrada. Da refrega resultou terem ficado todos feridos transportados ao Hospital de S. José, onde receberam tratamento a ferimentos ligeiros recolheram mais tarde a suas casas.

Doenças súbitas

Recolheram ao Instituto de Medicina Legal, por terem chegado já mortos ao Hospital de S. José: Soledade Coito, de 86 anos, moradora na Estrada da Circunvalação, 7, r/c, na Buraca, Amadora, que adoeceu subitamente em casa; Maria Veiga Machado, de 45 anos, moradora na Avenida Infante D. Henrique, 43, 3.º, em Oeiras, que também adoeceu de súbito na Rua Carlos Mardel; Manuel Lamelas, de 86 anos, residente na Ribeira da Lage, Casal das Letras, Oeiras, que morreu subitamente em casa; e Salvador Ares Y Morales, de 70 anos, empregado comercial, residente na Rua 1.º de Dezembro, 2, 4.º que se atirou da janela da residência, à rua.

Choque de dois automóveis

Em Ramada, Odivelas, chocaram dois automóveis. Do acidente sairam feridos os ocupantes de um deles, João Dias Marques, de 37 anos, residente na Rua Comandante Sacadura Cabral, 53, 1.º em Loures, o condutor, que seguia acompanhado de Clotilde Domingues, de 34 anos, residente na Praceta Ferreira da Silva, lote 13, 3.º dt.º, em Odivelas, e Maria de Lurdes Rodrigues Oliveira Pereira, de 43 anos, moradora na Rua Dr. José Baptista de Sousa, 13, r/c em Lisboa. Levados ao Hospital de Santa Maria, receberam ali tratamento, ficando a última hospitalizada, muito traumatizada.

Agredido à facada

Recolheu ao Hospital de S. José, muito traumatizado: Vitor Manuel Santos Cruz, de 19 anos, guarda-fios, morador no lugar do Arneiro, Alenquer, que foi agredido à facada no tórax e num dos braços, por um indivíduo cuja identidade se desconhece, após uma discussão, naquela localidade.

Acidente com um taxi

Na Praça Duque de Saldanha, chocaram um automóvel e um «táxi». Do acidente resoltou terem ficado feridos os ocupantes deste último, que era conduzido pelo motorista Joaquim António Aniceto Mira, de 29 anos, morador no lugar da Senhora da Ajuda. Arruda dos Vinhos, e seguia como passageiro, Manuel Marques Miguel, de 22 anos, arquivista, morador na Avenida Elias Garcia, 10, 4.º. Transportados ao Hospital de S. José, onde receberam tratamento a ferimentos ligeiros, recolheram mais tarde a suas casas.

Desastre de viação

Em Asseiceira, Rio Maior. despistou-se um automóvel, conduzido por Fernando Maria Ferreira, de 31 anos, industrial, que seguia acompanhado de José Moita Ferreira, de 33 anos, sapateiro, Martinho Silva Luís, de 17 anos, vendedor ambulante, e António José Ferreira, de 16 anos, operário, moradores no Casal da Estrada, Benedita, Alcobaça. Do acidente resultou terem ficado os quatro feridos. Socorridos pelos Bombeiros Voluntários de Rio Maior, foram transportados ao Hospital de S. José, onde ficaram todos internados.

DELEGAÇÃO DO EPISCOPADO DA METRÓPOLE AO PRÓXIMO SÍNODO DOS BISPOS

Do secretariado geral da Conferência Episcopal da Metrópole recebemos a seguinte nota:

O secretário-geral do Sínodo dos Bispos, mons. Ladislau Rubin, acaba de informar o presidente da Conferência Episcopal da Metrópole que o Santo Padre, Paulo VI, homologou na nomes dos prelados eleitos na Assembleia Plenária de Novembro do ano findo para a representar no Sínodo dos Bispos que vai realizar-se, em Roma, no próximo mês de Setembro.

Em conformidade com as disposições do «Estatudo do Sínodo dos Bispos» tornam-se agora conhecidos os nomes desses prelados, que são D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa, e D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro, como delegados efectivos; D. João António da Silva Saraiva, Bispo de Coimbra, e D. António dos Reis Rodrigues, bispo de .adarsuma, como delegados suplentes.»

O tema do sínodo, «A Evangelização no Mundo Contemporâneo», tem sido objecto de estudo e reflexão por parte das conferências episcopais de todo o mundo, e a da metrópole portuguesa, neste momento, procede à redacção definitiva do seu parecer sobre os diversos problemas focados no documento editado pelo secretário-geral do Sínodo.

Missa em louvor do Padroeiro das Telecomunicações

A comissão permanente para as comemorações do Dia do Padreeiro das Telecomunicações manda hoje celebrar missa, às 19 horas, na Basílica dos Mártires, em louvor do seu patrono, S. Gabriel.

A cerimónia é oficiada por D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia, bispo titular de Sabiona e auxiliar do Cardeal-Patriarca de Lisboa.

FERNANDO MONIZ

DE NOVO A BAIXA

Um dos factos que deve ter surpreendido o observador menos atento ao comportamento das bolsas de valores, foi, certamente, a valorização que se verificou no papel do BPA, na semana de 10 a 17, e que na sessão do passado dia 20 manteve os mesmos 18 500$00, quando a maioria dos valores bancários voltou a retroceder

Procurar uma resposta válida para essa Mais-Valia do Banco Português do Atlântico e, simultaneamente, para a baixa na maioria dos papéis cotados na Bolsa de Lisboa, é sempre uma tarefa ingrata, pois que os meios onde essas informações são possíveis, apresentam-se normalmente demasiado fechados. Mesmo assim, cremos que a conclusão a que chegámos não se deve afastar muito da realidade, deixando-a, por isso, à consideração dos leitores

Para o primeiro caso deparámos com uma opinião generalizada, a qual parece vir confirmar rumores antigos. Trata-se do interesse do grupo Champalimaud pelo BPA. Segundo uns, esse interesse está cada vez mais aceso. Segundo outros, o grupo Champalimaud conseguiu já uma posição de domínio do BPA. A verdade, porém, é que para o papel do BPA subir, quando os outros descem, tem que haver uma razão plausível, até porque os FIA's (do BPA) têm causado um autêntico fiasco, com cotações que só tem criado desinteresse da parte do público. Mesmo depois de ser do domínio público que as «partes» FIA iam ser desdobradas, esse desinteresse manteve-se, já que ninguém está interessado em investir num «fundo» que ultimamente só tem dado prejuízo, fugindo, até, à finalidade para que foi criado — captar as pequenas poupanças, remunerando-as a uma taxa satisfatória. Daí, talvez, a propagada falta de liquidez do Fundo de Investimentos Atlântico para adquirir papel na actual baixa bolsista. Será que o suposto interesse do grupo Champalimaud visa igualmente dar aos FIA's a força e imagem alcançada pelos Fides junto do grande público? Por agora, resta-nos aguardar a evolução dos acontecimentos. Quanto à baixa que ultimamente tem originado o arrefecimento de muita euforia, as explicações são várias. Desde a crise energética, à inflação, às cotações que atingiram valores demasiado elevados, tudo é apresentado para justificar a manutenção da baixa bolsista. Todavia, um ponto, totalmente fora daquelas propaladas razões, parece conter um mínimo de lógica: o espírito de solidariedade (entre os «top») neste momento de crise (?) bolsista... E como os bancos estão a ver o prazo da entrada em vigor do novo regulamento a aproximar-se; os corretores a terem de substituir os «vales» pelos títulos; e todo um pandemónio a que importa dar um mínimo de ordem, talvez esse espírito «solidário» tenha mais significado do que aquele que se possa pensar.

Últimas cotações efectuadas

Bancos	
Agricultura	6.450$00
Algarve	4.500$00
Alentejo	3.250$00
Angola	6.300$00
Borges e Irmão	10.100$00
Crédito Predial	6.200$00
Esp. Santo	13.000$00
Fomento	5.450$00
BIP	11.000$00
BNU	10.100$00
Sotto Mayor	17.500$00
Portugal	8.000$00
BPA	18.350$00
Totta e Açores	11.000$00
Pinto Magalhães	9.500$00
F. Magalhães	7.400$00
Seguros	
Alentejo	600$00
Bonança	—
Império	—
Mundial	5.000$00
Soberana	6.500$00
Tranquilidade	13.100$00
Diversas	
Cel do Guadiana	5.900$00
P. de Celulose	8.900$00
Socel	7.600$00
Cim Tejo-p	—
Cim Tejo-n	—
Cim Leiria-p	27.000$00
Cim Leiria-n	—
F. Ramada	2.230$00
Fornos Eléctricos	1.030$00
Siderurgia-p	16.500$00
Siderurgia-n	12.000$00
Cidla	4.350$00
CUF	5.250$00
Intar	770$00
Nitratos	1.500$00
Petroquímica	1.600$00
Sacor	6.650$00
Tab Portugal	2.300$00
Tabaqueira	—
UFA	—
I. P. Colónias	2.300$00
C. N. N.	2.710$00
P. Pesca	1.070$00
Matur	3.300$00
Marconi	2.495$00
TAP	2.000$00
Compal	—
Salvor	3.100$00
Penina	—
Grão-Pará	4.200$00
Lisnave	13.000$00
Vidago	3.000$00
C. P. E.-p	1.325$00
E. das Beiras	1.780$00
C. R. G. E.	415$00
U. E. P.	206$00
CHENOP	282$00
Alto Alentejo	185$00
Águas da Curia	207$00

Subscrição da CUF

A dúvida que deixámos no domingo passado sobre se seria a CUF ou a Somotel a abrir a subscrição em primeiro lugar está desfeita. Na realidade, a CUF teve a primazia e vai aumentar o seu capital social de 1 750 000 para 2 470 000 contos, mediante a emissão de 720 mil acções do valor nominal de 1000$00 cada uma, nas seguintes condições:

1) 250 000 acções correspondentes à incorporação de 250 mil contos de reservas no capital social, a atribuir aos accionistas na proporção das acções que possuirem;

2) 375 000 acções a subscrever pelos accionistas, também na proporção das acções que possuirem, ao preço de 2000$00 cada uma;

3) 10 mil acções a subscrever pelos empregados da CUF, ao preço de 3500$00 cada uma;

4) 85 mil acções a destinar à subscrição do público em geral, ao preço de 3500$00 cada uma. As acções a emitir, que terão direito a parte do dividendo a atribuir pelo exercício de 1974, serão liberadas integralmente no acto da subscrição.

Outras

Seguindo um raciocínio lógico, teremos que aguardar a devolução do numerário da CUF para termos a abertura da subscrição da Somotel. Sobre as condições em que será feita, já nos referimos largamente no «Diário de Lisboa» do dia 17. Entretanto, temos que considerar a hipótese do lançamento no mercado de novas obrigações. No passado dia 22, reuniu a assembleia geral do Metropolitano de Lisboa, que deliberou sobre uma próxima emissão de 150 mil contos de obrigações. Ora, como as obras de ampliação das estações do «metro» já começaram, não é difícil prever-se que a emissão seja lançada brevemente, até porque importa conseguir meios para fazer face aos grandes encargos assumidos. Ainda no sector das obrigações, a Brisa, Auto-Estradas de Portugal, SARL vai reunir em assembleia geral, no próximo dia 29, para discutir uma proposta relativa à emissão de obrigações... porque pelas auto-estradas continuamos a esperar. Entretanto, já foi feita a devolução do numerário mobilizado pela emissão das 200 mil obrigações do B.F.N. Como oportunamente noticiámos, os pedidos pequenos (de 1 a 13) saíram totalmente premiados.

Alterações

Para além da alteração introduzida no novo regulamento das bolsas de valores através de nova redacção de um artigo, a Portaria n.º 182/74, de 6 de Março, fixa em 5 o número máximo de corretores adstritos à Bolsa de Valores do Porto. Ainda sobre alterações, aproveitamos para responder a um leitor de Leça de Palmeira. Segundo informações que conseguimos, a alteração de que nos fala, refere-se à criação de disposições estatuárias que permitam a anunciada sociedade de investimentos. Quanto a uma pergunta formulada por um leitor de Lisboa, apenas diremos que ultimamente muita gente se mostra satisfeita com a aquisição de Fides.

Nacel

Parece ir finalmente consumar-se, em termos práticos, a fusão da Companhia Portuguesa de Celulose com a Socel. Na última assembleia geral ficou, inclusive, aprovado o nome — Nacel, Companhia Nacional de Celulose.

Os papéis destas empresas (que passará a ser uma) têm sido ultimamente objecto de grande movimentação. Das 150 mil toneladas produzidas em 1974, a Nacel pensa atingir 205 mil em 1975. Para isso, vai investir 500 mil contos para ampliação da sua capacidade fabril. Entretanto, também a Companhia Portuguesa de Pesca, pertença do grupo Borges e Irmão, que continua a insistir na possibilidade de construir um estaleiro na área de Lisboa, fez a atribuição das acções sobrantes.

A Companhia Portuguesa de Pesca, cujo papel foi cotado, na sessão do dia 20, em 1070$00, sem vendedor, dispõe de uma frota de vinte navios, com oficinas de reparação naval, além de uma fábrica de redes e outra de gelo.

Mercado paralelo

O mercado paralelo continua a sua actividade. Infelizmente, segundo é já voz corrente, sem deixar um rasto menos significante do seu efémero reinado. Na realidade, na sessão do passado dia 20, já muitas pessoas falavam da existência de cautelas viciadas, possivelmente transaccionadas no mercado paralelo. Falava-se de cautelas do BIP, assim como da Sociedade Central de Cervejas. Na altura em que colhemos estas informações não nos foi possível obter elementos concretos para justificar todo o receio de alguns possíveis compradores de cautelas. Todavia, sabemos de cautelas da S.C.C. que foram para troca pelos títulos definitivos há mais de um mês sem que essa troca se tenha, entretanto, concretizado. Será só boato? Seria óptimo que de boato se tratasse. Entretanto, processaram-se várias transacções. A Euromínas continua a ser procurada a 4000$00 sem vendedores; a Interhotel é vendida a 2300$00, enquanto a Matura tem andado pelos 3000$00. O Amoníaco tem aparecido a 1500$00/1600$00 e a Açoreana a 700$00. O BIP já foi vendido a 10000$00 e o BESCL a 12000$00. A Somotel, com aumento de capital a seguir à CUF, tem estado a 2500$00/2600$00, mas com excelentes perspectivas que o aumento de capital vai trazer. A Secil já foi transaccionada a 10.000$00. A Comundo continua a ser muito negociada a 1850$00/1900$00. A propósito da Comundo, hoje um dos papéis com maior volume de transacções, parece resolvido o diferendo que originou a impugnação da última assembleia geral. Segundo fonte que reputamos digna do maior crédito, o grupo Comundo teria cedido ao grupo BPA a sua posição em troca de uma posição no Banco do Algarve, cujo papel oferece boas perspectivas, pois que também está na fila para um futuro aumento do capital social. Aliás, podemos ainda adiantar, que a concretização do negócio Comundo-BPA-Banco do Algarve está previsto para o próximo dia 25. A propósito de posições da Comundo em instituições bancárias, recordamos, uma vez mais, que esta organização mantém uma posição muito significativa no Banco Micaelense.

A última semana

Como previmos no artigo da semana passada, uma alta nas cotações só se apresentava viável em certos papéis, mas nunca generalizada. Aliás, se houve papéis que foram valorizados, outros retrocederam, muito embora, em qualquer dos casos, não se assistisse a diferenças substanciais. No sector bancário verificou-se uma mais valia no Agricultura, que encerrou a 6450$00, contra 6300$00 da semana transacta; O Tota ganhou 500$00, fechando a 11000$00 (outra arrancada antes do aumento de capital?); o F. Magalhães teve uma mais-valia de 100$00, enquanto que o Algarve, Alentejo e Crédito Predial mantiveram as mesmas cotações. Em retrocesso, operaram o BNU, Portugal, Espírito Santo e Fomento que cedeu 350$00. No grupo dos seguros, o Alentejo voltou a ceder, ficando a 600$00, enquanto que a Mundial teve uma desvalorização de 490$00 e a Tranquilidade cedeu 1000$00. Nas diversas, a CUF continuou em 5250$00; a Cidla cedeu 350$00; a Grão-Pará 200$00; a Intar 75$00; a C. N. N. 190$00; a Salvor 200$00; a P. Pesca 80$00; e a Petroquímica 100$00. Por outro lado, a Portugal e Colónias valorizou-se em 100$00; a P. Celulose 400$00; Tab. Portugal teve uma mais-valia de 100$00; e a TAP manteve os 2000$00. Este comportamento irregular com tendência desvalorizativa é igualmente confirmado pela Celulose do Guadiana que cedeu 100$00; a Siderurgia que se desvalorizou em 500$00; e a Socel em 100$00. Aliás, no conjunto dos papéis cotados, para além das valorizações citadas, notou-se a firmeza da Sacor que teve uma mais valia de 150$00. No conjunto, porém, o número de papéis que cederam é superior àqueles que observaram valorização. Segundo alguns observadores muito bem introduzidos nos meios bolsistas, é provável que a actual baixa, com oscilações em alguns papéis, se mantenha mais algum tempo, a princípio até à entrada em vigor do novo regulamento. Será assim?

AS EMPRESAS EXPORTADORAS

IV SEMINÁRIO DE MARKETING DA EXPORTAÇÃO DE 29/4 A 25/5/74

Esta iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação com a colaboração do I. M. I. — International Marketing Institute (Cambridge — Massachusetts — U. S. A.) tem a finalidade de dar a conhecer às nossas empresas exportadoras as mais modernas técnicas de «Marketing» aplicáveis à Exportação.

Numa maneira vincadamente prática serão ventilados neste Seminário alguns dos problemas mais significativos de empresas reais, estudados na «Harvard Business School», através dos quais serão focados os factores de maior relevância face à actual problemática de exportação portuguesa.

Local: Num hotel do VIMEIRO
Modalidade: Residencial

As discussões serão orientadas por monitores do I. M. I., pelo que se considera importante um bom conhecimento de Inglês por parte dos participantes no curso.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO
Av. 5 de Outubro, 101-1.º — Telef. 76 74 10 / 76 75 20 / 76 75 73
LISBOA-1

Delegação no Norte
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º — Telef. 38 02 14
PORTO

LINTAS

GRÉMIO: TEMPO DE ELEIÇÕES

DUAS LISTAS PROPOSTAS AOS INDUSTRIAIS DE CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

De repente e perante a supresa geral — as eleições no Grémio dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Sul surgem transformadas em matéria de intenso debate Aparecem duas listas que se opõem na defesa de interesses semelhantes (os das entidades patronais desse ramo de actividade, de acordo com o esquema corporativo português) Ambas as partes pretendem esclarecer **os agremiados e a opinião pública Chega-se ao ponto de organizar uma conferência de Imprensa Enviam-se para os jornais comunicados e contracomunicados**

Daí que uma das ilações a tirar do facto seja a importância assumida pelos chamados **mass media** (meios de comunicação de massa) no processo de desenvolvimento do modo de produção em que nos situamos.

Tempo de eleições é, pelo menos em alguns grémios, também tempo de contradições. Cada qual procura as suas próprias oportunidades, buscando o apoio que lhe parece mais firme. As tiradas oratórias constituem lugar comum. A luta será, — disseram-nos — «no bom sentido» — E invocam-se as conveniências da economia nacional.

Lista «A» a continuidade por lema

Duas listas — a **A** e a **B**. A primeira de continuidade; a segunda, opondo-se àquela.

Começámos justamente por ouvir o presidente proposto para a lista **A**,

— **O nosso lema é o da continuidade, no sentido de se resolverem os problemas já equacionados, mas que, por um motivo ou outro, independentes da nossa vontade ainda não tiveram uma resolução a contento dos agremiados** — disse-nos o eng.º Picaluga Nevado, também vice-presidente da direcção cessante.

E continuou:

— **Quando a actual direcção foi eleita, aliás por proposta da anterior, encabeçada pelo presidente da lista B, nossa opositora, estabeleceu um programa de acção, baseado na experiência dos problemas que afectavam a indústria e naqueles que nos foram transmitidos pelos sócios. Desse programa, conseguimos realizar já uma parte e movemos, agora, diligências no sentido de levar o resto a bom termo.**

Mais adiante, diz-nos o eng. Picaluga Nevado:

— **As direcções aqui no Grémio são trienais. E gostaria de referir que, quando tomámos posse, em 1971 deparou-se-nos uma má herança. Acontece que, por essa altura, entrou em vigor a regulamentação para a indústria particular, impondo obrigatoriedade de alvarás para os empreiteiros e a construção civil, a qual já existia para os de obras públicas. Ora, o facto obrigou-nos a reestruturar, de imediato, os quadros do Grémio. Criámos um secretariado técnico, admitimos mais funcionários e, além de darmos uma nova orgânica aos serviços, tivemos também de classificar melhor os funcionários antigos, adaptando-os a novas funções. Isso terá até atrasado o nosso programa mesmo por termos tomado posse já muito tarde. Fomos, pois, para as questões prioritárias, deixando outros problemas para mais tarde.**

Sobre as diligências mais importantes actualmente em curso, declarou-nos o presidente proposto pela lista **A**:

— **Se formos eleitos, procuraremos fundamentalmente resolver os problemas já equacionados. Entre eles contam-se por exemplo, a actualização da legislação sobre a revisão de preços de empreiteiros e obras públicas e particulares, a continuação do estudo e efectiva aprovação de um caderno de encargos para a execução de obras particulares (trata-se aqui de regulamentar as relações entre o empreiteiro e o propietário da obra), a uniformização das regalias e dos direitos na contratação colectiva (neste momento temos relações com grande número de sindicatos) e a obrigatoriedade da carteira profissional para os operários da construção civil.**

«É indispensável a coexistência entre grandes e pequenas empresas»

Da lista **A** fazem parte três membros da direcção anterior e quatro novos elementos.

— **Uma questão que se tem posto** — ouvimos em seguida — **é a do voto proporcional. Pretendem os nossos opositores que a votação seja feita em pé de igualdade entre as grandes e as pequenas empresas. Não concordamos com isso, pelo facto de as pequenas estarem em grande maioria. Sucede que o seu volume de investimento é, no entanto, bastante menor: entre construir uma barragem ou uma ponte e um pequeno bloco de apartamentos há a sua diferença. Por isso, o domínio das pequenas empresas sobre as grandes acabaria até por trazer malefícios para a economia nacional. E as empresas de maior dimensão não podem estar à mercê dos outros pois são diferentes os problemas que se lhes deparam.**

Dizem-nos depois:

— **Nem se põe sequer uma questão de concorrência. Parece-nos indespensável a coexistência entre grandes e pequenas empresas, sendo estas últimas absolutamente necessárias, já que diverge o campo de acção em que se propõem actuar. Repare que se deixasse de existir o voto proporcional, as empresas com alvará até 5 mil contos contariam com 72,2 por cento dos votos (até 2.500 contos, 49,4 por cento). Ora, o Grémio divide os seus sócios em mais cinco escalões, com alvarás além daquela quantia, que apenas é atingida pelo terceiro escalão.**

A actual direcção do Grémio, bem como a substituta que propôs, rejeitam, portanto, a acusação de pretenderem defender a grande empresa, em prejuízo da pequena e média. No II Colóquio Nacional de Industriais da Construção Civil, efectuado em 1973, com a presença de 600 participantes, não foram suas — insistiram em declarar-nos os seus membros — as conslusões, nas de relatores independentes e discutidas em assembleia final, onde terão estado também elementos da lista **B**. Tratar-se-á segundo aqueles nossos interlocutores de manobra demagógica o pretender deslocar o problema para o campo do proteccionismo à grande empresa, face aos interesses da pequena.

Por outro lado, refere o eng. Picaluga Nevado:

— **O extracto de uma das conclusões do Colóquio, que aparece num comunicado da lista B, está incompleto. Com efeito, diz-se «... que as empresas devem encaminhar-se no sentido da especialização, não excluindo a função indispensável que as médias e pequenas empresas podem e devem desempenhar, nomeadamente (o que não quer dizer «exclusivamente») no domínio das subempreitadas, na execução de pequenas obras na conservação do património imobiliário do país...», mas não se acrescenta o que vem imediatamente a seguir, isto é»... o que implica a recusa dos excessos de integração vertical por parte das empresas de maior dimensão, resultando daí vantagem para a economia nacional». O lapso é, em minha opinião, perfeitamente propositado pois este último pedaço altera por completo o sentido da frase.**

E a terminar:

— **Devo ainda dizer que, pelo facto de escolhermos a continuidade,não deixamos de estar atentos a qualquer idéia de renovação. No caso de nos escolherem, estaremos abertos a toda e qualquer sugestão por parte dos agremiados.**

Lista B: as pequenas empresas devem poder vir a ser grandes

Os pontos de vista da lista **B** foram-nos depois referidos pelo eng.º Manuel Lourenço Antunes.

— **A nossa posição não foge àquela que a última assembleia geral deixou antever. Somos evidentemente pela coexistência da média, pequena e grande empresas. No entanto, não concordamos em que se impeçam as primeiras de atingir a dimensão das últimas** — declarou-nos aquele componente da lista da oposição.

E mais adiante:

— **Quero também salientar o facto de não estarmos contra a concentração, a qual deverá ser, aliás, irreversível, embora não se nos apresente muito fácil de concretizar.Quanto à possibilidade da concorrência, está, de facto posta de parte: existe um limite de alvará até ao qual se pode concorrer a trabalhos, pelo que uma empresa pequena se não pode candidatar a empreendimentos demasiado vultosos; do lado inverso, cremos não interessar à administração das grandes empresas concorrer a pequenas obras. Repito, pois: não há possibilidade de concorrência e a concentração, que terá de vir a acontecer, só pode ter efeitos benéficos, dando eventualmente à indústria nacional condições para competir com as estrangeiras no nosso campo de actividade.**

«Tudo se passa ao nível das idéias»

Adianta-nos também o eng.º Manuel Lourenço Antunes:

— **Quanto ao texto transcrito num dos nossos comunicados, quisémos com ele focar o grande problema que se nos põe, a garantia de as pequenas empresas poderem vir a atingir a dimensão das maiores. E isso não será possível se as remetermos para determinado tipo de trabalhos, como parece ressaltar de tal conclusão do Colóquio. Por outro lado, não nos parece que a continuação desse texto, que, de resto, não compreendo bem, venha alterar o sentido daquilo que se escreveu antes.**

E sobre a questão do voto proporcional:

— **Com a sua abolição, queremos exactamente cercear a possibilidade de se impedirem as pequenas empresas de, como disse, crescerem até onde lhes for possível** — continua o eng.º Manuel Lourenço Antunes. **Embora estas últimas elejam muito maior número, não nos parece que o seu domínio possa vir a revelar-se prejudicial para as maiores. O contrário, sem, temo-lo por desaconselhável, pelas razões que já lhe expus. O problema põe-se ao nível da gerência, de toda uma definição de política do Grémio, incluindo legislação, por exemplo.**

Disse-nos a seguir o referido componente da lista **B**:

— **Parece-me útil referir ainda o facto de não atacarmos as pessoas de algumas das quais até somos amigos, mas aquilo que defendem os nossos opositores. Tudo se passa, portanto, ao nível das ideias. Temos a nossa dignidade própria e entendemos que toda a gente é digna, embora possa pensar de forma diferente da nossa.**

Os 10 pontos do programa da lista «B»

Por último, elucidou-nos o eng.º Manuel Lourenço Antunes àcerca dos 10 pontos do programa da lista **B**, que são os seguintes:

1 — Pugnar junto das entidades oficiais pela criação de um centro de produtividade na construção civil;

2 — Promoção da formação profissional, tendo como base a definição das várias profissões;

3 — Pugnar pela criação da carteira profissional para as várias profissões dos operários da construção civil, nos sectores em que tal se verifique ser conveniente;

4 — Pedir a elevação dos valores dos alvarás e a revisão da respectiva legislação;

5 — Promoção do aperfeiçoamento da legislação referente aos sectores: obras públicas; revisão de preços e sua extensão a obras particulares; e criação de cadernos de encargos-tipo para as obras públicas e particulares.

6 — Criar secções especializadas para conselhos de carácter técnico e jurídico, ao dispor de todos os associados do Grémio;

7 — Informação permanente da actividade gremial junto dos associados;

8 — Pugnar por uma maior aproximação com os grémios congéneres;

9 — Ética e disciplina da classe e sua regulamentação;

10 — Diligenciar quanto à construção de uma sede do Grémio.

APARTAMENTOS NO ALGARVE

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2

SACO BRANCO

PERDEU-SE

Com roupas, máquina de barbear, molhos de chaves e vária documentação, perdeu-se no passado dia 20 ao fim da tarde, na zona da Estrela. Gratifica-se muito bem, quem encontrou, especialmente a documentação, agenda e chaves, pois são de muita importância para o seu proprietário. Qualquer informação pode ser dada para este jornal ou pelos telefones 650212, 654634, 654531, 665328 e 663806.

A segur

Só e

2 a

Entrevista com dr. Suleiman V

Em Abril — entre 6 e Meca, na Arábia Saudita, Comunidades Islâmicas. E man Valy Mamede, presi lâmica de Lisboa

Com ele travámos u Congresso e de muito ma e da Comunidade de Lis foi dito aqui fica e não trabalhos que o nosso e de que transcrevemos na dimensão exigível a u cultura islâmica que, até desconhecida pura e simp apenas sob um ponto de vi realçar aspectos negativos o que de modo algum d os muçulmanos portugues **do dr Suleiman Valy**

Se é verdade que em cad nós podemos afirmar que, no m um é muçulmano.

Em 1968 foi criada e tem estatutos aprovados, a Comunidade Islâmica de Lisboa. Qual a sua actividade? A entrevista estava iniciada. Começou por responder o dr. Suleiman:

— **A actividade da Comunidade é fazer um levantamento da Cultura Islâmica, dignificar o Islão em greral e os muçulmanos do espaço português em particular; além disso, cabe ainda nas suas funções, envidar todos os esforços para a construção de uma mesquita em Lisboa e, sobretudo, fomentar a aproximação, coexistência e cooperação entre todos os homens de boa vontade. Como porta-voz da Comunidade, temos uma revista trimestral: «O Islão».**

O Islão em Portugal: 2.ª religião do País

— **O Islão está em contacto com Portugal desde os primórdios da sua nacionalidade** — esclareceu a este respeito o dr. Suleiman que acrescentou — **Os árabes estiveram primeiro na Península Ibérica, de 711 a 1452. A partir do Séc. XV, a empresa dos descobrimentos marítimos veio de novo aproximar o ocidente cristão com o oriente islâmico. A partir de então, a presença muçulmana tem sido uma constante na cultura portuguesa, pois basta lembrar que, presentemente, mais de 15 por cento da população total de Portugal professa o Islamismo, sendo a segunda religião do País. Existem no espaço português, mais de 3 milhões de muçulmanos. Assim pode afirmar-se que a característica mais nobre da cultura portuguesa — a sua ecumenicidade — ficaria truncada com o desconhecimento total ou parcial do elemento islâmico que, como dissemos atrás, sem-**

nda religião do País à espera de construir um templo em Lisboa

em Paris registam-se por dia 3 conversões ao Islāmismo

n o
y Mamede

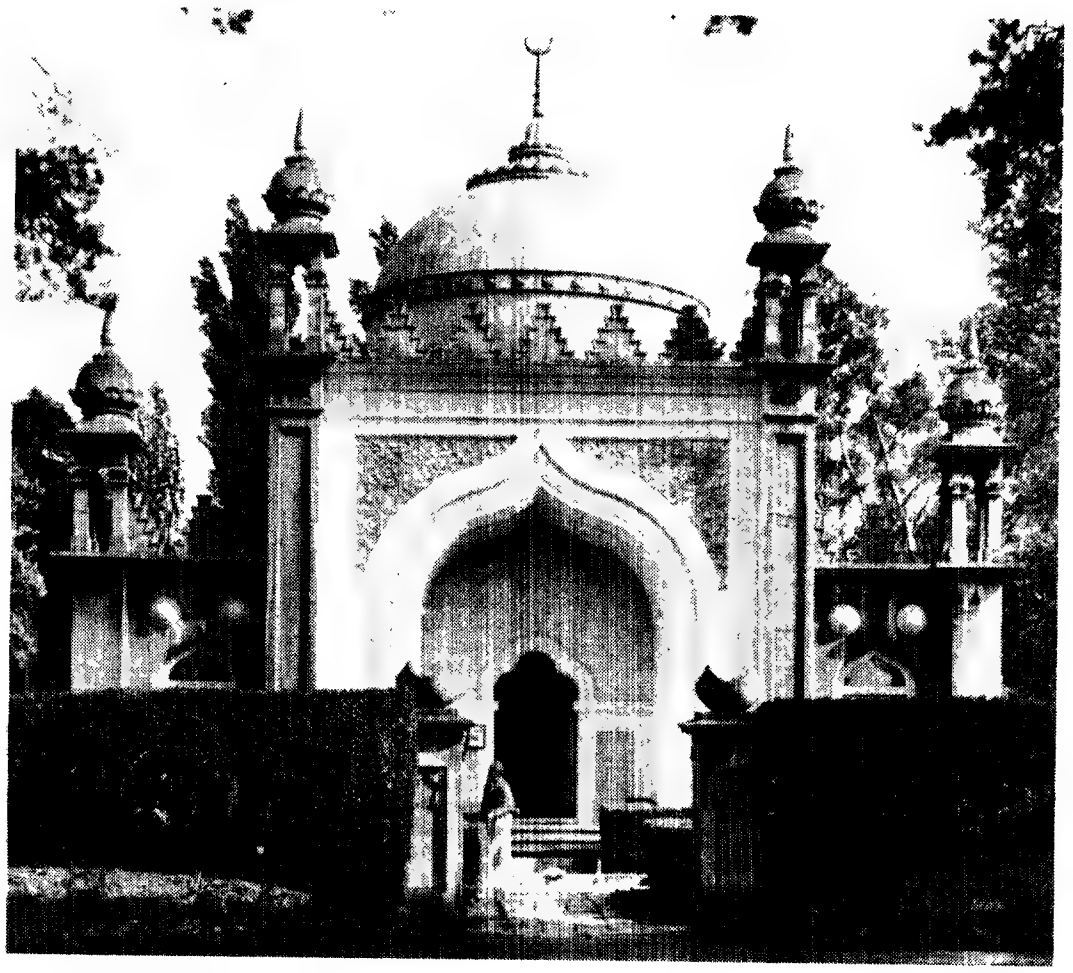
e 10 __ vai realizar-se em a, mais um Congresso das Estará presente o dr Sulei-idente da Comunidade Is-

uma conversa Falou-se do ais: do Islâmismo em geral sboa em particular O que só o que foi dito: alguns entrevistado nos facultou passagens, documentarão, um trabalho deste tipo, a é há alguns anos ou era nplesmente ou se conhecia vista do qual se pretendiam os (poligamia, harens, uris) dignificava, como é óbvio, ses. **Estas palavras são já**

da 4 seres humanos um é chinês, mundo actual, em cada 6 homens

Vicent Monteil

pre foi uma constante na vida nacional, embora infelizmente seja do conhecimento de pou-cos.



Quando será construida em Lisboa uma mesquita?

Islamismo: religião universalista

Sobre a Cultura Islâmica no mundo, o dr. Suleiman Valy deu-nos alguns elementos que, sem serem de modo algum exaustivos __ isso seria quase impossível, conforme sublinhou __ nos parecem importantes para que se possa fazer uma ideia da divulgação e da força do Islamismo:

__ **A Cultura Islâmica ou era desconhecida pura e simplesmente, ou se a conheciam era sob um ponto de vista do qual se pretendia realçar aspectos negativos (poligamia, harens, uris) o que de modo algum dignificou, como é óbvio os muçulmanos portugueses. O Islamismo não pode de maneira nenhuma ser considerado uma «religião dos trópicos», mas sim uma religião universalista, aberta a todos os homens. No ocidente, o Islão torna-se cada vez mais conhecido. Basta lembrar o 1.º Congresso das Comunidades Muçulmanas da Europa que em Maio de 1973 se realizou em Londres e onde estiveram representadas Comunidades de toda a Europa (Ocidental e Oriental). Por outro lado, na Europa Ocidental existem várias mesquitas (2 em Bruxelas, 6 em Paris, 5 na Alemanha Federal, 6 em Londres, etc.). Brevemente vai ser construída, com o consentimento do Papa Paulo VI, a 1.ª mesquita de Roma. Só em Paris, registam-se diariamente, 2 a 3 conversões, especialmente nos meios universitários. O mundo islâmico actual, isto é, onde se professa a religião islâmica, é representado por cerca de 1/6 da população do Globo, repartindo-se pelos seguintes grupos: africanos (cerca de 100 milhões) __ África do Sul, Camarões, Chade, Costa do Marfim, Etiópia, Gâmbia, Malawi, Mali, Moçambique, Níger, Nigéria, Província da Guiné, Quénia, República da Guiné, Senegal, Somália, Tanzânia, Uganda, etc.; árabes e arabizados (cerca de 120 milhões) __ Arábia Saudita, Argélia, Barém, Catar, Egipto, Federação dos Emiratos do Golfo, Iémen, Iémen do Sul, Iraque, Jordânia, Koweit, Líbano, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Omã, Síria, Sudão e Tunísia. Chineses __ cerca de 35 milhões. Grupo balcânico (cerca de 35 milhões) __ Albânia, Bulgária, Jugoslávia, Polónia e União Soviética. Grupo diversificado (cerca de 7,6 milhões) __ América, Austrália e Europa Ocidental. Grupo Hindustânico (cerca de 135 milhões) __ Bangla Desh, Paquistão e União Indiana. Indonésia e outros (cerca de 107 milhões) __ Ceilão, Coreia, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Singapura, Tailândia e Vietnam. Iranianos (cerca de 25 milhões) __ Afganistão e Pérsia. Turcos (cerca de 38 milhões) __ Anatólia, Chipre e Turquia.**

Islão e emancipação da mulher

Sobre o modo como são encarados os aspectos negativos do Islamismo atrás referidos, pelos seus elementos mais avançados, afirmou o dr. Suleiman Valy:

__ **A poligamia, tolerada no Islão (note-se que o Antigo Testamento também o admita), está já ultrapassada e condenada a desaparecer por completo, pois existe actualmente, não só nos países muçulmanos como também no seio das Comunidades na América e na Europa, muitos que lutam afincadamente pelo reconhecimento dos direitos da emancipação da mulher, aliás previstos no Alcorão (o livro sagrado do Islão), embora mal interpretados.**

Sobre o Congresso

Concretamente sobre o Congresso das Comunidades Islâmicas (que como atrás se disse terá lugar em Meca no mês de Abril), trata-se de uma organização do Secretariado Islâmico (criado em 1969 e com sede permanente em Jeddah). O nosso entrevistado representará a Comunidade de Lisboa, convidada expressamente para o efeito, e apresentará uma comunicação subordinada ao tema «O Islão no Mundo Contemporâneo», que será apreciado por representantes qualificados das principais Comunidades Islâmicas de todo o mundo que estarão presentes na Arábia Saudita.

Acerca do teor dessa comunicação, o dr. Suleiman adiantou ao «Diário de Lisboa»:

__ **Abordaremos o aspecto das doutrinas modernistas do Islão, pois há entre os muçulmanos tendências reformistas (com base nas ideias lançadas na Arábia, nos finais do Séc. XVIII, por Abdul Wahab __ que ficaram conhecidas por Wahabismo), que defendem o renascimento do islamismo pelos seus próprios meios. O reformismo é uma nova atitude dos filósofos e teólogos muçulmanos que procuram conciliar a situação actual, o modernismo e o progresso material, com o Islão.**

A tal propósito disse, há uns anos atrás, o rei Faiçal da Arábia Saudita: «... Se queremos voltar à nossa glória anrior e consolidar as nossas forças para cumprir as nossas obrigações, devemos voltar aos nossos princípios religiosos, ou para sermos mais exactos, à linha de vida religiosa dos nossos antepassados e do nosso profeta. Quem diz que a religião muçulmana é um obstáculo aó progresso e ao modernismo está completamente errado...»

Existem, na presente época dois movimentos inovadores do Islão: o Modernismo e o Salafismo

1. O Modernismo __ resulta da necessidade de adaptar as leis alcorânicas às exigências da vida moderna. Neste movimento, há a destacar duas correntes: o Modernismo egípcio e o Modernismo Hindustânico.

Enquanto que os reformadores do Egitpo se preocupam, sobretudo, com problemas religiosos e morais e se comprazem em pesquisas teológicas, através do centro intelectual do Islão ortodoxo que é a famosa Universidade Al-Azhar do Cairo (fundada em 971 D.C.), os reformistas hindustânicos (Bangladesh, Paquistão e União Indiana) têm uma tendência vincadamente filosófica, afastando-se por vezes do dogma ortodoxo e visando em maior grau de ajustamento do Islão às condições da civilização moderna.

As referidas correntes modernistas são unânimes em afirmar o carácter universalista da religião muçulmana, aberta a todas as luzes da razão e aos progressos científicos, aplicáveis a todos os povos e a todos os tempos.

Convém salientar que o modernismo egípcio que deriva dos ensinamentos de Mohammed Abdu, defende uma adaptação do Islão à época actual e uma aceitação do progresso, baseado no regresso aos princípios da pureza original do Islão.

Entre os elementos mais activos do modernismo hindustânico, apontam-se entre outros nomes, os de Said Ahmad Khan, «sir» Mohmmed Iqbal, os irmãos Chaukat, Haidar Bammat e Mohmmed Ali, e entre os defensores do modernismo egípcio contam-se algumas personalidades do pensamento nasseriano.

2. O Salafismo __ embora defenda uma modernização da vida muçulmana, não rompe com a tradição e luta para promover «uma purificação doutrinal e moral», pois a verdadeira doutrina não carece de qualquer reforma, visto que o que é preciso é modificar a maneira de a compreender e de realizar e isso só se consegue fazendo o islamismo regressar à sua limpidez inicial. O movimento salafista conseguiu atrair as atenções de um escol razoável de muçulmanos e reune condições para vivificar o islamismo.

O Salafismo visa, em resumo, os seguintes objectivos: abolir as superstições populares da fé dos muçulmanos; purificar a doutrina e a moral islâmica; retomar as tradições autênticas do Islão, o que permitirá também não rejeitar em bloco as aquisições da ciência moderna, mas antes acolhê-las com discernimento e utilizá-las segundo o espírito do Islamismo; desembaraçar a doutrina de todas as práticas adventícias, em regra originadas pelas confrarias religiosas; afastar o Direito Muçulmano do estatismo, adaptando-o às necessidades actuais, mas sem nada sacrificar dos princípios consagrados na lei revelada e purificar o pensamento teológico expurgando-o de infiltrações filosóficas corruptoras.

O Salafismo é, portanto, um movimento mais moderno e sustenta que o Alcorão não contém absolutamente nada que contrarie a ciência, a evolução e a técnica modernas, tudo dependendo da interpretação dos textos nele contidos, pois quem os interpreta tem que saber extrair deles as regras novas adaptáveis á actualidade.

OS MANDAMENTOS DA RELIGIÃO MUÇULMANA OU ISLÂMICA

Fé

a) **Fé em Deus** __ todo o muçulmano deve confessar que «não há outra divindade senão Deus e Muhammad é Seu Profeta». Em árabe (língua litúrgica do Islão) é sintetizada pela seguinte máxima: «Lá Iláh ilá Allah, Muhammad Raçul Allah».
b) **Fé nos Profetas**
c) **Fé nas Sagradas Escrituras**
d) **Fé nos Anjos**
e) **Fé na Predestinação**
f) **Fé na Ressureição e no Juizo Final**

Oração

a) As cinco orações diárias;
b) A oração de 6.ª feira __ dia sagrado dos muçulmanos;
c) As orações dos dias festivos **(Id'ul-Quibir** __ festa comemorativa do fim da peregrinação a Meca e **Id'ul-Seguir** __ festa comemorativa do fim do Ramadão);
d) Oração fúnebre.

Esmola

a) Zacá;
b) Sadaca;
c) Alfitra.

Jejum de Ramadão

Jejum (desde o nascer até ao pôr do sol) e penitência durante o mês de Ramadão __ 9.º mês do calendário islâmico da Era da Hégira.

Peregrinação a Meca

Durante o último mês do calendário islâmico. Constitui poderoso factor da solidariedade religiosa e confere ao peregrino o título honorifíco de «Haji» ou «Al-Haj».

JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

Edwin Morgan

O outro poeta ligado ao movimento concretista que tinha referido, além de Ian Hamilton Finlay, é igualmente escocês (para referir dois apenas dos mais importantes contribuidores para este jeito da poesia em Inglaterra, uma vez que a eles se não reduz nesse país o movimento, como é evidente) Mais fortemente que em Finlay, porém, se verifica estarem os interesses poéticos de Edwin Morgan não apenas cingidos aos pressupostos desse movimento internacional de poesia A sua escrita vai do mais tradicional soneto aos resultados de palavras propostas a um computador para realizações poéticas, passando pelo verso livre e por poemas espontâneos ou escritos para recitais públicos de poesia (como os que na década de 60 se realizavam com enorme assistência — cena que Adrian Mitchell e os poetas de Liverpool igualmente ocupavam, como já referi há muitas semanas).

Hoje ocupar-me-ei somente dos seus poemas classificáveis como concretistas, ficando para a semana outras facetas da sua obra. Obra que, como vemos, vem confirmar a afirmação feita numa das notas sobre Ian Finlay de não haver sido nunca a poesia concreta uma linha exclusiva ou dominante nas literaturas em que surgia, bem como nos dois mais importantes poetas ingleses que a praticavam. E se em Finlay há uma predominância na sua evolução poética desse tipo de escrita, em Edwin Morgan ela é simultânea como o comprovam os seus «Selected Poems» (com inclusão idêntica dos dois teores de escrita) e o seu último livro, «De Glasgow a Saturno». Aliás, este problema da predominância de um tipo de discurso sobre outros pode não fazer sentido. O importante é que determinados poetas, e não dos menos capazes ou dos mais buscadores de escândalos promocionais, cheguem a esta necessidade de experimentar com as palavras, de introduzir novas possibilidades aos campos dos sentidos dos textos. Em Portugal, Jorge de Sena, por exemplo, um dos nossos maiores poetas e um dos mais preocupados com o rigor dentro da tradição no seu discruso, não propôs uma mesma necessidade de experimentar e jogar com a camada fonética do poema? Vejam-se os «Quatro sonetos a Afrodite Anadiómena» em Metamorfoses» e vários poemas dentro desse comum desejo inovador em «Peregrinatio ad loca infecta» (Portugália Ed.).

Com esses poemas, Jorge Sena jogam com o sentido de rimentação de escrita idêntica à de certos textos de Edwin Morgan, como «A canção do monstro de Loch Ness». E evidente que as diferenças são notórias, o poema de Morgan é mais imediatamente mimético na sua intenção quase onomatopaica, enquanto que os de Snea jogam com o sentido de inusualíssimas ou inventadas palavras e com elas procura organizar um discurso de aparente exclusivo carácter fonético, jogo sonoro para os ouvidos sentindo e dnndo sentidos. Contudo, ambos se colocam numa crença de que a sonoridade das palavras fala, de que o fonético pode ser um veículo de sentidos mais sentidos que a mera fonologia, de sensorializações, se não de sentimentos: é, pelo menos, um discurso informativo em dois sentidos — inova pelo inusual da situação em poema; inova porque obriga a um esforço do «ouvido» normalmente apenas semiconscientemente apreendendo o que dos poemas para ele era.

Claro que dos exemplos nesta página se verão outros processos de fazer visualmente o poema, de o colocar num jogo de linguagem que tem toda a serenidade e toda a ironia e toda a festa que o jogo é. «Os gatos persas franceses dançando» joga com «chat», gato em francês, «shah», Xá da Pérsia, e o «cha-cha-cha», ritmo de dança muito em voga nos anos 50. O «Sesta de uma cobra húngara» joga com o ruído de respiração de uma criatura a dormir, com o som «Sz» típico do húngaro e com mediatas referências ao «caso» húngaro. Referências políticas que continuam a ser jogadas em «Gato Chinês».

No poema cuja base é «Il faut être absolument moderne», de «Une Saison en enfer» de Rimbaud (e que Mário Cesariny de Vasconcelos traduz «Há que ser absolutamente moderno») os processos são outros. Das letras que formam a frase (ou verso) do francês, Edwin Morgan retira todas as possibilidades combinatórias em inglês e distribui as palavras formadas ao longo de vários versos, mantendo os espaços correspondentes, na vertical, ao espaço ocupado na frase base pela letra. Acontecem duas coisas: uma é cumprir-se a ordem-desejo de Artur Rimbaud; outra é verificar-se quanto as palavras formáveis em inglês com essa frase (ou verso) arrastam consigo muito do sentido da frase original. E outra coisa ainda: o espaço visual na página, a tipografia, permite-nos olhar uma situação em que as letras criam espaços e organizações que nos obrigam a vir à mente obras de outra modernidade, a da pintura, por exemplo os «Boogie-woogie» de Piet Mondrian, aquele que já na semana passada víramos empenhado em 1920 num apelo de absoluta modernidade.

De «Colóquio Sentimental em duas partes», da primeira.

I

.....Tronchela adúvia corimata, que tuestes dilasta anquinudante, furiça astria dova, retinuta, e qüis? Nonória. A tutimão periva a turidarta influva. Azis? Nocónia. Dimirita, aluina, dúria — oh comisalva apene. Friscórida. Buliva? Nem ninúria. Que dívia alperidasta clido! Flara:
..... Dumeste andorta oroladiara?
..... Clande.
I tru laridolosta zanque?
..... Diata.
Dileste me tisalva.
(...)

Jorge de Sena, «Peregrinatio ad loca infecta».

Este poema é um dentre vários em que Edwin Morgan retoma este processo. É também um dos intraduzíveis poemas deste tipo de poesia. O que posso aqui fazer é traduzir as palavras que surgem no texto inglês por ordem das ocorrências. Mas terá que fazer cada um o trabalho de ler o poema ajustando o sentido português à palavra e ao local em que ocorre. A ordem é esta:

«velho / solene / ode / vendida / aparador / ferro / ousado / tendência / em / carta / para / solo / leitor / fogo posto / em / dardo / de / azul / ausente / comida / rebento / achado / dizer / fermento / em / razão / equipa / alimentar / na modernidade / filão / nenhum / grilhões / para / absolutos / modernos / homens».

Para a semana referirei outros aspectos da sua poesia.

Edwin Morgan nasceu em 1920.
Algumas obras suas:
«The second life» (selecção de poemas), Edinburgh University Press, 1968.
Penguin Modern Poets n.º 15 (selecção de poemas)
«From Glasgow to Saturn», Carcanet Press, 1973.

chat
shah shah
chat
chat shah cha ha
shah chat cha ha
shah
chat
cha
cha
ha
cha chat
cha chat
chatcha chatshahchat
cha chachacha chachacha
shahcha shahchatshah
cha shah
chatcha shah
cha ha
shahcha
cha
cha
sh ch
aha
ch sh

ol d
sol e m n
o de
sol d
f o r
f e n der
i r o n
b ol d
tre n d
i n
l et t er
t o
sol o
re a der
a r so n
i n
b ol t
f r o m
b lu e
a bs ent
f o od
b u d
f ou n d
ut t e r
f er ment
i n
re a so n
te a m
f e e d
a t modern
l ode
n o
f et t er
f o r
absolu t e
m odern
men
il faut être absolument moderne

CRÍTICA DE TELEVISÃO

Mário Castrim

ONDE O CRÍTICO DÁ COMO OFERTA DA CASA UM PROBLEMA DE XADREZ...

Tinha inegável interesse uma conversa sobre esse maravilhoso exercício da imaginação, da inteligência e da convivência que é o jogo de xadrez Para mais com o presidente da Federação, que deve estar no segredo dos bastidores e no conhecimento da alegria do jogo

E que aconteceu? Aconteceu que Vasco Corregedor da Fonseca abusou da execrável muleta do «pois» a tal ponto que o mais forte desejo do telespectador passou a ser o vê-lo pelas costas, acabar o diálogo com Luís Filipe Costa, em dia igualmente pouco seguro.

Lamentável. A gaguez alastra ajudada pela poderosa máquina da Televisão. A gaguez por snobismo. Um fosso não de piedade, mas de ridículo.

Por outro lado, os intervenientes no diálogo enveredaram, não raro, pelo caminho dos pseudoproblemas, como seja o xadrez competitivo e o xadrez meramente educativo. No nosso tempo e no nosso país, o problema que se põe em relação ao xadrez, é a forma como divulgá-lo, como torná-lo prática gostosa e corrente.

Parece que o papel quase único da Federação é organizar provas de competições. Se calhar até é. E mesmo assim, que pode ela fazer mais com a verba de vinte e cinco contos que recebe do Ministério da Educação Nacional?

Como pensa a Federação obter as verbas indispensáveis à promoção do xadrez? Pois conseguindo o apoio das entidades e até recorrendo à publicidade.

A publicidade: aí está a salvação de tudo, a patrocinadora das artes, das letras, do desporto. Mas então a função do xadrez não tem grande significado educativo? Não deverá tratar-se de uma questão a ser resolvida à escala nacional? Claro que com uma dotação de vinte contos nada se pode fazer. Porque é preciso construir no chão. De um momento para o outro a publicidade (abstraindo da legitimidade do recurso) a publicidade falha e lá voltamos nós ao ponto zero...

Por vezes, no entanto, suponho não haver só uma questão de dinheiro. Será questão je outra coisa. De indiferença. De falta de convicção — e de imaginação. De ausência de entendimento.

A televisão podia fazer muito, se quisesse, pela divulgação do xadrez. Ainda há meses lançou uma campanha no programa juvenil. Mas que pobreza! Mal lançado, aml apresentado, programado irregularmente — a iniciação ao xadrez acabou por acontecer e por desaparecer sem ninguém dar por isso...

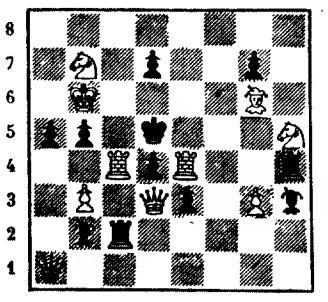
Novas iniciativas hão-de ser retomadas pela televisão. Neste caso, apoiadas por outras iniciativas a cargo da Federação Portuguesa: organização de núcleos de estudo nas escolas, colectividades, etc., etc., campanhas de produção de jogos a baixo preço, etc., etc. No que respeita ao campeonato nacional alvitrou-se que a televisão estudasse a possibilidade de nos dar uma partida em directo. Que fez a televisão? Ora o que fez... Fez ouvidos de mercador.

Uma afirmação pois de Vasco Corregedor da Fonseca merecia pois (desculpem: não torno) merecia maior demora. Aquela segundo a qual **na sociedade ocidental é difícil ao xadrez penetrar nos hábitos sociais.** Seria interessante abrir um debate na televisão sobre o assunto. Nos países do campo socialista o xadrez possui uma formidável popularidade e qualidade.

Por exemplo: o «Oscar» de 1973, instituído pelos membros da Associação Internacional da Imprensa xadrezística foi atribuído ao jovem mestre soviético Anatole Karpov. Na lista dos dez melhores jogadores do ano figuravam nada menos de sete cidadãos de países socialistas: Karpov, Spasski, Kortechnoi, Portisch (Hungria), Tahl, Petrossian, Polugaevski. A título de material para breve meditação, este pormenor: há anos, no campeonato infantil da U. R. S. S. participaram 500 mil jogadores...

Agora, se me permitem, vou oferecer-lhes por minha conta e risco, um dos mais belos problemas que conheço. O seu autor é L. Szwedowski e obteve na Polónia o primeiro prémio **Szachy** de 1968. Entre os leitores que me mandarem a solução atè à próxima quarta-feira, sortearei um livro sobre xadrez.

Não esquecer: as brancas jogam e dão mate em dois lances.

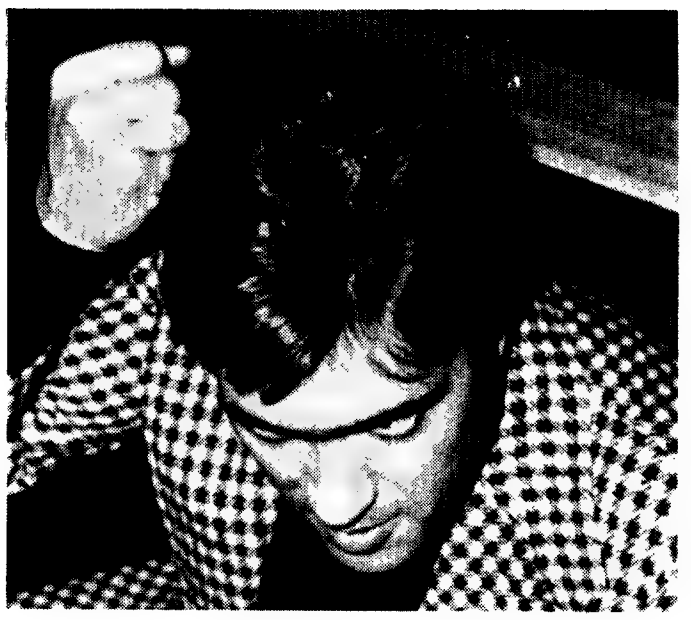


Já agora não quero deixar de referir outro aspecto discutido na entrevista do **Caso da Semana**: o de participação de representantes portugueses nas olimpíadas do xadrez, a realizar em Nice. Diz-se praí que vai ser **mais uma passeata**. Com isto se quer significar que a representação portuguesa não alimenta nenhumas veleidades disso a que vulgarmente se chama «classificação honrosa». Vamos lá para aprender, marcar presença, etc., etc. A vitória moral do costume.

Ora sucede que para a representação obrigatória de seis elementos, apenas três existem. Os outros serão repescados segundo processos que ainda não estão bem determinados.

Quer-me parecer que nestas coisas desportivas o ideal é estar presente, conviver, ganhar ou ajudar os outros a ganhar. No entanto, julgo que a divulgação do xadrez, actualmente, ganharia mais se a verba a empregar na deslocação dos jogadores fosse utilizada aqui, no fomento cá dentro. Isto porque nem ao menos podemos contar com um mestre capaz de, através de uma boa posição, fazer a propaganda do xadrez, o que compensaria de todas as despesas. Sem minimizar, está claro, as possibilidades do Durão, do Cordovil, do Silva.

Pensem agora no problema do Szwedowski. E oferta da casa.



COLISEU: Cinco mil pessoas aplaudiram Patxi Andion

Ali a dois passos, o cartaz do «Odeon» que anuncia a «Derrapagem» de Tony de Matos, avisa: **filme para o grande público.**

Grande é o público, sobre cujos ombros recaem as responsabilidades dos espectáculos rafeiros que os produtores — eu prefiro chamar-lhes **empresários** — colocam no mercado.

Grande foi o público, que permitiu uma futura passagem de Patxi Andion por Portugal. Cinco milhares de pessoas, grande, respeitável público todas elas, aplaudiram freneticamente um espectáculo de qualidade como, infelizmente, raras vezes temos oportunidade de apreciar. O extraordinário artista basco, viu-se impelido a prolongar o seu «show», de uma hora e um quarto, por mais de vinte e tal minutos. Com toda a assistência de pé, os números extra sucederam-se, até ao esgotamento de Patxi.

Cantando em castelhano quase sempre, fazendo-o por duas vezes na língua basca. Andion não fez boquinhas, nem trejeitos, tão pouco sorrisinhos dentífricos. Mostrou-se o genial intérprete que, há anos atrás, o «Zip-Zip» começou por revelar, por **nos revelar.** Dos seus poemas, respostas em golpes de garganta ao que «vocês não sentem», ficaram-nos palavras de inusitado vigor, símbolos da nova geração que nós somos, das novas gerações, afinal, que todas as gerações têm sido.

Possivelmente, Patxi não será um «homem valente». Possivelmente não será. Mas se foi graças à sua cobardia que o Coliseu abarrotou e que as pessoas se sentiram vivas dentro da carcaça queimada pelo tempo, então, ainda bem que Patxi não nasceu valente.

ALEXANDRE PAIS

TV PARA CRIANÇAS

A RTP transmite hoje às 16 e 30 um programa para crianças. Na 4.ª e na 6.ª-feira, pelas 19 e 45, haverá também programas da TV Infantil com episódios da série «Aventuras do Alacrim».

NÃO DEIXE MACACOS

MOSCOVO, 24 (F.P.) — A «Sovietskaya Rossia» conta que dois veterinários, um casal, de Moscovo sairam uma noite destas e deixaram em casa à solta uma macaca.

Esta tratou logo de imitar a sua dona e, como os trabalhos de uma casa começam geralmente pela lavagem da roupa, a macaca foi até à sala de banho onde espalhou vários pacotes de sabão em pó. Depois foi buscar o caixote do lixo que pôs em cima do piano. Passando a engraxar o calçado, pegou num par de botins brncos e engraxou-os com graxa preta.

Passou finalmente à sua pessoa. Caixas de pós de arroz baton dos lábios, tubos de cremes, tudo o que é necessário a uma maquilhagem foi posto ao serviço. Ao voltar, o casal de veterinários encontrou a macaca a balançar-se no lustre da sala e a chupar um dedo ferido, resultado de uma tenativa falhada de descascar batatas com a faca da cozinha.

ÚLTIMOS DIAS

MAYER CINEMA (Antigo Terraço do Capitólio) Telef. 32 74 93

Teatro da Cornucópia

A Ilha dos Escravos e **A Herança**

de MARIVAUX

Grupo C - 14 anos — Esp. Sub. F. Gulbenkian

HOJE, às 21.30 horas

AMANHÃ, DESCANSO

ESCOLA DE CONDUÇÃO

CASA A. VIEIRA

Ensino perfeito de LIGEIROS, PESADOS e MOTOS. Inscreva-se quanto antes na Rua de Campolide, 135.

A Gerente **Ilda Santos**

SURDOS

CASA SONOTONE

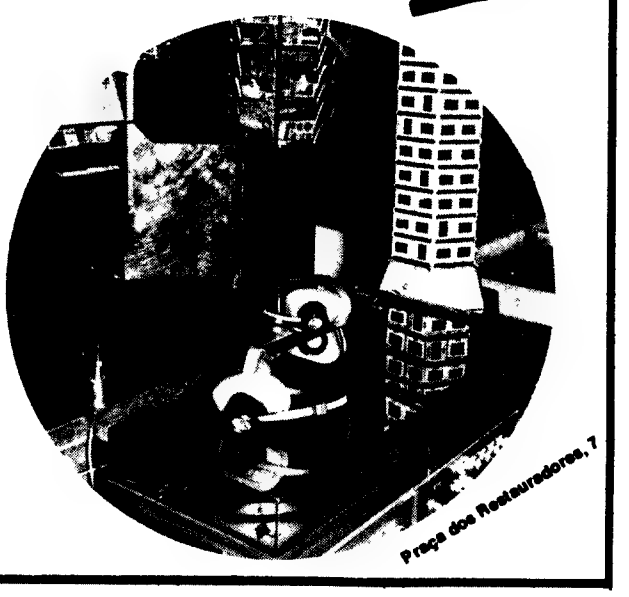
Ilda Santos participa que partiu para a Madeira (Funchal) a pedido dos seus queridos clientes e amigos a fim de apresentar as últimas novidades em aparelhos auditivos, fazendo exames e demonstrações que são gratuitas. Pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Ficando pessoal técnico especializado e carinhoso para atender todos os clientes.

Pedimos uma visita com a qual ficamos muito agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2-2.º A — Telef.: 38381

discoteca

restauradores 7



Praça dos Restauradores, 7

TELEVISÃO

PROGRAMAS DE 24 A 30

Na semana que hoje principia, os programas principais são os seguintes:

HOJE

I PROGRAMA

14.50 Tarde de cinema «Passaporte para a Glória» com Tony Martin, Janet Leigh e Glória de Haven. Naney Peterson vai para Nova Iorque e lá encontra-se com um grupo de artistas do music-hall, pela mão de um agente aldrabão. Tudo acaba em bem com um programa de televisão.

22.05 Domingo à Noite Programa gravado no Teatro Maria Matos com os seguintes intérpretes: Ballet Internacional Bobby's Show, Conjunto, John Klox, Bob Murray, Helena Isabel, Daniel Boone, Florbela e Norberto, Paul and Barry Ryan. Apresentação de Maria Margarida e Eládio Clímaco, realização de Victor Manuel.

II PROGRAMA

22.00 Noite de cinema «Samba do Amor» com Sara Montiel, Marc Michel, Falco Giacometti, Carlos Alberto e José Prada. Uma rapariga pobre e bonita vê-se envolvida numa estranha aventura... Graças ao noivo, salva-se no último instante.

SEGUNDA-FEIRA

I PROGRAMA

20.30 TV Palco — Um programa de actualidades teatrais por Igrejas Caeiro.

21.00 Imagens da poesia europeia — Programa pelo dr. David Mourão Ferreira

22.05 McCloud, Série policial — Com Dennis Weaver no protagonista «O Cavalo Sarraceno». A estatueta de um cavalo incrustado em jóias, no tempo da Terceira Cruzada, oferecido por Saladino a Ricardo Coração-de-Leão, dá origem a mais um episódio em que intervém o xerife McCloud, cujos métodos desorientam a polícia de Nova Iorque.

Uma cena de McCloud

TERÇA-FEIRA,

I PROGRAMA

22.05 Noite de cinema — Ciclo — 3 mestres americanos, II Billy Wilder rodado em 1953, cuja acção se desenrola num campo de concentração germânica durante a Segunda Guerra Mundial. Intérpretes: William Holden, Otto Preminger, Don Taylor, Robert Strauss e Harvey Lembeck.

II PROGRAMA

22.00 Pequeno Concerto — Pelo pianista Sequeira Costa. No programa: «Cenas da Floresta» de Michael, Schuman, realização de Félix Ferreira.

22.30 O'HARA — Série de aventuras — «Operação: Bebida que mata» com David Jansen, Alan Hale e Will Geer.

QUARTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.40 Guerra e Paz — Romance de Leon Tolstoi, adaptado por Jack Pubran produção da B.B.C., realização de John Davies, 19.º episódio — A Princesa Maria Bolkonskya. Moscovo é abandonada pelos franceses. A cidade começa a ser reconstituída e os homens de Moscovo regressam aos seus lares.

QUINTA-FEIRA

I PROGRAMA

20.55 Cinemateca «A canção de Lisboa» programa pelo dr. António Ruano.

22.00 No tempo em que você nasceu, realização de Alfredo Tropa, conjunto musical dirigido por Pedro Osório, apresentação de Artur Agostinho, Alice Cruz e Maria Elisa.

SEXTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.05 Antologia «A Telha dos Lobos» com Paul Person, realização de Jacques Ertand. «Numa aldeazita dos Alpes Marítimos, um dos habitantes baseando-se numa velha lenda diz que os lobos vão descer do alto das montanhas e atacar a aldeia. Tudo isto causa um mal-estar geral e a inquietação em que passaram a viver agrava-se de dia para dia...»

II PROGRAMA

23.00 Coro Harmonia Dirigido pelo maestro Friedrich Wilhelm Verner. Realização de Luís Miranda.

SÁBADO

I PROGRAMA

15.30 Reportagem do exterior

22.00 «Julie Andrews Show» — Um programa com Julie Andrews, Robert Goutel e a Orquestra de Nelson Riddle, realização de Bill Davis.

22.50 Pesquisa — Série de aventuras com Hugh O' Brian e Burgess Meredith.

OS armazéns do CONDE BARÃO

NA AMADORA

ESTÃO ENCERRADOS

PARA TERMINAREM AS OBRAS REALIZADAS

REABREM

6.ª FEIRA, 29

VÃO FICAR LINDOS! NÃO FALTE!
VAMOS SURPREENDER TODO O MUNDO COM

ARTIGOS DE QUALIDADE E NOVIDADE
A PREÇOS DIABÓLICOS

OUÇA A RÁDIO — LEIA OS PRÓXIMOS ANÚNCIOS

NOTARIADO PORTUGUÊS
NOVO CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
LICENCIADO
ANTÓNIO MARQUES
CARAMELO

CERTIFICO

Para efeito de publicação:

Que, por escritura de dezoito de Março de mil novecentos e setenta e quatro, lavrada de folhas noventa e sete verso a folhas noventa e oito verso do livro número A quatrocentos e um das notas deste Cartório, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade civil profissional de revisores oficiais de contas, com sede em Lisboa, na Rua da Horta Seca, número quinze, sob a firma Economistas Associados — Licenciados Lúcio de Matos Silva Gil e Joaquim Pires Nunes Cameira, tendo sido substituído o artigo primeiro pelo seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «ECONOMISTAS MATOS GIL E NUNES CAMEIRA — SOCIEDADE DE REVISORES OFICIAIS DE CONTAS», jurará por tempo indeterminado contando-se o seu início a partir do dia um de Março do corrente ano de mil novecentos e setenta e quatro, sendo seus sócios os Licenciados Lúcio de Matos Silva Gil e Joaquim Pires Nunes Cameira, inscritos como revisores oficiais de contas conforme lista publicada no «Diário do Governo» número cento e noventa e dois, terceira série de dezassete de Agosto de mil novecentos e setenta e três.

Por ser verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos vinte de Março de mil novecentos e setenta e quatro.

Sobre rasura: «alterado; Cameira».

O Ajte. do Cartório

(Maria Alice da Conceição Coutinho Robim de Matos)

ENTREVISTA

Herlander Peyroteo fala da peça «Cara de 12 Libras»

Nos monitores da «Régie» A, a sequência prossegue. Para nós, ela é perfeitamente aceitável, na acção conjunta da iamgem com o texto.

— Pare! Vamos gravar de novo!... — E a voz do realizador Herlander Peyroteo, que pensa de outra forma, que não está plenamente de acordo.

De novo a «claquete». As mesmas personagens. E a cena repete-se quantas vezes o realizador entende, até ao conseguimento do que é a sua concepção perfeita, da linguagem TV.

Gravou-se, na semana finda, nos Estúdios do Lumiar, a peça «Cara de 12 Libras» do dramaturgo inglês James Barry, interpretada por Igrejas Caeiro, Maria do Céu Guerra, Lígia Teles e Pereira Saraiva. A acção decorre em Kensington, no ano 1910. Harry Sims, personificação do que os ingleses chamam o «self-made man», prepara-se, na sua luxuosa residência para a sua investidura como cavaleiro do reino. A acompanhá-lo, Lady Sims (sua mulher) aconselha-o sobre a maneira como deverá comportar-se na sua nova posição.

A admissão de uma secretária coloca Harry na presença de uma etapa do seu passado. O conflito desenha-se no saber se o «self-made man» rompe com o passado... ou se se fixa na sua ascensão.

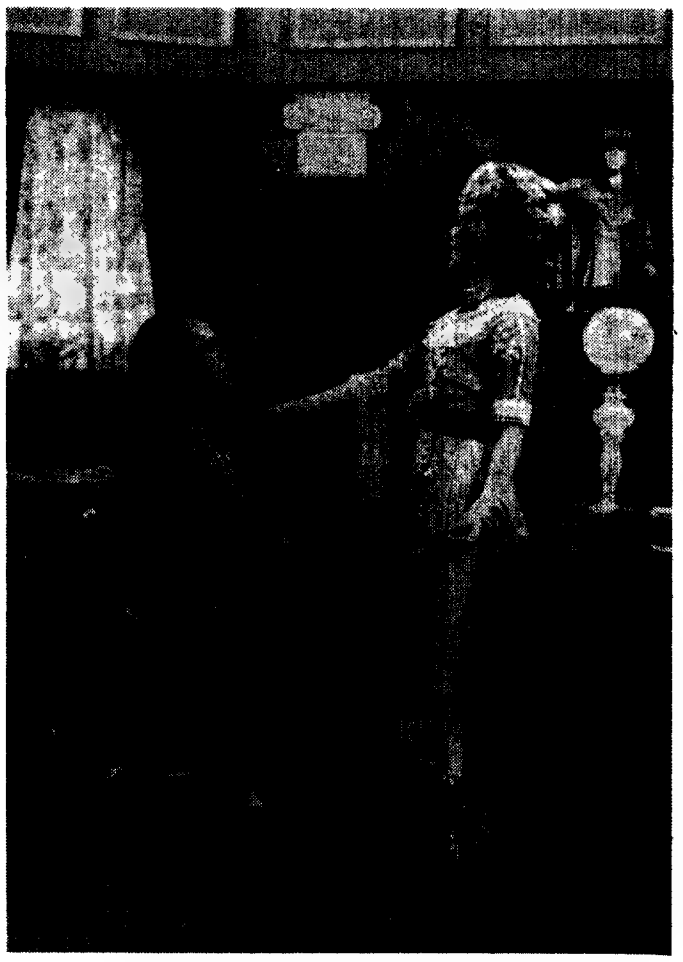
— Pare! Vamos gravar só mais uma vez esta cena... e depois segue-se um intervalo.

Foi nesse rápido intervalo que conseguimos de Herlander Peyroteo as breves declarações que se seguem, sobre «Cara de 12 Libras».

Pequena peça do começo do século, como viram. A partir de uma situação especial, o autor desenvolve um diálogo arguto e mordaz.

— Considera a peça actual? — perguntámos.

— É verdade que alguns argumentos, e até factos, só podiam existir em Inglaterra, naquele tempo, mas o essencial mantém-se bem vivo. Aliás, dados certos desfazamentos, as distâncias em tempo não são tão grandes como aritmeticamente parecem.



— Trata-se de uma peça literária ou televisiva?

— O texto não é literário. As palavras estão reduzidas ao essencial. O resto são subentendidos, complementos mentais, expressões de reacção, imagem. Estamos a tentar dar tudo isso. Na televisão não usamos muito o «cut» sucessivo. Eu próprio me tenho empenhado, por vezes, no plano sequência. Por razões práticas, técnicas e por alguns preconceitos assentes em certas ideias que se generalizam e cristalizam, a TV não aceita o «cut». Vamos tentar nesta peça. É bastante curta e esperamos que o tempo chegue.

— Algum motivo para esse aparente risco?

Tenho um iluminador da BBC, o sr. Lightbody — que veio para o curso de preparação de operadores — e que, naturalmente, é cuidadoso no seu trabalho. Isso, perturba logicamente o nosso ritmo. A exigência dele é filha de disponibilidades maiores. Mas, que hei-de fazer? Arrisco. Arrisco sempre, embora sempre com as margens de segurança razoáveis. Arriscar lucidamente, parece-me uma virtude. Nesta matéria, prefiro falhar por ter tentado, do que nada fazer com medo de falhar.

Aos monitores da «Régie» A, voltou a reflectir-se outra sequência. E de novo, a voz de Peyroteo, no seu posto de comando:

— Pare! Vamos gravar outra vez!...

Esta «Cara de 12 Libras» deu-nos uma ideia do trabalho e do esforço que envolvem a gravação de uma peça de teatro.

HORÓSCOPO

Pelo ASTRÓLOGO HORUS

ÁRIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Não crie complicações e abstenha-se de novos compromissos. Cuidado com suposições menos exactas. Empregue toda a sua boa vontade no sentido de sustentar no lar um clima feliz e despreocupado.
DINHEIRO: Não conte com grandes resultados financeiros. Assim, preserve-se das grandes despesas e permaneça firme.
PROFISSÃO: Deparar-se-ão obstáculos no exercício da sua actividade profissional. A preocupação por não conseguir avançar nas suas empresas causar-lhe-á aborrecimentos e um certo desânimo. Não fará grandes progressos, mas também não diminuirá no seu trabalho habitual.
SAUDE: Cuidado com as deslocações na via pública. A despreocupação que sentirá durante esta semana pode ocasionar aborrecimentos.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: As benéficas influências de Vénus provocam boas harmonias e ajudas do sexo oposto que não deve desperdiçar. Seja afável e não aprofunde excessivamente os sentimentos alheios.
DINHEIRO: A vida financeira experimenta uma semana benéfica, por outro lado, a sua situação, melhorará duma maneira geral, poderá assim, arranjar fundos interessantes.
PROFISSÃO: Benéficas influências contribuirão para os bons resultados profissionais. Se tentar meter-se em pequenos empreendimentos o êxito está assegurado.
SAUDE: O abatimento que possa sentir será derivado em grande parte de abusos físicos.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Seja menos positivo nas suas relações amorosas. Os interesses domésticos exigem maior carinho e apreço. Domine a sua impaciência e evite ver só as coisas pelo lado material.
DINHEIRO: Conseguirá obter algumas vantagens através exclusivamente do seu esforço pessoal. Todavia, os astros mostram-se propícios às boas relações.
PROFISSÃO: Propício a todas as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações obterá bons resultados. Imaginação fértil e grande intuição para realizações de grande alcance futuro.
SAUDE: Os seus nervos andarão um tanto excitados motivado pelos seus afazeres. São também de temer quaisquer infecções.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O período que se apresenta será ditoso. Reinará uma atmosfera sadia no ambiente familiar. As amizades e os interesses do coração estão bem favorecidos.
DINHEIRO: A actividade que exercer será satisfatoriamente compensada. Aproveite o ensejo para aumentar o seu pecúlio. Não esbanje demasiado nos seus casos pessoais.
PROFISSÃO: Favorável para traçar projectos, criar e idealizar mas, não para pôr em prática. De momento cinja-se simplesmente à ideia e quando lhe for propício então aproveite para entrar em acção.
SAUDE: Em relação ao período anterior, a sua posição neste capítulo está bastante beneficiada.

LEO

(Para os que nasceram em 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Alguém exprimirá o desejo de contribuir para proporcionar-lhe maiores venturas. A harmonia familiar é quase absoluta. Use de amabilidade com os outros.
DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capitais nesta altura, não traz vantagens, pelo contrário, só pode desacreditar o seu nome e criar-lhe uma situação embaraçosa. Atenção aos gastos.
PROFISSÃO: Aconselhamos que se mantenha atento às suas iniciativas presentes, não procurando tomar novas responsabilidades.
SAUDE: As suas condições de saúde neste período serão em pouco delicadas, sobretudo, o sistema nervoso e os rins podem abalar-se. Evite todo o género de excitantes, e procure descansar e recrear o espírito em ambientes saudáveis.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Tempo venturoso aos casos de amor. Propício para os namorados se dedicarem aos problemas construtivos da vida. O ambiente familiar será tranquilo.
DINHEIRO: Excelente para efectivar as suas esperanças, divulgar as suas ideias originais, o que contribuirá imenso para arranjar novas fontes de receita.
PROFISSÃO: Dentro da situação que desfruta os seus problemas estarão bem equilibrados. Os novos empreendimentos nesta altura, não são bem sucedidos, razão por que deve evitá-los.
SAUDE: Nada de importante haverá a registar nas suas condições de saúde durante este período.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Semana mediana nos assuntos sentimentais. Não convém tomar atitudes extremas, nem seguir o caminho da indiferença. Entretanto, uma contrariedade surgida no convívio com a pessoa que ama afectará a sua disposição de espírito.
DINHEIRO: Disponha em ordem as suas contas e espere uma agradável surpresa. Entre as pessoas que o rodeiam, aparecerá uma que, subitamente recorrerá ao seu auxílio, proporcionando-lhe mais tarde bons lucros.
PROFISSÃO: Não adianta preocupar-se, a situação não se modificará por isso. Deixe que as coisas se passem normalmente. Evite a teimosia e não interprete os casos só pelo lado materialista.
SAUDE: Durante esta semana as suas influências astrológicas aconselham cuidado com a alimentação e as bebidas fortes, pois há tendência a perturbações biliares.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Está sob boas influências nos seus casos sentimentais. Alguém contribuirá para lhe proporcionar melhor bem-estar na vida doméstica e amorosa.
DINHEIRO: Período benéfico a finanças. O espírito optimista que demonstrará nesta altura, concorrerá de certa maneira para o êxito monetário. Boas perspectivas financeiras e propostas de interesse darão incremento aos negócios.
PROFISSÃO: Os problemas antigos têm agora oportunidade de poderem ser bem resolvidos. Bom para começar construções, assuntos ligados com materiais, e os que se dedicam a edições e publicações estão, também, favorecidos.
SAUDE: No domínio físico, as condições são favoráveis. Andará com muito boa disposição.

SAGITTARIUS

(para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Algumas pequenas decepções sentimentais podem inclinar à melancolia. Mas pense nas desilusões que tem feito sofrer aos outros. Contudo, nada de grave acontecerá.
DINHEIRO: Os ganhos neste período serão normais. Assim, é de toda a conveniência que controle bem as despesas.
PROFISSÃO: Continue pelo caminho trilhado e não se meta em novos empreendimentos ou negócios que lhe pareçam de grande futuro.
SAUDE: Use de cuidado em todos os actos da sua vida, a fim de não ter surpresas desagradáveis.

CAPRICORNIUS

(para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: O clima astrológico para este período é contrário aos seus interesses de família, Produzir-se-ão choques com as pessoas com as quais vive. Não siga a sua primeira impressão, que será a de reagir violentamente.
DINHEIRO: Tome em atenção que o emprego de capital em negócios que mereçam pouco crédito lhe podem ocasionar embaraços na sua vida e criar-lhe uma situação censurável.
PROFISSÃO: Quanto a este campo, está favorecido. Os assuntos ligados à arte chamarão a sua atenção e merecerão elogios.
SAUDE: Não é favorável. Cuidado com crises biliares, assim só deve preferir a alimentação leve e suprimir as bebidas espirituosas.

AQUARIUS

(para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Gozará de felicidade na vida conjugal, que se manifestará cada vez mais acentuadamente. Seja prodente nas suas aventuras sentimentais. O ambiente familiar será bastante agradável.
DINHEIRO: Todas as realizações que fizer serão bem compensadas. Lucros apoiados e felizes promessas.
PROFISSÃO: As coisas correrão a seu contento. Propício para ir tratando de dar execução às suas ideias, mesmo se estas se relacionarem com o estrangeiro. Todavia, não é ainda, chegada a altura para fazer uma mudança radical na sua situação.
SAUDE: A humidade pode ter consequências nos membros superiores.

PISCIS

(para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Continua a desfrutar das benéficas influências astrais. Indicado para empreender mudanças no aspecto doméstico e comprar objectos de ornamentação. As viagens de recreio darão muita satisfação.
DINHEIRO: Em relação a dinheiro, o período poderá ser auspicioso, se para tanto contribuir o seu esforço e se tiver bom senso nas suas transacções, e diplomacia no trato.
PROFISSÃO: As resoluções que tiver necessidade de adoptar relacionadas com a vida profissional devem ser devidamente ponderadas. Toda a actividade neste sector deve ser bem conduzida.
SAUDE: Predisposição para perturbações gástricas e do aparelho digestivo. Cuidado com o sistema respiratório.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE 250 000 JOGOS DE IMPRESSOS EM PAPEL SENSIBILIZADO

Para o concurso acima, aceitam-se propostas que deverão ser entregues na Secção de Aquisições, desta Instituição, em sobrescrito lacrado até às 15 horas do dia 10 de ABRIL de 1974. A abertura far-se-á, em acto público, pelas 16 horas, do mesmo dia.

Na mesma Secção, dentro do horário normal do funcionamento dos serviços, é facultado às firmas interessadas um modelo do impresso a fornecer, e prestados todos os esclarecimentos, julgados necessários.

Lisboa, 22 de Março 1974

A COMISSÃO ORGANIZADORA

MELHOR INFORMAÇÃO...

... A PREÇO MAIS ECONÓMICO.

SISTEMAS SIMPLIFICADOS DE CONTABILIDADE, FACTURACAO E ORGANIZACAO

MODELOS DESDE 1.995.00

CONDICOES ESPECIAIS PARA OS SRS. CONTABILISTAS E TECNICOS DE CONTAS

COM MANUAL DE INSTRUCOES E PLANIFICACAO ADEQUADA

PEÇA-NOS ESCLARECIMENTOS GRATIS E CONDICOES DE AGÊNCIA

EFICEX KIENZLE

AV. JOAO XXI, 4 A TEL 727028 / 707219 LISBOA
PRAÇA DOS POVEIROS, 58-2 TEL 310698 PORTO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de Empregadas Auxiliares

(Antiga designação — CRIADAS)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Serviço de Pessoal — aceitam-se inscrições até ao dia 2 de Abril próximo, para a categoria de Empregadas Auxiliares, categoria a que corresponde o salário mensal ilíquido de Esc. 1700$.

As candidatas deverão obedecer às seguintes condições:

a) IDADE: mais de 18 e menos de 35 anos;
b) HABILITAÇÕES LITERÁRIAS: aprovação no exame do 2.º grau do ensino primário elementar;
c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco.

A sua Inscrição pode ser feita mediante o envio de carta onde constem os elementos referidos nas alíneas a) e b).

TÉCNICO DE INFORMÁTICA

ADMITE
IMPORTANTE EMPRESA
PARA A SUA SEDE EM LISBOA

PARA ORGANIZAR E DIRIGIR CENTRO DE INFORMÁTICA

Enviar «curriculum», indicando idade, habilitações, formação e experiência profissionais, situação militar, retribuição pretendida e referências.

Resposta a este jornal, ao n.º 1056.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

ISABEL MARIA
(CUCA)
ESTÁS PERDOADA. VOLTA PARA CASA

ATLANTICA LINE
GÉNOVA

EXPORTAÇAO
Serviço expresso directo
LISBOA / USA / CANADÁ / LISBOA
IMPORTAÇÃO

— Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.
— Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.as-feiras) no Parque de Contentores da Matinha.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Toronto Montreal St. John	Lisboa chegadas
Atl. Livorno	3/4	10/4	11/4	-	13/4	—	20/4
Atl. Marseille	8/4	—	15/4	16/4	-	19/4	26/4
Atl. Genova	15/4	22/4	23/4	24/4	25/4	—	30/5
Atl. Montreal	19/4	—	26/4	27/4	- -	30/4	8/5

— tempo do percurso Lisboa/New York 6, 5 dias
— acomodações para passageiros.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 80 56 / 36 22 86
Lisboa 2 Portugal

BELENENSES, 4 . LEIXÕES, 3

DA CERTEZA AO SUSTO

Duas fases distintas no prélio jogado ontem, ao cair da tarde, no Restelo: uma primeira parte de nítido ascendente «azul» (concretizado em quatro golos marcados e apenas um sofrido) e outra metade inodora e incolor, por parte da turma da casa, que permitiu ao adversário quase virar o marcador

Quer dizer: a equipa de Scopelli entrou para o tempo complementar absolutamente despreocupada, pensando que três golos de vantagem eram margem suficiente para encarar os 45 minutos finais com a maior das calmas

Esqueceu-se, no entanto, que o Leixões é uma formação que necessita de muitos pontos: e está disposta a aproveitar todas as oportunidades para fazer vincar o seu desejo de trepar na escala. Daí que o segundo tempo tenha sido marcado pela espectacular recuperação dos visitantes, decorrendo os minutos finais num clima de bastante nervosismo, já que por mais de uma vez, o empate esteve à vista. A bem da verdade, diga-se também que o Belenenses desperdiçou nesse segundo período algumas oportunidades de elevar a marca, não o conseguindo por manifesta infelicidade ou excesso de confiança.

Mal principiara o duelo, os «azuis» marcaram o primeiro tento: foi Ramalho quem fez o remate fatal, iam decorridos apenas 3 minutos de jogo. Todos pensaram que o Leixões viria a ser «cilindrado», até porque, pouco depois, Quaresma fazia funcionar novamente o marcador, a passe do assomadiço Ramalho. Mas, quando (aos 31 minutos), Matosinhos desceu ao meio campo defendido pelos lisboetas, penetrando com relativa facilidade pelo flanco direito (Montóia) e proporcionando a Cacheira a obtenção do primeiro tento leixonense, as certezas passaram a ter um ponto de interrogação: seria, efectivamente, o Leixões a «tal» presa fácil?

Para muitos, as dúvidas ou as respostas à pergunta formulada duraram pouco: Quinito aproveitou da melhor maneira uma precipitação dos defesas contrários, agarrando uma passagem ao guarda-redes Alberto e atirando para a baliza deserta. E, mais esclarecidos ficaram os espectadores, quando Eliseu (quase no fim dos primeiros 45 minutos) centrou largo, da direita para diante da baliza, batendo o esférico na cabeça de um defensor de Matosinhos, e acabando por entrar na baliza à guarda de Alberto.

Com 4-1 no marcador, no fim da primeira parte, esperava-se que os «azuis» consttruíssemum resultado «histórico» no tempo restante: assim não aconteceu, porque os homens do Restelo, descansando à sombra do «placard», permitiram ao adversário toda a espécie de tentativas atacantes. Não admirou, desse modo, que o resultado passasse para 4-2, depois de Ruas ter defendido um remate com o pé. E, depois, para 4-3, num «frango» do guarda-redes lisboeta, que deixou passar a bola por debaixo do corpo...

Quando isto aconteceu, faltavam seis minutos para o desafio terminar, o que equivale a dizer que os momentos finais foram vividos debaixo de um clima emocional muito grande: diversas vezes o golo do empate esteve à vista e os sustos lisboetas foram tremendos...

As duas equipas alinharam do seguinte modo: o Belenenses, com Ruas; Murça, Freitas, Cardoso e Pietra; Eliseu, Quaresma e Godinho; Quinito, Ramalho (Alfredo) e Gonzalez. O Leixões apresentou-se com: Alberto; Teixeira, Adriano, Nicolau (Henrique) e Raul; Jorge Félix, Eliseu e Montóia (Esteves); Vaqueiro, Horácio e Cacheira.

Arbitrou o leiriense António Espanhol.

JOSÉ MANUEL FERNANDES

Classificação

SPORTING	40
Benfica	37
F. C. Porto	36
Setúbal	35
«Os Belenenses»	30
Guimarães	27
Farense	22
C.U.F.	22
Académica	19
Boavista	19
Olhanense	19
Barreirense	19
Leixões	17
Montijo	15
Oriental	15
Beira Mar	14

CONHECIDA A SELECÇÃO DE JUNIORES

José Maria Pedroto indicou, ontem, à noite, a selecção inicial para o encontro Portugal-Suíça em juniores (a realizar, na próxima quarta-feira, em Alvalade): Valter; Dinis, Eurico, Roque e Tavares; Barrinha, Isidro e Lito; Seidi, Gomes e Formosinho.

A formação foi-nos revelada no final de um treino de conjunto, orientado por Peres Bandeira, durante o qual se salientaram, pela sua acutilância ou poder de finta, Lito e Seidi. Também Gomes, do Atlético se revelou um atacante perigoso.

O VITORIA DE GUIMARÃES NA «INTERTOTO»

As 36 equipas inscritas na Taça Internacional de Verão (Intertoto) foram distribuídas por nove grupos. O Vitória de Guimarães faz parte do grupo 1, juntamente com o Hamburgo, o Zurique e o Oester Vexjoe (Suécia).

O vencedor de cada grupo receberá um prémio de 10.000 francos suíços (cerca de 82 contos).

Os seis encontros de cada «poule» disputar-se-ão nos fins-de-semana de 15/16 e 29/30 de Junho e a 6/7, 13/14, 20/21 e 27/28 de Julho.

MAGDEBURGO A ZERO

O Magdeburgo, próximo adversário do Sporting nas meias-finais da Taça dos Vencedores das Taças, recebeu em «casa» o Lokomotive de Leipzig, em jogo a contar para o campeonato da Alemanha Oriental, não conseguindo mais do que um empate sem golos.

Yazalde

Mário Wilson

NACIONAL DE FUTEBOL

Para três cores paladar diferente

Por NEVES DE SOUSA

Tangencialmente, este Belenenses-74 esteve em apuros para levar a melhor sobre um Leixões convicto de que não terminaram, ainda, as suas hipóteses de permanência na luta entre os grandes do futebol cá do burgo. Quase a beijar a cauda da tabela, Matosinhos ganha crista nova: não é assim, do pé para a mão, que os «bebés» abdicam E, por outro lado, também não será, com a facilidade da temporada última, que os «azuis» ganham direito ao aplauso geral

Mas, andemos adiante. Por exemplo: até ao Oriental-Boavista. Amílcar retorna ao «team» de Marvila, enquanto o Boavista esgrime, na sua linha, com o enigmático brasileiro Salvador, capaz (sempre) do óptimo ou do péssimo. Terá, este «barbudo» personagem axadrezado, importância predominante no cotejo único da tarde lisboeta?

Ainda perto da cidade principal, teremos um «derby» local: CUF (a instável e complexa CUF) perante o Barreirense (de Juca e Praia, renovado em cada minuto do adeus a um «tal» de Arantes...).

Incógnita no espaço do marcador: dois pratos da balança no paralelo mais que perfeito...

Em Faro, uma filial do Sporting recebe o resvaladiço Vitória de Setúbal, «anónimo» perante as grandes disputas logo imediatamente ao adeus a José Maria Pedroto. Em difícil momento psicológico, os setubalenses vão enfrentar um «onze» estruturado (fundamentalmente) para dar alegrias, no seu reduto, a quantos ostentam o emblema farense. Nada mais correcto, portanto, que imaginar muitos escolhos na tarde vitoriana sob o céu algarvio.

Montijo versus Olhanense: outra dúvida do tamanho de uma catedral. Teremos, no «pelado» da outra margem, um Montijo calcado pelo Sporting ou um bloco de «amarelinhos» igual ao que contribuiu para a porta fechada no rosto de Fernando Vaz?

Esse, o problema-mor desta trilogia de casos que o Totobola coloca perante o adepto: um? xis? dois?

E, aí chegamos à trindade que persegue o título: Porto, para já, ao microscópio. Nas Antas, num relvado lindo cercado por gente ainda a pensar no melhor. Cubillas (e seus pares) na esgrima contra uma Académica foragida de um surto epidérmico. Onde encaminhará a coimbrã «chicotada psicológica»? Em que poderá funcionar o afã portista de não abrandar na corrida para o trono mais brilhante?

O Benfica, sempre desfalcado desde que o inglês puxou demais pelos cordelinhos das suas «marionettes», joga em Aveiro, com um Beira-Mar pejado de brasileiros sem expoente e benfiquistas com carta de despacho na algibeira. Será que os vencidos vão tentar o resgate apreciativo? Aos «encarnados» irá sorrir a sua coroa de ex-grandes senhores europeus e tranquilos monarcas deste castelo tão restrito e tão comprimido?

Pronto: cá estamos em Guimarães. Vitória e Sporting: um degrau difícil para cada um dos contendores. O presidente vitoriano a proclamar, alto e bom som, que não se importa de ficar sem centavo se os dois pontos se quedarem por Guimarães. Os guerreiros de João Rocha apostados, consigo e com as matemáticas, em como podem bater os «reis da nacionalidade». Em que diapasão poderá aferir-se o cansaço dos sportinguistas, sucessivamente submetidos a duros testes e a trementos exames, neste penoso e arrastado mês de Março? Como poderá o sapiente Mário Wilson, técnico dos mais equilibrados, apresentar o produto da rectificação do desaire da Luz aos olhos dos apaniguados do emblema caseiro?

Aqui temos, portanto, nova etapa na aceleração para o troféu mais pretendido do campeonato: três clubes (Vitória de Setúbal, com certa latitude, ainda a ampliar a lista) na perseguição ao íman que acorrenta, por si e também belos e futuros contratos. Sem falar nos dinheiros que isso traz para cada personagem interveniente, sem contar com o entusiasmo que esta luta está a despertar em emblemas de cor diferente, vejam lá como é aliciante esta 25.ª volta de cartas para os parceiros que se sentam à mesa do campeonato!

8.º RALLYE INTERNACIONAL TAP

AO NÍVEL HABITUAL COM «SHOW» ITALIANO

Por AUGUSTO VILELA
enviado especial
do «DL»

Milhares de pessoas, apesar da chuva que caíu durante toda a manhã, encheram por completo as bancadas do Autódromo do Estoril para assistirem à chegada dos concorrentes ao 8.º Rallye Internacional TAP que ontem terminou com a vitória do italiano Raffaele Pinto e de toda a equipa da Fiat que colocou três carros nos três primeiros lugares, iniciando assim de forma auspiciosa o Campeonato do Mundo de Rallyes de que o TAP era a primeira prova. Durante três dias e duas noites, ao longo do País, especialmente nos locais de passagem do Rallye, o entusiasmo não foi menor do que o verificado no Autódromo. Basta dizer-se que na noite de sexta para sábado, mesmo sob chuva torrencial, havia verdadeiras multidões por toda a parte para assistir às diversas provas de classificação.

Rafaelle Pinto vencedor oficioso do 8.º Rally TAP

Tanto sob o ponto de vista de organização como no plano desportivo, o Rallye TAP alcançou o êxito a que já habituou toda a gente e que fez dele a prova melhor de todo o Campeonato do Mundo, na opinião da Imprensa internacional. Mas desta fez, factores estranhos ao desporto, não só fizeram perigar a realização da prova como limitaram imenso o tempo disponível pelos organizadores para a montarem. César Torres acabou por registar mais uma grande vitória para si e para o automobilismo nacional que o TAP veio moralizar um pouco. De facto há duas coisas importantes a salientar: o funcionamento impecável de uma organização que este ano até teria razões para acusar algumas falhas, e a extraordinária adesão do público de todo o País ao automobilismo, numa altura em que muita gente só sabia falar de crises sem pensar na recuperação da estabilidade perdida. Provou-se que o automobilismo é de facto uma força enorme, que interessa a muitos milhares de pessoas e portanto deverá ser considerado no mesmo plano que todas as outras modalidades.

Fiat indiscutível

Tal como as coisas vieram a passar-se a imagem que fica deste rallye apresenta-nos uma superioridade indiscutível da equipa Fiat com relevo para o vencedor Raffaele Pinto que desde a primeira classificativa tomou o comando da prova não permitindo que mais ninguém se lhe aproximasse. Esperava-se uma luta intensa com os Datsun e Opel. A marca japonesa não teve as coisas pelo seu lado. Dos seus pilotos o único que impôs um andamento e um ritmo de ataque acabou por ser o português Mário de Figueiredo. Carlsson desistiu com a mesma avaria no motor que motivou o abandono de Mário de Figueiredo mas nunca conseguiu tempos que fizessem justiça aos 260 HP anunciados para os carros da Nissan. Quanto aos pilotos da Opel as coisas poderiam ter-se passado de outro modo se eles ainda estivessem em prova a partir do meio do Rallye, quando as condições meteorológicas se alteraram profundamente surgindo a chuva e o nevoeiro. Warmboldt, que tinha saído já de Lisboa a queixar-se do carro, que não estava a seu contento abandonou pouco depois do início da segunda etapa com avaria na suspensão e transmissão. Todavia os tempos que estava a registar com um carro inigualável, segundo as suas próprias palavras, e que em meia dúzia de quilómetros lhe partiu dois jogos de amortecedores traseiros, faziam antever uma segunda etapa movimentada. Walter Rorhl era outra ameaça semelhante para os homens da Fiat. Ambos abandonaram bastante cedo e às suas desistências juntaram-se as de outros pilotos de valor. De modo que, à chegada a Ofir, a Fiat comandava sem praticamente encontrar oposição. A partir daí os seus planos eram apenas fazer chegar as três viaturas ao Estoril de qualquer maneira. Uma vez que as equipas que se encontravam nos lugares imediatos não dispunham de carros capazes de responder ao andamento e à «endurance» dos Fiat, ainda por cima virtuosamente conduzidos por três pilotos de grande categoria, tudo foi mais ou menos fácil. Em todo o caso os italianos não estiveram isentos de problemas e, em Amarante, Alcide Paganeli, que teve um início de prova infeliz por mau funcionamento do carro, não estava muito seguro de poder ir muito longe. Tony Fall no decorrer da segunda etapa recuperou muito mas também teve que desistir enquanto Ove Andersson, que fez uma prova extraordinária, não poderia aspirar a bater a poderosíssima equipa Fiat. Esta, apesar da vantagem de que passou a dispor a certa altura, soube dar sempre à prova um andamento bastante vivo, oferecendo por isso um permanente espectáculo os três carros vermelhos e pretos.

Com um magnífico quarto lugar, Ove Andersson garantiu para o Team Salvador Caetano/Vip, a vitória no Grupo 2. No Grupo 1, Celso Vieira da Silva foi figura de grande relevo alcançando o primeiro lugar para o Vip Racing/Team Sotinco, apesar de dispor de um pequeno Datsun 1200. Celso foi uma das grandes figuras da prova e só foi pena que não lhe tivesse sido possível utilizar um carro mais competitivo. De regresso ao automobilismo, após uma doença que no ano passado o obrigou a interromper o campeonato, Celso Vieira da Silva surgiu numa excelente forma e com uma maturidade que lhe não era conhecida.

Os portugueses

Não causou surpresa o resultado obtido por Francisco Romãozinho que viria a ser o melhor português. Para além da sua rapidez, qualidade que esteve presente muitas vezes, é um dos raros pilotos nacionais que sabe construir um resultado desde o primeiro ao último quilómetro.

De uma forma geral poderemos afirmar que foi muito positiva a actuação dos pilotos portugueses, especialmente dos menos consagrados. António Borges, em décimo lugar da geral é o melhor a seguir a Romãozinho, cotando-se com uma prova muito certa a que não faltaram alguns problemas. Giovani Salvi, Luís Netto, António Carlos, Gomes Pereira, António Martorell, Rui Gonçalves e outros não conseguiram completar a prova. Gomes Pereira e António Martorell chegaram a ser em determinada altura os melhores portugueses e a marcar excelente posição entre os primeiros. Despistes e avarias não permitiram que fossem mais longe. Mas aparte este, que dizer de alguns desses nomes desconhecidos que andaram em Datsun 1200 à frente de estrangeiros com valor bastante reconhecido?

Na segunda etapa Luís Netto forçou talvez demasiado o andamento e isso ser-lhe-ía fatal. Salvi com um despiste infeliz não pôde exprimir-se como desejava. Com uma prova calma e reflectida Conde Botelho terminou em 17.º vencendo a sua classe. Torna-se impossível e inviável uma resenha da actuação dos pilotos portugueses mas, em plano geral, não ousado afirmar que só foram superados pelos «top-drivers» indiscutíveis. Em relação aos outros estrangeiros mostraram-se sempre mais rápidos. Os problemas mecânicos afectaram muitas equipas. Outros pilotos sofreram despistes quando se encontravam muito bem classificados, como foram os casos já referidos de António Martorell, Rui Gonçalves e Giovani Salvi, etc. De qualquer forma ainda chegaram 40 carros ao Estoril, o que constitui o número mais elevado de todas as edições do Rallye TAP. Conforme tivémos já oportunidade de salientar na edição de ontem isto deve-se não ao facto de o Rallye ser este ano mais fácil, que não era, mas à ausência de troços de ligação susceptíveis de penalizar os pilotos de andamento médio. Assim, os que não avariaram tiveram quase todos a possibilidade de chegar dentro da tolerância estabelecida, porque a maioria das penalizações verificadas na estrada é resultante de problemas de vária ordem e não, na maioria dos casos, de falta de andamento nessas zonas de ligação.

Após a chegada ao Estoril disputou-se uma prova de Slalom, sem influência na classificação mas que tinha um prémio em dinheiro. O mais rápido foi o finlandês Markku Allen, com 57,7 segundos, seguido de Paganelli (59,02) e Ove Andersson (59,80).

A classificação final oficial somente será conhecida hoje à tarde no entanto podemos apresentar uma classificação oficiosa incluindo já as penalizações de estrada que poucas ou nenhumas alterações poderá vir a ter.

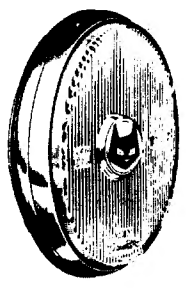
CLASSIFICAÇÃO GERAL OFICIOSA

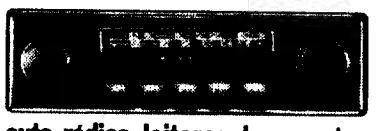
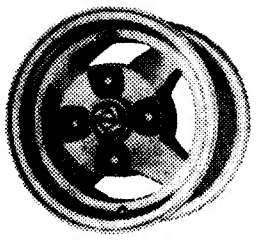
1.º, Pinto/Bernacchini (Fiat), 6h 26m 15s; 2.º, Paganelli/Russo (Fiat), 6.30,12; 3.º, Allen/Kivimaki (Fiat), 6.37,22; 4.º, Andersson/Hertz (Toyota), 7.40,54; 5.º, Kallstrom/Billstam (Datsun), 6.54,27; 6.º, Fisher/Gottlieb (BMW), 7.04,02; 7.º, Neyret/Vanoni (Alpine), 7.04,08; 8.º, Romãozinho/C. Silva (Citroen GS), 7.17,04; 9.º, Sclater/Wilson (Escort), 7.26,59; 10.º, A. Borges/Sottomayor (Fiat), 7.27,55.

11.º, Wiklund/Karlsson (BMW), 7.42,22; 12.º, Celso Silva/Santos Vicente (Datsun), 7.45,48; 13.º, Américo Nunes/A. Morais (Porsche), 7.47,32; 14.º, C. Wathen/Bosence (Ford)8. 01,12; 15.º, A. Cunha/C. Resende, (Datsun 1200), 8.11.15; 16.º J. Ortigão/P. Abreu (Mazda), 8. 13,22; 17.º, C. Botelho/A. Roxo (Citroën), 8.14,37; 18.º, «Pêquêpê»/Dico (Opel), 8.18,42; 19.º, W. Sparrow/Hughes (Opel), 8.20,22; 20.º, R. Carvalho/Mergulhão (Toyota), 8.25,22; 21.º, A. Parente/P. Vareta (Datsun), 8.33,35.

22.º, A. Stilwell/Crellin (Fiat 125), 8.34,14; 23.º, C. Lino/Mendonça (Opel), 8.37,41; 24.º, M. Coentro/P. Martins (BMW), 8.37,41; 25.º, M. Costa/L. Calafate (Datsun), 8.42,23; 26.º, A. Sampaio/Bernardo (Citroen), 8.42,57; 27.º, A. da Silva/Matos Penalva (Ford), 8.44,18; 28.º, L. Meyer/O. Schurek (Volvo), 8.50,57; 29.º, J. Nabais/P. Almeida (Marina), 8.52,24; 30.º, R. Guimarães/G. Salvador (Opel), 8.55,28; 31.º, M. Inácio/P. Picão (Opel), 9.00,40.

32.º, J. Pedra/R. Pedra (Opel), 9.11,35; 33.º, E. Saraiva/Emerenciano (Fiat), 9.19,49; 34.º, R. Ramos/Maccario (BMW), 9.22,28; 35.º, B. Lundstrom/Johansson (Toyota), 9.27,16; 36.º, M. Teixeira/M. Tigre (Datsun), 9.36,20; 37.º, I. Weber/Scheibelreiter (BMW), 9.42,18; 38.º, K. Scharfe/Haurbach (Opel), 9.46,50; 39.º, H. Fennes/Unger (Ford), 10.59,27; 40.º, A. Romaneiro/F. Saraiva (Mazda), 12.09,05.

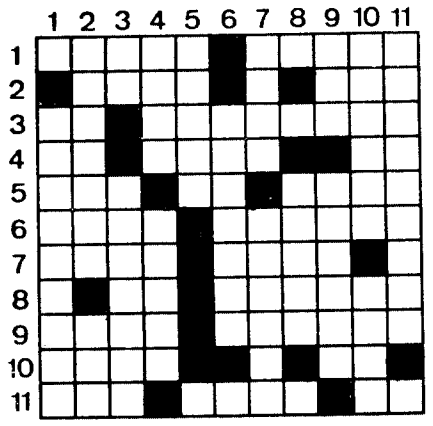

FARÓIS
S.E.V. MARCHAL

VELAS
CHAMPION
MITSUBISHI

auto-rádios · leitores de cassetes «cartridges»
BENZONI

jantes italianas em alumínio
C. SANTOS, LDA. — Lisboa - Porto - Coimbra - Faro — Agentes em todo o País

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10733



HORIZONTAIS:

1 Pragana de uma espiga. Nome de mulher.
2 Ligas. Seguiam.
3 Troça. Examinava.
4 Pertences. Combina. Sufixo que designa estado.
5 Oceano. Grande ribeira da Asia Russa. Guarda segredo.
6 Rezas. Guarnecer de arames.
7 Freguesia do concelho de Barcelos. Esmaga.
8 Artigo definido. Ancora.
9 Tosta. Corriges um terreno com marga.
10 Freguesia do concelho e distrito de Viana do Castelo. Nesse lugar.
11 Suspiros. Pedra-ume. Solitário.

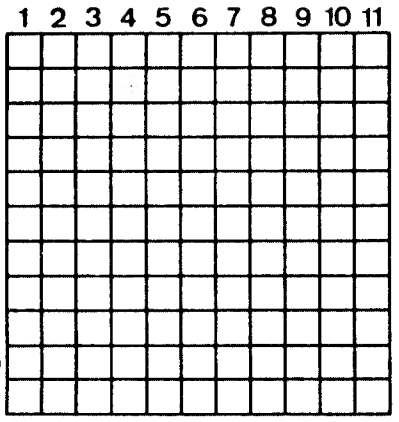
VERTICAIS:

1 Molhada de novo.
2 Desenrugara. Percebo.
3 Medida itinerária do Japão. Que têm ramos.
4 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Ilha do mar Jónio.
5 Termo usado para designar crustáceos, isópodes, do género Asellus.
6 Representaram por gestos.
7 Metade de um todo. Barbeada.
8 Animação (fig).
9 Braço de mar. Custosa (fig).
10 Tábula. Pronome demonstrativo (pl).
11 Poisarias no mar (o avião).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6891



HORIZONTAIS:

1 Que tem ares ou maneiras de fidalgo (pl).
2 Tempo do verbo fazer. Planta do pé.
3 Ilha do estado da Baía. Passada. Raer.
4 Basta. Cidade do Japão. Viração.
5 Rogais. Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova.
6 Pare! (Interj.). Refego.
7 Satélite de Júpiter. Mulo.
8 Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo. Emissão de voz. Nome de mulher.
9 Princípio odorífero da raiz da íris. Fêmeas dos ursos.
10 Crença. Interjeição de dor. Nesse lugar. Nome antigo da nota musical dó.
11 Assistir. Da Russia.

VERTICAIS:

1 Mau olhado (Bras). Freguesia do concelho e distrito de Viana do Castelo.
2 Desbotara. Pernadas do sobreiro.
3 Cólera. Ribeira afluente do rio Zêzere.
4 Concede. Numeral. Despida.
5 Pronome demonstrativo. Ir para fora.
6 Planeta telescópico. Moderato.
7 Serra de Portugal. Que é da raça dos mus.
8 Campeão Acolá. Escarneceu.
9 Mágoa. Fêmeas do cavalo.
10 Encerado. Embarcações grandes.
11 Saburra na língua. Dinheiro (pop).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10732

HORIZONTAIS:

1 LOUCURAS. La.
2 Dra. Es. Sou.
3 Nei. Raspou.
4 Aro. Elai. Ca.
5 MMC. Réus.
6 Cl. Ea. Arrá.
7 Aos. Dl. Toar.
8 Proves. Asso.
9 Ralei. Cr.
10 Adamar. Irás.
11 Zás. Malaios.

VERTICAIS

1 NÃO. Apraz.
2 Oder. Corada.
3 Úrio. Isolas.
4 Cá. Vem.
5 REMEDEIAM.
6 Realçais. Ra.
7 Assa.
8 Pirataria.
9 Só. Eros. Ri.
10 LOUCURAS. Ao.
11 Au. Asaro. SS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6890

HORIZONTAIS:

1 Datil. Débil.
2 Asar. Moca.
3 Uso. Pôr. Mar.
4 Mi. Dátis. Re.
5 Ambas. Manas.
6 Au. Na.
7 Carraspanas.
8 An. Apear. Nó.
9 Loa. Aço. Vir.
10 Isar. Falo.
11 Oásis. Casas.

VERTICAIS

1 Dauma. Cálio.
2 Assim. Anosa.
3 Tão. Bar. Aas.
4 Ir. Daura. Ri.
5 Pás. Apa.
6 Lot. Seco.
7 Rim. Pão.
8 Em. Sanar. Fa.
9 Bom. Nan. Vás.
10 Içara. Anila.
11 Lares. Soror.

Provérbio: LOUCURAS NÃO REMEDEIAM LOUCURAS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 58

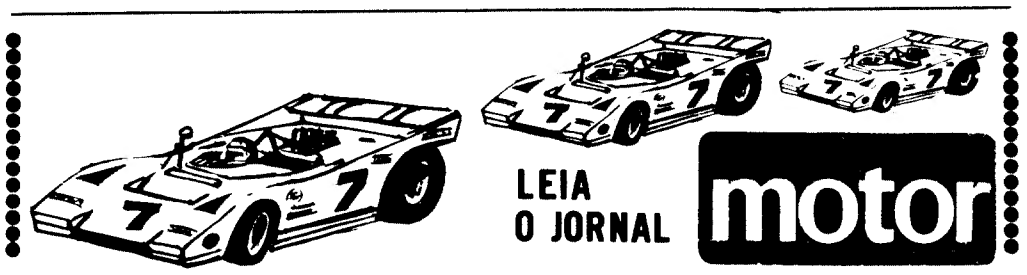
Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, na Avenida 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública, conforme o preceituado nos Editais n.ºs 142/66 e 261/69, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de um ano a contar da data do presente edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos se os veículos não forem levantados no prazo de 30 dias.

Nomes dos proprietários	Locais donde foram retirados os veículos	Matrículas
António Alves Ramos	Casal da Sola	FF-15-92
Abílio Valente da Silva	Rua Coronel Marques Leitão	BL-32-50
Manuel Vidal	Largo do Mastro	HE-69-94
Hermínia Nazaré Nunes	Rua Alberto de Oliveira	GF-32-75
Teixeira & Coutinho, Lda.	Rua de Santa Marta	EA-75-09
Manuel Vidal	Rua do Vale Formoso de Cima	DD-70-38
Manuel Pascoal Soares	Rua 2 Bairro da Calc. dos Mestres	CA-24-65
Manuel Pedro da Costa	Avenida Marquês de Tomar	DD53-27
António René Miguel Batigne Gama Ochôa	Rua do Olival	DA-21-24
Ignorado	Avenida de Ceuta	Ignorada

Paços do Concelho de Lisboa, 15 de Março de 1974

O PRESIDENTE,
(António Jorge da Silva Sebastião)



televisão

MADEIRA ISLAND SIEMENS
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Abertura.
12.31 Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor.
13.35 Hoje pode ver.
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 TV Educativa. — Educação musical (adultos).
14.20 TV Rural
14.50 Tarde de cinema «Passaporte para a Glória».
16.35 TV Infantil.
18.50 Domingo desportivo. — 1.ª edição:
incluindo o jogo de Andebol Sporting-Porto
18.40 O Mundo à nossa volta.
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.45 Poly em Espanha.
20.00 TV 7
21.00 Dr. Simon Locke
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 Domingo à noite
23.40 Domingo desportivo. — 2.ª EDIÇÃO:
00.15 Telejornal — 4.ª edição
00.25 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura.
20.31 As solteironas — Episódio com Mary Tyler Moore, Valerie Harper, Edward Arner. Realização de Jay Sandrich.
21.00 Dó, lá, si.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Samba do Amor».
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show».
13.00 Vivendo o futuro.
13.15 «A Família Partridge».
13.45 Telejornal — 1.ª edição.
14.00 Em defesa do consumidor
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV.
19.00 TV Educativa-Língua Portuguesa.
19.25 «O Diário das Fábulas».
19.30 Telejornal — 2.ª edição.
19.40 TV Juvenil.
20.00 Momento Desportivo.
20.30 TV Palco.
21.00 Imagens da Poesia Europeia.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.05 McCloud.
23.40 Telejornal — 4.ª edição.
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show».
20.45 Em defesa do consumidor.
21.00 A Família Partridge.
21.30 Telejornal — 3.ª edição.
22.00 Sabe onde é a casa Museu de Guerra Junqueiro?
22.50 Música para olhar.
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Sueste e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	10º
FARO	14º
FUNCHAL	10º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua
Máxima 16,5º

Penhas da Saúde
Mínima 01,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13º
Atmosfera 9,3º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.27	3,7 m	10.03	0,7 m
16.45	3,8 m	22.17	0,7 m
DIA 25			
4.59	3,9 m	10.35	0,7 m
17.16	3,8 m	22.52	0,7 m
DIA 26			
5.31	3,9 m	11.09	0,7 m
17.47	3,8 m	23.28	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, vento moderado de Sul rondando para Noroeste, períodos de chuva ou aguaceiros.

AMANHÃ
NASCER AS 7.34
OCASO AS 19.52

DIA 23 DIA 31 DIA 6 DIA 14

rádio

EMISSORA 1.º Programa

14.30 Resumo do programa — Tarde desportiva: — Rádio Desporto. Futebol Relato e informações dos jogos da 25.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Actualidade Desportiva.
17.30 Música sem palavras.
18.05 Música portuguesa
19.05 Música da Europa
20.00 Jornal da noite. Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 «Pequena história do teatro musicado em Portugal» — Programa de João Nobre e de Luis Francisco Rebelo.
22.00 Teatro das Comédias: — A Felecidade de Susana de Roger Ferdinand, numa adaptação de Ana Margarida
22.34 Música portuguesa
23.05 «Sol e Toiros»
23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia.
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Noticiário — Onda Musical
17.00 Perspectivas da obra de Mozart
18.00 Concerto de Domingo — 1.ª Parte
18.35 No Intervalo — «Lieder» (Schubert).
18.55 Concerto de Domingo — 2.ª Parte
19.30 Quarteto n.º 16, em fá maior op. 135 (Beethovne)
20.00 Jornal da noite
20.30 Nocturno (Borodine)
20.40 O homem e a sociedade, pelo Dr. Oliveira Lopes acompanhado ao piano por Maria Manuela Araújo.
21.30 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão.
23.00 Emisão em línguas estrangeiras

Programa estereofónico — MF 2

14.30 3.º Acto da ópera «A Valquiria» audição integral do anel dos nibelungos (Richard Wagner)
16.45 Trio em lá menor, op. 114 (Brahms)
16.17 Concerto para orquestra (Bela Bartok)
17.00 Junção com o 2.º Programa
21.00 Música ligeira variada
22.00 Oratórias
23.05 Duas sonatas para violino e piano
23.35 Música sinfónica.
00.02 Música de Câmara.
01.00 Fecho.

EMISSOR DE MIRAMAR

14.45 Tarde desportiva
17.02 Auto rádio
17.45 Presença coimbrã
18.02/21.00 Norte dia-a-dia — Ed. Desportiva
21.02/24.00 Genérico

rádio

21.40 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.02 Arauto da verdade
22.16 Hora do templo
22.30 Em destaque
23.04 Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

14.50 Panorama
17.30 Emissão
18.05 Zona azul
18.20 Palavra do dia
18.25 Terço e missa
20.05 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Intervalo
21.05 Sumplemnto especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos sócios
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular

Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1

Toda a noite

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358) **Nova Lisboa**, Rua Guilherme Suggia, 12 (Tel. 727721)
AREEIRO
João XXI, Av. João XXI, 18-A (Tel. 726462)
ARROIOS
Nunes, Rua Angela Pinto 32 (Tel. 497556)
AVENIDAS NOVAS
Novais, Av. Luis Bivar, 11-13 (Tel. 44324).
BAIXA
Barral, Rua Augusta, 221 (Tel. 361534/5)
BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (Tel 631699)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393)
CALÇADA DA BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel 631958)
CAMPOLIDE
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (Tel. 680627)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780184)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857)
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44436)
GRAÇA
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos 72-C (Tel. 866333)
LAPA
Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 31 (Tel. 667469)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790104)
MADRAGOA
Nunes Simoes, Rua do Quelhas, 31 (Tel. 661275)
OLIVAIS
Nova dos Olivais, Rua Eugénio 469 Olivais Sul (Tel. 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carronho, Rua Padre Sena de Freitas 10-A (Tel. 842518)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 720703)
POÇO DO BISPO
Barros de Gouveia, Rua do Vale Formoso de Cima 79-B (Tel. 382180)
RATO
Janeiro, Rua Alfredo Roque Gameiro 23-D (Tel. 772953)

TURNO E-2

(Até as 22 horas)

AJUDA
Teles, Rua João de Barros, 2 (Tel. 638876)
ALCANTARA
Nogueira, Rua da Creche, 2 (Tel. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente, Rua Lopes, 120 (Tel. 843381)
ALVALADE
Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722358) **Avis**, Av. de Roma, 56-B (Tel. 715370)
AREEIRO
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920)
ARROIOS
Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenida, Av. da República 27-A (Tel. 633688)
BAIRRO ALTO
Véritas, R. da Misericórdia, 135 (Tel. 32455/32663/4)
ARCO DO CEGO
Pama, Av. Duque d'Ávila 25-31 (Tel. 47088)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica 429 (Tel. 780027)
CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas, R. de S. Vicente, 81 (Tel. 864351)
LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790742)
SANTA CATARINA
Modelar, R. dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tel. 678896)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel. 768343/764629)
XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63-65 (Tel. 381195)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho e Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 243069)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmelo**, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
Andre, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 908155)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote-1 (tel. 271297)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Piçarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2074771)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 239025)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22891); **Alice**, P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral 584; **S. Diniz**, Rua S. Diniz, 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384.

COIMBRA

TURNO H

Montes Claros, R. Dr. António J. de Almeida 69 (T. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (Tel. 22089)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor
Se procura sarilho... «A CRISTA DO DIABO» com Clint Eastwood.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
6.ª Semana! Technicolor
Liv Ullmann, Gene Kelly, Edward Albert. «40 IDADE PERIGOSA». Uma História de apaixonante interesse.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 18.30 e 21.45
15.ª Semana! Technicolor - TODD-AO 35 Grupo D (18 anos)
O filme de Norman Jewsin (JESUS CRISTO SUPERSTAR»

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15-16.30-18.45-21.45
(Grupo D-18 anos)
«FIM DE SEMANA ILEGÍTIMO» o último grande filme de Dino Risi.

ROMA (Tel. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Color. Giancarlo Giannini «SOU EU CULPADO?»

CASINO ESTORIL (Tel. 26421-264946)
Colorido
Grupo C (14 anos)
«UM HOMEM CHAMADO NOON», com Richard Crenna e Stephen Byd.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
19.ª Semana! Eastmancolor
O filme de Ingmar Bergman «LAGRIMAS E SUSPIROS» (Cries ans Whispers). Hoje às 24.00 horas - Cow-boy à meia-noite
Grupo D (18 anos), «MONTE WALSH UM HOMEM DIFICIL DE MORRER» de William A. Fraker.

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos). Eastmancolor. Simone Signoret e Alain Delon «ALMAS A NU» (Metro: Alameda).

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Panavision-Technicolor. Tamara Dobson, Selly Winters «CLEOPATRA JONES». Tardes infantis (Grupo A-6 anos). Hoje às 18.30 «AS MIL E UMA NOITES ARABES». Um filme de desenhos animados cheio de imaginação.

ESTUDIO 444 (Tel. 779095)
Grupo D (18 anos)
23.ª Semana!
«O PORTEIRO», com Bernard Le COq, Maureen Karwin e Michel Calabru.

LONDRES (Tel. 731313)
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Colorido
«uma festa fabulosa» - Grande Prémio do Júri do Festival de Cannes 1973: «O CONVITE» (L'Invitation) o filme de Claude Goretta.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 17.00 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana!
Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA».
(Estacionamento Parque Eastin)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.45 2.ª Semana!
(Grupo D-18 anos)
Um filme de António Cunha Telles. «MEUS AMIGOS» com Manne Madeira, Teresa Mota, Luiz Pereira, Maria Otília, António Modesto Navarro e Pedro Bandeira Freire (Metro: Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
Grupo D (18 anos)
Raquel Welch e Richard Johnson em «HELENA A GREGA»
«Humor muito negro». Grupo D (18 anos) Amanhã as 18.30 um filme de William Castle «A VELHA CASA SOMBRIA», com Tom Poston e Robert Morley.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor, 2.ª Semana
Michel Piccoli e Stephaine Audran «NUPCIAS VERMELHAS».

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30 Grupo B (M anos)
Espectacular êxito em 2.ª Semana! Ele aí está! Terence Hill e AGORA CHAMAM-ME MAGNIFICO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
Um filme de Constantino Esteves com Tony de Matos «DERRAPAGEM». Atenção só à noite Tony de Matos canta no palco.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«O HERDEIRO». Em complemento «UMA VIUVA DE OURO».

POLITEAMA (Te. 326305)
Grupo C (14 anos)
Techicolr
Giulianno Gemma e Bud Spencer em «ATE OS ANJOS COMEM FEIJÕES»

VOX (Tel. 720808)
15.15 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor
Nos limites da sua imaginação como ça este filme «COBRAS VENENOSAS»

CINEARTE (Tel. 660446)
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
«OS 2 FILHOS DE TRINITA» com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia. Tardes infantis. Hoje às 18.30 Grupo A-6 (6 anos) «CRISTINA E O IMPERADOR» uma bela historia de amor que encanta grandes e pequenos
ZES» Cr Vincent Price e Pete Hoje e amanhã as 18.30 (Grupo A-6 anos). Tardes infantis «CRISTINA E O IMPERADOR» uma bela historia de amor que encanta grandes e pequenos.

SATÉLITE (Tel. 562632)
Grupo D (18 anos)
Color. A obra-prima de Nagisa Oshima: «A CERIMONIA SOLENE»

ALVALADE (Tel. 717480)
14.45 16.30 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O último filme de Dino Risi: «FIM DE-SEMANA ILEGITIMO». Marcello Mastroiani, Oliver Reed e Carol Andre

EDEN (Tel. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) Scope-colorido
Juliano Gemma e Marisa Mell «BEN E CHARLIE».

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido
Robert Mitchum e Peter Boyle «SELVA HUMANA» de Peter Yates.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Technicolor
«ATE MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES» Giuliano Gemma e Bud Spencer.

RESTELO (Tel. 610275)
17.00 e 21.30.
Grupo D (18 anos)
Techinicolor! 5.ª Semana!
«SIMPLESMENTE GAROTAS» com Sidney James, Barbara Windsor Sylvia Sims e Kenneth Connor.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com parra nova»
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e... calar».
MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma rosa ao pequeno-almoço»
CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A menina Alice e o inspector».
LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os porquinhos da índia».
VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Dois num guarda-vestidos»
TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»
COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos)
«A Ceia»
VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O Ovo»
CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A ilha dos escravos» e «A Herança»
MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«Morte de um caixeiro viajante»
TEATRO MUNICIPAL DE S. LUÍS
21.45 (18 anos)
«Albergue nocturno»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«Eu não perdoo, mato!»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«A Estátua»
JARDIM CINEMA
21.10 (14 anos)
«Direito por linhas tortas»
CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Vingança do Dragão Vermelho»
SACAVÉM
S. José
21.00 (14 anos)
«Os que não perdoam»
ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (18 anos)
«Aquele apartamento»
PARIS
21.30 (18 anos)
«A Engrenagem»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«A Espada Invencível»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (10 anos)
«Nanu Filho da Selva»
ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (14 anos)
«Um Homem Chamado Noon»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Chacal»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Boxeur Chinês»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Luis da Baviera»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«D. Camilo e os Jovens de Hoje»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«007 Vive e Deixa Morrer»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Paris Manicómio do Amor»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)
«Uma Razão para Viver Outra para Morrer»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio.
21.30 (14 anos)
«O Juiz Roy Bean»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Chantagem»
OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«A furia do Karate».
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Ferro em brasa»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«ALFREDO! ALFREDO»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Punhos de vingança».

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Deram-lhe uma metralhadora»
ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Jerry 8 3/4»
BATALHA
21.00 (18 anos)
«O misterioso Mr. Mackintosh»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O último comboio».
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»
COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Lady Caroline»
GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«A noite americana»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A máscara»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Vatzia (das 10 às 22 h.).
BELAS ARTES — Pinturas de Pires Vieira, Artur Varela José Ribeiro e Francisco de Oliveira; Salão de Março (das 14 às 20 h.).

CASINO ESTORIL — Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h.).
DINASTIA — Trabalhos de Augusto Barros (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» e obras de Gabriel Fauré (das 10 às 20 h.).
FUTURA — Mostra de trabalhos de Isabel Gândara (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GALERIA 111 — Pinturas de Lindstrom.

GALERIA «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — Trabalhos de Pina d'Emarghi (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h.).
GRAFIL — Xilogravuras de Heine Semke (das 15 às 20 h.).

GALERIA CASTILHO — Obras de Eduardo Rosa Mendes.
JUDITE DA CRUZ — Gravuras britânicas (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).
OPINIÃO — Obras de Lynden Keit Johnson (das 10 às 20 h.).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Severo Portela e Albano Portocarrero (das 15 às 20 h.)

PRISMA 73 — Trabalhos de Vitor Palla (das 15 às 20 h. excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h.).
QUADRANTE — Trabalhos de João Martins (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

QUADRUM — Obras de Victor Vasarely.
S. MAMEDE — Pintura de Patrick Swift (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).
S. FRANCISCO — Pintura desenho de Isabel Laginhas (das 19 às 13 e das 15 às 19 h.).

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

EM CASTELO BRANCO

QUATRO CORPOS EM PEDAÇOS NA EXPLOSÃO DE DOIS CAMIÕES

CASTELO BRANCO, 24 — Quatro mortos — pelo menos — é o balanço trágico de um acidente ocorrido ontem à noite, cerca das 21 horas, a três quilómetros desta cidade. Na Cruz de Montalvão, chocaram de frente dois camiões, um dos quais, pertencentes à Empresa de Transportes do Fundão, ia carregado de explosivos para as Minas da Panasqueira. O outro veículo, vinha da Pampilhosa da Serra carregado de madeira para a fábrica de celulose de Vila Velha de Ródão e era conduzido por Jaime Fernandes, de Pampilhosa da Serra, de onde era também natural o seu ajudante, José Joaquim de Almeida. Estes, tal como José Marques, condutor do camião dos explosivos, homem de 60 anos «há muito nesta vida», como nos disseram, residente no Fundão, ficaram feitos em pedaços, em consequência da explosão e incêndio, o mesmo acontecendo a, pelo menos o ajudante do veículo que se dirigia às Minas da Panasqueira e cuja identidade não conseguimos saber. Dado o estado em que ficaram os corpos, não foi ainda possível apurar se na cabina do camião carregado de explosivos seguiria mais alguém.

O impacto brutal da explosão, além do pânico causou alguns estragos em redor, partindo os vidros de um «stand» de automóveis, e destruindo uma bomba de gasolina e estilhaçando, igualmente, todos os vidros de um café próximo. Das pessoas que se encontravam neste estabelecimento foram atingidas três pelos estilhaços, as quais, depois de receberem tratamento puderam regressar a casa.

Os pedaços humanos foram recolhidos pelo hospital local, tendo tomado conta da ocorrência as esquadras da G.N.R. e da P.S.P..

ACÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE

Nas instalações da F.N.A.T. da Costa da Caparica realizou-se, ontem à noite, um colóquio sobre o Ultramar para os membros da Acção Nacional da Juventude, organização filiada na A.N.P., que foi orientada pelo titular da pasta do Ultramar, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, estando presentes, também o presidente da Comissão Executiva da A.N.P., dr. Elmano Alves, e o presidente da Câmara de Almada.

Foram abordados aspectos da política ultramarina, como a unidade na diversidade, multinacionalismo e defesa global, entre outros.

Esta manhã, efectuou-se a terceira sessão de trabalhos, durante a qual foram eleitas a mesa da assembleia-geral, a direcção e o conselho fiscal, sendo, ainda, discutida a alteração dos estatutos, no que diz respeito ao Art.º 2 em que, quando se diz que aquela associação se «propõe desenvolver actividades que possam contribuir para a formação integral dos seus associados» passará a ler-se «para a formação política dos seus associados».

O encerramento da assembleia decorrerá às 15 horas, no Convento dos Capuchos, no Monte de Caparica, sob a presidência do dr. Elmano Alves.

MOÇAMBIQUE

O COMANDO-CHEFE DESMENTE UM MASSACRE

LOURENÇO MARQUES, 24 — (ANI) — Em nota distribuída nesta cidade, o Comando-Chefe das Forças Armadas em Moçambique desmente um comunicado da Frelimo onde se referia que tropas portuguesas teriam «massacrado» elementos da população civil. Segundo aquele comando militar português, a aldeia mencionada no referido comunicado não é conhecida. E, na data indicada pela Frelimo como tendo sido a do alegado massacre — 13 de Janeiro passado — apenas foi realizada, na área, onde se localizaria a presumível aldeia, uma acção pelas forças portuguesas, de que resultou a morte de três guerrilheiros.

E o seguinte, na íntegra, o texto da nota do Comando-Chefe de Moçambique.

«Com a finalidade de impressionar a opinião pública internacional, a propaganda terrorista prossegue na sua habitual senda de mentira e de calúnia. Uma vez mais o tema escolhido foi o dos «massacres» com o que consegue, facilmente, captar as atenções dos espíritos ingénuos, desprevenidos ou mal intencionados.

Num comunicado distribuído pela Frelimo em Dar-Es-Salam, revelava-se que, em 13 de Janeiro findo, as forças nacionais haviam massacrado 28 elementos da população, na aldeia de Chimara ou Tchimar, na região de Tambara, cuja existência se desconhece.

«Na região de Tambara e naquela data as nossas tropas apenas realizaram uma operação onde foram mortos três terroristas.

«Essa mesma notícia foi rapidamente difundida pelas «imparciais» Rádio Moscovo e Rádio Pequim e reproduzidas pela agência soviética Tass, o que vem corroborar o franco acolhimento que aqueles países do bloco comunista dedicam às informações emanadas dos grupos terroristas.»

A nota do Alto Comando Português em Moçambique prossegue, acentuando:

«Esta encenação e orquestração, já rotineiras naquelas emissoras, constitui mais uma cortina de fumo lançada para encobrir as verdadeiras chacinas que os bandoleiros armados da Frelimo têm cometido ao longo destes dois últimos meses e em relação a algumas das quais nos querem atribuir a responsabilidade: Nhacambo (com 17 mortos e 31 feridos) é um marco bem triste dos recentes massacres perpetrados traiçoeiramente pelos terroristas, contra vítimas inocentes. Podemos citar outros crimes, entre os quais se encontram as chacinas de Manjanja (com seis mortos) e Chipanda (com dois mortos e um ferido grave), os assaltos a propriedades rurais, os ataques a viaturas civis e a composições ferroviárias, as violações de mulheres e os roubos de gado.

«Há, ainda, actos de terrorismo selectivo, como assassínios dos régulos Xavier, Campara (que foi decapitado, tendo-lhe ainda sido cortados os braços) do chefe Chale e do regedor Goinho.

«Ultimamente — prossegue ainda a mesma nota — resolveram raptar monitores escolares, chefes tradicionais e outros elementos da população, mas verifica-se que muitos dos raptados regressam aos seus aldeamentos logo que conseguem fugir da opressiva acção dos seus «libertadores». Atestam-no o elevado número de elementos da população apresentados, conforme tem sido divulgado.

«Pretendem, assim, com a brutalidade dos processos que utilizam, intimidar as populações com a finalidade de obter o seu coercivo apoio que quase sempre lhes é recusado.

«O Comando-Chefe de Moçambique não pode deixar de manifestar o seu veemente repúdio perante essa ignóbil manobra, visando a acção das Forças Armadas.»

DESPENHOU-SE NO ALGARVE UM AVIÃO DE TURISMO

TRÊS MORTOS E SEGUNDO SE SUPÕE MAIS UM DESAPARECIDO

FARO, 24 — Receia-se que tenham morrido todos os quatro ocupantes, incluindo o comandante, de um avião monomotor particular de matrícula austríaca (OE-DGD), que, vindo de Barcelona, devia ter chegado ao aeroporto de Faro às 19.30 de ontem e se despenhou às 21.30 na serra do Caldeirão.

O aparelho, tripulado pelo comandante Shubbert, caiu na vertical, após paragem dos motores, a poucos metros do lugar de Vale da Rosa, próximo de Barranco Velho, em plena serra. A tragédia foi presenciada por diversas testemunhas, sendo quase certo, por indicações que recolhemos no aeroporto da capital algarvia, que o acidente se deu por falta de combustível.

O local do desastre dista 40 quilómetros de Faro.

A avioneta saíra de Barcelona às 15.35 e, segundo o plano de voo, transportava quatro pessoas. Uma brigada dos Bombeiros Voluntários de Faro, que acorreu ao local, encontrou um montão de destroços e três cadáveres, prosseguindo as pesquisas, pela noite dentro, para encontrar o presumível quarto ocupante do aparelho.

Até à hora de fecharmos esta edição, ainda não tinha sido possível identificar os mortos, pelo que se desconhece — o que não fazia parte das indicações de bordo — a sua nacionalidade.

Tudo indica que o aparelho perdeu o rumo, por causa do forte temporal que ontem assolou o Algarve, com chuva abundante, vento forte e «tecto baixo». O comandante do aparelho tentou reencontrar o rumo várias vezes, até que esgotou o combustível.

Apesar de ter caído a 40 quilómetros de Faro, não chegou a estabelecer contacto com o aeroporto nos momentos críticos.

DESPORTO

Futebol oficial

Para o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão, estava previsto o jogo Cucujães-Valecambrense, mas não se realizou, tendo sido adiado.

Em relação ao torneio lisboeta de reservas, disputaram-se várias partidas, com os resultados que mencionamos: Casa Pia, O-Sintrense, 1; Estoril, 0-Benfica, 2; Povoense, 1-Alhandra, 1; Odivelas, 1-Torriense, 2 e Vilafranquense, 0-Sporting, 4.

METROPOLITANO DE ANDEBOL

O metropolitano de andebol conheceu ontem, no Pavilhão de Paço de Arcos, um dos seus momentos mais altos: o embate entre o Belenenses (à partida com 50 pontos) e o Benfica (49 no activo). Luta «tremenda» e resultado muito discutido: Belenenses, 17-Benfica, 8.

Outros desfechos: Académico, 18-Vitória de Setúbal, 10 e Desportivo de Portugal, 18-Progresso, 14.

O jogo Sporting-F.C. Porto efectua-se esta tarde (17 e 15) no Pavilhão do Liceu D. Pedro V, com transmissão directa pela RTP.

Com este triunfo, o Belenenses consolidou a sua posição de guia.

METROPOLITANO DE BASQUETEBOL

O torneio metropolitano de basquetebol (Primeira Divisão) teve mais uma jornada. Eis os desfechos dos vários embates: BPM, 75 - Vasco da Gama, 50; Ginásio Figueirense, 93-Sangalhos, 82; e Benfica, 99-Académica de Coimbra, 80.

O Porto recebe esta tarde, logo após o encontro de futebol nas Antas, a equipa do Sporting.

TRABALHADOR ATROPELADO

A princípio da noite de ontem, foi atropelado na Rua de Campolide um trabalhador de que não se sabe o nome, e ficou internado no Hospital de S. José. O seu estado é considerado de certa gravidade.

Sessão plenária do Conselho Ultramarino

A primeira sessão plenária regimental deste ano do Conselho Ultramarino inicia-se, na próxima quinta-feira, no Ministério do Ultramar, a fim de se pronunciar sobre «Comércio Interterritorial e desenvolvimento do Ultramar». Entre os pontos em agenda, destacam-se as necessidades do abastecimento nacional e a orientação da produção ultramarina, instrumentos de estabilização (como fundos, quotas e contratos de compra) mercado ultramarino e evolução das estruturas económicas territoriais e participação da indústria nacional no fornecimento de equipamento para o desenvolvimento do Ultramar.

ACTIVIDADES CULTURAIS DOS FENIANOS PORTUENSES

PORTO, 24 — No decorrer duma reunião com os representantes dos orgãos de Informação, o Clube Fenianos Portuenses deu a conhecer o programa cultural para o ano em curso.

O presidente da direcção da colectividade, Faustino da Costa Andrade, usou da palavra para fazer uma evocação histórica das actividades, a partir da sua fundação, em 1904, e que referiam desde a abolição das portagens na ponte de D. Luis, à regularidade do descanso semanal. Relembrou o que possivelmente já estava esquecido e o que tem sido a vida do clube nestes seus trinta anos de existência.

O rev. dr. Alexandre Brochado, director das actividades culturais, saudou os representantes dos orgãos de Informação, salientando, a falta de escolas de jornalismo no nosso País e da vocação que é necessário ter para se integrar na profissão.

Referiu, depois, o que vai ser a actividade dos Fenianos Portuenses, como seja o caso dos jogos florais, de conferências e mesas-redondas sobre assuntos de interesse cultural e artístico, informando, a propósito, que D. Domingos de Pinho Brandão fará uma conferência sobre «Artistas Portugueses dos séculos XVII e XVIII» assim como o prof. António Cruz, que dissertará sobre Camões — palestra integrada nas comemorações do IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas». Está também assegurada a participação dos drs. Miranda de Andrade e Mário Fiuza.

Alguns centenários célebres serão também assinalados, como os de Gomes Eanes Azurara, Damião de Góis, Guilherme Braga, Egas Moniz e Alfredo Pinto Sacavém.

«Triângulo Vermelho» será o grupo teatral a quem as portas da colectividade serão abertas.

GARRAFÃO RESTAURANTE

Praia de Leça da Palmeira
— LEIXÕES —
Telefones: 930693 e 930537
ENCERRADO AOS DOMINGOS